QUARTO

Livro de Leitura

(SÉRIE FONTES)

FCC
00018508 - 6

Adotado nas escolas públicas do Estado de Santa Catarina

NOVA EDIÇÃO

posta de acôrdo com a ortografia oficial
(decreto-lei federal n. 292, de 23 de fevereiro de 1938)

TIP. LIVRARIA CENTRAL
de
ALBERTO ENTRES
FLORIANÓPOLIS
1940

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

E - Sta Catarina
H — 1168

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

QUARTO LIVRO DE LEITURA

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

QUARTO

Livro de Leitura

(SÉRIE FONTES)

Adotado nas escolas públicas do Estado de Santa Catarina

SC
372.24
=683q
:L.

NOVA EDIÇÃO

posta de acôrdo com a ortografia oficial

TIP. LIVRARIA CENTRAL
de
ALBERTO ENTRES
FLORIANÓPOLIS
1940

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Biblioteca Pública do Estado
FLORIANÓPOLIS

Reg. no	Data
10797	27-9-74

BIBLIOTECA PÚBLICA
Reg. nº 1168
FLORIANÓPOLIS
2/5/69
SANTA CATARINA

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

PREFÁCIO

Sem ter presentemente nenhuma responsabilidade na administração do ensino público, continuo, entretanto, com o mesmo carinho e a mesma firmeza de outrora, a preocupar-me com o problema da educação popular.

Daí o ter-me incumbido da organização do **Quarto Livro de Leitura,** *que completa a série de livros escolares que, quando Diretor da Instrução, iniciei em 1920, publicando a* **Cartilha Popular** *e o* **Primeiro** *e* **Segundo Livro,** *aos quais a Diretoria daquela repartição, devido principalmente aos esforços do sr. inspetor Luiz Trindade, acrescentou o* **Terceiro Livro,** *estampado em 1929.*

No presente livro — compilação de trechos em que brilham lições de moral e civismo, — como nos anteriores, sem prejuizo de que, no feitio pedagógico e literário, pudesse emparelhar com os congêneres, procurei a modicidade do custo, para lhe facilitar a aquisição aos menos providos de recursos e para que o Estado o possa tambem largamente distribuír.

Para ajudar os alunos no preparo das lições e para habituá-los ao manejo do dicionário, acrescentei no final do livrinho uma explicação das palavras que lhes possam causar dificuldades na compreensão.

É-lhes assim, tambem, apontado o caminho por seguir, quando, sem já contarem com o auxílio do mestre, tenham de bem penetrar no sentido do que forem lendo.

Florianópolis, maio de 1930.

Henrique Fontes

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

1. HINO AO CREADOR

Domingos José Gonçalves de Magalhães

Entoa, ó minha alma,
Um hino ao Senhor,
Um hino de glória,
Ao teu Creador.

A luz que te aclara
E' dêle emanada,
E a tua linguagem
Por Êle inspirada.

Embalde procuras
O bem sôbre a terra;
O bem que desejas
Só nele se encerra..

No meio das ondas
O nauta mais forte
Pergunta às estrêlas
Qual é o seu norte.

Se o mar se enfurece,
Se o vento se altera,
Invoca Seu nome,
E salvar-se espera.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Se tu sempre atenta
Seu mando escutares,
E por seus ditames
Fiel te guiares:

Que haverá que possa
Roubar-te a vitória?
O bem terás certo,
Terás certa a glória.

Entoa, ó minha alma,
Um hino ao Senhor,
Um hino de glória,
Ao teu Creador.

---

2. A FAMÍLIA

Henrique Coelho

Sejamos bons filhos, bons irmãos, bons parentes, e teremos conhecido uma das grandes felicidades da vida.

Honrar o nome da família, elevá-lo, ennobrecê-lo pela retidão do procedimento público ou particular, eis a suprema alegria que os filhos podem dar aos pais, em troca do carinho, da solicitude que estes lhes dispensam.

Sejamos bons filhos. Lembrando-nos de

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

que talvez não reste muito tempo de vida a nossos pais, estremecendo-os num incessante culto de afeto e gratidão, tornando nos dignos da sua bênção, nada, absolutamente nada, poupemos para contentá-los.

Estreita os laços da família a concórdia entre irmãos que se estimam e protegem.

Nossos irmãos devem ser os nossos maiores amigos, e cumpre-nos tratá-los cordialmente, fazendo por êles o que por nós mesmos faríamos

Sejamos, em fim, bons parentes, benévolos, prestimosos. Dêsses a quem nos liga o sangue nos aproxime o coração.

No seio da família completa-se o que se adquire no ambiente da escola. O pai continua a tarefa do mestre, aconselhando e guiando; o filho é ainda o discípulo, atento e obediente.

Da escola traz o discípulo a mente esclarecida; da família recebe a grande lição da solidariedade, que vai ser a inspiradora do seu procedimento na vida social.

Na família está o germen da confraternidade. Pais, filhos, irmãos e parentes cuidam uns dos outros, valendo-se, ajudando-se, sempre unidos pelo coração, sempre movidos pela bondade.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

3. A avòzinha

CARLOS PORTO CARREIRO

Sempre que me lembro da infantil vivenda,
Pinta-se-me n'alma que a saudade vela,
A avòzinha meiga que fazia renda,
No terreiro limpo junto da janela.

Quando o sol surgia redourando o açude,
Ao cantar dos galos se casava, perto,
O bater dos bilros na almofada rude
Como o tique-taque dum relógio certo.

E ela prosseguia no febril „repique",
Remexendo os bilros com a mãozinha leve,
Com a mãozinha leve percorrendo o „pique"
Da intricada trama de jasmins e neve.

Às ave-Marias, na feliz vivenda,
Quando a tarde vinha despedir-se dela,
Avòzinha erguia-se e enrolava a renda,
No terreiro limpo junto da janela.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

4. O poder da família

Samuel Smiles

O lar doméstico é a primeira e a mais importante escola do caráter. E' alí que todo o ser humano recebe a sua melhor educação moral, ou a peor; é alí que se penetra dos princípios de conduta na vida, os quais não hão de acabar senão com ela.

Há um provérbio que diz: „Os costumes fazem o homem", e outro: „O espírito faz o homem"; mais verdadeiro, porém, do que estes dois é um terceiro: „O lar faz o homem"; porque a educação da família compreende não só os costumes e o espírito, mas tambem o caráter. E' sobretudo por ela que o coração se abre, que os hábitos se formam e que o caráter se amolda para o bem ou para o mal.

Desta fonte, pura ou impura, nascem os princípios e as máximas que governam a sociedade. A lei mesma não é senão um reflexo da família.

Os mais pequenos fragmentos de opinião semeados no espírito das crianças na vida privada brotam mais tarde no mundo, e convertem-se em opinião pública; porque a nação se forma com as crianças, e aqueles que as dirigem exercem um poder talvez maior do que aqueles que teem as rédeas do govêrno.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

5. O avô

OLAVO BILAC

Êste, que, desde a sua mocidade,
Penou, suou, sofreu, cavando a terra,
Foi robusto e valente, e, em outra idade,
Servindo a Pátria, conheceu a guerra.

Combateu, viu a morte, e foi ferido;
E, abandonando a carabina e a espada,
Veio, depois do seu dever cumprido,
Tratar das terras, e empunhar a enxada.

Hoje, a custo sòmente move os passos...
Tem os cabelos brancos; não tem dentes...
Porém remoça, quando tem nos braços
Os dois netos queridos e inocentes.

Conta-lhes os seus anos de alegria,
Os dias de perigos e de glórias,
As bandeiras voando, a artilharia
Retumbando, e as batalhas e as vitórias...

E fica alegre, quando vê que os netos,
Ouvindo-o, vendo-o, e lhe invejando a sorte,
Batem palmas, extáticos, e inquietos,
Amando a Pátria sem temer a morte!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

6. Amor de mãe

Edmundo d'Amicis

Henrique.

Em presença da mestra de tua irmã faltaste hoje ao respeito que deves a tua mãe.

Que isto nunca mais aconteça, Henrique: — nunca mais!

Tuas palavras irreverentes penetram-me no coração como uma ponta de aço.

Lembrei-me logo de quando, há pouco tempo, esteve tua boa mãe debruçada uma noite inteira sôbre teu berço, medindo tua respiração, chorando lágrimas angustiosas, cheia de terror, quasi louca, com receio de perder-te! E, ao lembrar-me disso, experimentei um sentimento de horror por ti.

Tu ofenderes a tua mãe! Tua mãe, que daria um ano de felicidades para poupar-te um só momento de dor! Tua mãe, que mendigaria para ti, e que se deixaria matar para te salvar a vida!

Ouve, Henrique, e fixa bem na memória o que te vou dizer: imagina que em tua vida

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

te estão reservados muitos dias terriveis; porém o mais terrivel de todos será aquele em que perderes tua mãe. Mil vezes, Henrique, quando fores homem, forte e experimentado nas lutas, tu a invocarás, oprimido por um desejo imenso de ouvir ainda uma vez sua meiga voz; de te sentires ainda uma vez apertado em seus braço sconvulsos ,como um pobre rapaz sem confôrto.

Como te recordarás então de todas as amarguras que lhe causaste! E com que remorsos hás de expiá-las todas!

Infeliz! Não esperes tranquilidade na tua vida, se tiveres contristado tua mãe. Podes arrepender-te; podes pedir-lhe perdão; podes venerar sua memória; tudo será inutil.

Tua conciência não te dará paz; aquela imagem doce e boa terá sempre para ti uma expressão de tristeza e de retraimento, que te ha de torturar a alma.

Toma bem sentido, Henrique: o amor para com nossas mães é o mais sagrado de todos os afetos humanos; e ai daquele que o

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

não tem! O assassino que venera sua mãe, tem ainda qualquer coisa de honesto e de nobre no coração; e o mais glorioso dos homens, que a ofenda e magoe, não é senão uma creatura vil.

Que te não saia mais da boca uma frase dura para aquela que te deu a vida; e, se alguma te escapar ainda, que não seja o temor de teu pai, e sim o impulso de tua alma, que te lance a seus pés, a suplicar-lhe que com o beijo do perdão te apague da fronte o estigma de ingrato!

Eu te amo, meu filho: tu és a esperança mais cara da minha vida; mas antes quero ver-te morto do que ingrato para tua mãe.

Dispenso por algum tempo as tuas carícias. Eu não poderia retribuir-tas com o coração.

A educação por bons exemplos é mais eficaz do que por boas doutrinas.

Marquês de Maricá

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

7. Ser mãe

COELHO NETO

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
O coração! Ser mãe é ter, no alheio
Lábio que suga, o pedestal do seio,
Onde a vida, onde o amor cantando vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra
Sôbre um berço dormindo! é ser anseio,
E' ser temeridade, é ser receio,
E' ser fôrça que os males equilibra!

Todo o bem que a mãe goza é bem do filho,
Espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!

Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso!...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

8. MEU PAI

Júlia Lopes de Almeida

Ulule a ventania, chova ou faça sol, à hora determinada pelo seu trabalho, meu pai, esteja forte ou esteja combalido, diz um adeus à família e sai de casa.

Começo a perceber que isso deva ser um sacrifício para êle, que já não é moço e se sujeita a trabalhos demorados e penosos para manter a família ao abrigo das necessidades... Mas, por que me não disse êle pela sua boca o que só agora me é dado adivinhar? Eu teria esperdiçado tão ingratamente horas de estudos, se avaliasse o que custavam a meu pai os livros, os papéis, os lapis que me dava e a roupinha asseada com que me apresentava na escola, e o calçado que eu maltratava sem cuidado, tudo adquirido com o suor do seu rosto?

Eu teria desprezado ao almoço o prato de feijão, com o pretexto de já ter comido na véspera a mesma coisa, ou abandonado um pedaço de pão, por não ser do próprio dia? Não! Se não achasse tais alimentos deliciosos, calar-me-ia ao menos, dando graças àquele que, para eu não ter fome, labutava lá fora desde a manhã até ao anoitecer...

Ah! como sou feliz em poder penetrar sòzinho na alma grande e nobre dêste amigo único, que despiria por mim a sua última camisa, que se deixaria matar para poupar-me a vida, e que, entretanto, não cessa de apontar-me rudemente o trabalho, o trabalho a que êle mesmo sucumbe, como o único elemento puro de felicidade na terra!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

9. Em família

AFONSO CELSO

São horas de jantar...
A indócil meninada
De tudo quer provar,
Mas ei-la socegada:

A mãe a cada qual já deu o seu quinhão
E, sentando-se em fim, diz com satisfação:
«Pronto! posso comer; todos estão servidos,
Ninguem falta...»

Entretanto alguem pelos vestidos
Põe-se a puxá-la.
Então, erguendo-se outra vez,
Novo prato ela faz com toda a placidez,
E entrega sob a mesa as carnes que tempera
A um pequenino cão que ansioso estava à espera.

O respeito unido ao amor, eis o que funda moralmente a família: o respeito descendo do pai e da mãe e subindo dos filhos ao pai e à mãe; o amor descendo do pai e da mãe e subindo dos filhos ao pai e à mãe.

Emílio Faguet

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

10. Solidariedade familiar

O amparo mútuo que deve existir entre ascendentes e descendentes e entre irmãos não é apenas obrigação moral, é tambem obrigação fixada em lei.

E', por isso, de importância conhecer as determinações do Código Civil Brasileiro relativas aos *alimentos*, convindo saber que, em direito, tem essa palavra uma significação especial.

Por *alimentos* se entende tudo o que é necessário ao sustento, habitação, roupa, tratamento de moléstias e, se o alimentário é menor, às despesas de criação e educação.

São as seguintes as disposições do Código:

„Art. 397. — O direito à prestação de alimentos é recíproco entre pais e filhos, e extensivo a todos os ascendentes, recaindo a obrigação nos mais próximos em grau, uns em falta de outros.

Art. 398. — Na falta dos ascendentes cabe a obrigação aos descendentes, guardada a ordem da sucessão e, faltando estes, aos irmãos assim germanos, como unilaterais.

Art. 399. — São devidos os alimentos quando o parente, que os pretende, não tem bens, nem pode prover, pelo seu trabalho, à própria

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

mantença, e o de quem se reclamam, pode fornecê-los, sem desfalque do necessário ao seu sustento.

Art. 400. — Os alimentos devem ser fixados na proporção das necessidades do reclamante e dos recursos da pessoa obrigada.

Art. 401. — Se, fixados os alimentos, sobrevier mudança na fortuna de quem os supre, ou na de quem os recebe, poderá o interessado reclamar do juiz, conforme as circunstâncias, exoneração, redução, ou agravação do encargo.

Art. 402. — A obrigação de prestar alimentos não se transmite aos herdeiros do devedor.

Art. 403. — A pessoa obrigada a suprir alimentos poderá pensionar o alimentando, ou dar-lhe em casa hospedagem e sustento.

Parágrafo único. — Compete, porém, ao juiz, se as circunstâncias exigirem, fixar a maneira da prestação devida.

Art. 404. — Pode-se deixar de exercer, mas não se pode renunciar o direito a alimentos".

A boa educação é feita de pequenos sacrifícios.

Emerson

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

11. A LEOA

Raimundo Corrêa

Não há quem a emoção não dobre e vença,
Lendo o episódio da leoa brava,
Que, sedenta e famélica, bramava,
Vagando pelas ruas de Florença.

Foge a população espavorida,
E na cidade deploravel e erma
Topa a leoa só, quasi sem vida,
Uma infeliz mulher debil e enfêrma.

Em frente à fera, no estupor do assombro,
Não já por si tremia, ela, a mesquinha,
Porém, porque era mãe, e o pêso tinha,
Sempre caro p'r'as mães, de um filho ao ombro.

Cegava-a o pranto, enrouquecia-a o chôro,
Desvairava-a o pavor!... e, entanto, o lindo
E tenro infante, pequenino e louro,
Plácido estava nos seus braços rindo.

E o olhar desfeito em pérolas celestes
Crava a mãe no animal, que pára e hesita,
Àquele olhar de súplica infinita,
Que é só próprio das mães em transes dêstes.

Mas a leoa, como se entendesse
O amor da mãe, incólume deixou-a...
É que êsse amor até nas feras vê-se!
E é que era mãe talvez essa leoa!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

12. PARENTESCO

Definições e espécies

PARENTESCO é a relação que vincula entre si pessoas descendentes umas das outras ou de um autor comum (consanguinidade), e que aproxima cada um dos cônjuges dos parentes do outro (afinidade). O parentesco tambem se estabelece, por uma ficção do direito, por meio de adoção.

O parentesco pode ser, portanto:

1. *Consanguíneo*, quando se funda na igualdade de sangue.

2. Afim, quando se forma entre um indivíduo e a família do outro, por intermédio do casamento. Os parentes do marido são afins da mulher. Os parentes da mulher são afins do marido.

3. *Meramente civil*, quando emana do contrato de adoção, pelo qual se cria entre o adotante e o adotado uma relação fictícia de paternidade. Só as pessoas maiores de cincoenta anos sem filhos legítimos ou legitimados podem adotar, devendo o adotante ser, pelo menos, 18 anos mais velho do que o adotado.

Dizem-se *parentes em linha reta* as pessoas que estão umas para as outras na relação de ascendentes e descendentes; por exemplo: o pai e o filho; o avô e o neto; o bisavô e o bisneto.

São *parentes em linha colateral* ou *transversal* as pessoas que provêm de um só tronco, sem descenderem uma da outra; por exemplo:

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

dois irmãos, cujo autor comum é o pai; o sobrinho e o tio, cujo ascendente comum é o avô.

O parentesco em linha reta é infinito: todos os que se acharem entre si na relação de ascendentes e descendentes são vinculados em linha reta.

A linha colateral, ou transversal, de acôrdo com o direito brasileiro, limita-se aos parentes até ao sexto grau.

Do sexto grau em diante, para os efeitos de herança, os membros da mesma família já não são considerados parentes.

Graus de parentesco e sua contagem

Grau é a distância que existe entre dois parentes.

Na linha reta, contam se os graus de parentesco pelas gerações. Assim o pai e o filho são parentes no primeiro grau; o avô e o neto no segundo; o bisavô e o bisneto no terceiro; o trisavô e o trineto no quarto; o tetravô (ou tataravô) e o tetraneto (ou tataraneto) no quinto.

Na linha colateral, contam-se os graus tambem pelo número de gerações, mas subindo de um dos parentes ao ascendente comum, e descendo depois, até encontrar o outro parente.

Exemplos. — 1. Em que grau somos parentes eu e meu irmão? — E' facil calcular: *o ascendente comum é meu pai;* entre mim e meu pai há uma geração; entre meu pai e meu irmão há tambem uma geração. Temos, pois, uma geração, mais uma geração, duas gerações. *Eu e meu irmão somos*, portanto, *parentes colaterais no segundo grau.*

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

O quadro seguinte esclarece bem a contagem:

Meu pai
1 2
EU Meu irmão.

2. Entre mim e meu tio temos a seguinte contagem: *o ascendente comum é meu avô:* uma geração entre mim e meu pai, uma entre meu pai e meu avô, uma entre meu avô e meu tio. Total: tres gerações, como abaixo se vê:

Meu avô
2 3
Meu pai Meu tio.
1
EU

Tio e sobrinho são, pois, parentes colaterais no terceiro grau.

3. Os primos são parentes em quarto grau, conforme apresenta a demonstração subsequente:

Meu avô
2 3
Meu pai Meu tio
1 4
EU Meu primo.

4. A tabela abaixo mostra que os primos-terceiros são parentes em sexto grau:

Meu bisavô
3 4
Meu avô Meu tio-avô
2 5
Meu pai Meu primo-segundo
1 6
EU Meu primo-terceiro.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

13. A CASA

OLAVO BILAC

Vê como as aves teem, debaixo d'asa,
O filho implume, no calor do ninho!...
Deves amar, criança, a tua casa!
Ama o calor do maternal carinho!

Dentro da casa em que nasceste és tudo...
Como tudo é feliz, no fim do dia,
Quando voltas das aulas e do estudo!
Volta, quando tu voltas, a alegria!

Aqui deves entrar como num templo,
Com a alma pura, e o coração sem susto:
Aquí recebes da Virtude o exemplo,
Aquí aprendes a ser meigo e justo.

Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde,
Pede a Deus que a proteja eternamente!
Porque talvez, em lágrimas, mais tarde,
Te vejas, triste, desta casa ausente...

E, já homem, já velho e fatigado,
Te lembrarás da casa que perdeste,
E has de chorar, lembrando o teu passado...
— Ama, criança, a casa em que nasceste!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

14. Higiene da habitação

José Rangel

A habitação é o abrigo que o homem constrói para se proteger contra os rigores do tempo; é, ao mesmo tempo, a sua tenda de trabalho, ou o refúgio onde vai procurar o repouso para o seu corpo e o seu espírito fatigado.

Pobre, ou dotada de luxuosas instalações, situada nos grandes centros urbanos, nas zonas rurais, ou mesmo no interior dos sertões, a habitação precisa de preencher os requisitos exigidos pela saúde, pela relativa comodidade e segurança dos seus moradores.

Além disso, para que se torne agradavel a permanência no lar, deve êste dispor de certos atrativos que especialmente o bom gosto sabe descobrir.

O capricho, a arte feminina, o asseio, a alegria e a paz conseguem fazer de um interior modesto um meio muito mais simpático e convidativo que o de muitas suntuosas habitações, às quais apenas a riqueza e o luxo emprestam a aparente e ilusória impressão de bem estar.

Construir para si e para os seus a moradia aprazivel, higiênica e confortavel, deveria ser a preocupação de toda a pessoa sensata e previdente.

Para assegurar saúde e tranquilidade, a habitação precisa de estar bem localizada e preservada das humidades do solo, de receber ar e luz natural em abundância e ser construída de acôrdo com as exigências do clima; deve o nosso domicilio ser abastecido com água pura e em quantidade suficiente para as diversas necessidades domésticas; ser expurgado diàriamente de todos os resíduos e imundícies e defendido contra as poeiras e contaminações impuras, provenientes das más vizinhanças, dos insetos e dos animais domésticos

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

15. Ubi natus sum

LUIZ DELFINO

Na rua Augusta, em Santa Catarina,
A cama em cima de uns pranchões de pinho,
Aí nasci, foi aí o humilde ninho
De uma creatura mórbida e franzina.

Nos fundos duma loja pequenina,
O lençol branco a arder na luz do linho.
Da minha mãe, da minha mãe divina,
Tive o primeiro tépido carinho.

Meu pai foi sempre a honra em forma humana,
Tinha a virtude máscula e romana,
Não era autero só, — era feroz

Trabalhava incessante, noite e dia,
Como um leão, seu antro defendia,
E era uma pomba para todos nós

NOTAS — 1. *Ubi natus sum* é frase latina que quer dizer: *Onde nasci*.

2. A rua Augusta fica em Florianópolis. Chama-se hoje rua João Pinto. A casa em que nasceu o poeta ainda existe, havendo em sua frontaria uma placa em que é lembrado êsse fato.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

16. Inviolabilidade de domicílio

Araújo Castro

A inviolabilidade de domicílio, respeitada em todos os países livres, é tida como consectário e prolongamento da liberdade individual.

«A casa protege o indivíduo e a família como o corpo protege a alma».

«A casa é o asilo inviolavel do indivíduo: ninguem pode aí penetrar, de noite, sem o consentimento do morador, senão para acudir a vitimas de crimes ou desastres, nem de dia, senão nos casos e pela forma prescritos na lei».

Embora, em direito civil, o conceito de domicílio seja diferente do de residência, em geral, quando se fala em inviolabilidade de domicílio, tem-se em vista unicamente a residência do indivíduo.

Pouco importa mesmo que êste seja proprietário ou locatário: basta que o fato da habitação seja certo.

O princípio da inviolabidade de domicílio não protege sòmente a casa, mas tambem suas dependências, como pátios, jardins, etc.

O Código Penal comina pena contra quem entra à noite em casa alheia ou em qualquer de suas dependências sem licença do morador.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Só é permitida a entrada à noite em casa alheia nos seguintes casos: a) incêndio; b) imediata e iminente ruína; c) inundação; d) pedido de socorro; e) se se estiver alí cometendo crime ou violência contra alguem.

Durante o dia, a entrada é facultada nos casos acima referidos e mais: a) nos de flagrante delito ou em seguimento de réu achado em flagrante; b) naqueles em que, de conformidade com as leis, se tiver de proceder à prisão de criminosos, à busca ou apreensão de objetos havidos por meios criminosos, à investigação dos instrumentos ou vestígios do crime ou de contrabandos e à penhora ou sequestro de bens ocultados. Em qualquer destas hipóteses, torna-se preciso não só a ordem escrita da autoridade que determinar a entrada na casa, como a assistência de escrivão ou de qualquer oficial de justiça com duas testemunhas.

A educação não é uma obra de que possam ver a cornija, nem sequer o pavimento, os mesmos que trabalharam nos alicerces.

Joaquim Nabuco

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

17. Domus aurea

Cruz e Sousa

De bom amor e de bom fogo claro
Uma casa feliz se acaricia...
Basta-lhe luz e basta-lhe harmonia
Para ela não ficar no desamparo.

O sentimento, quando é nobre e raro,
Veste tudo de cândida poesia...
Um bem celestial dêle irradia,
Um doce bem que não é parco e avaro.

Um doce bem que se derrama em tudo,
Um segrêdo imortal, risonho e mudo,
Que nos leva debaixo da sua asa.

E os nossos olhos ficam rasos d'água,
Quando, rebentos, de uma oculta mágua,
São nossos filhos todo o céu da casa.

NOTA — *Domus aurea* são palavras latinas que significam: *Casa de ouro*

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

18. O torrão natal

Joaquim Manoel de Macedo

Um célebre poeta polaco, descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu país, imaginou que as aves e os animais ali nascidos, se por acaso longe se achavam, quando sentiam aproximar-se a hora da sua morte, voavam, ou corriam e vinham todos expirar à sombra do bosque imenso onde tinham nascido.

O amor da pátria não pode ser explicado por mais bela e delicada imagem.

Coração sem amor é um campo árido, quasi sempre, ou sempre, cheio de espinhos e sem uma única flor que nele se abra e o amenize.

Haveria sòmente um homem em quem palpitasse coração tão sêco, tão enregelado e sem vida de sentimentos: o homem que não amasse o lugar do seu nascimento.

Depois dos pais, que recebem o nosso primeiro grito, o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos: é um duplo receber, que é duplo dar.

As idéias grandes e generosas dilatam o horizonte da pátria; a religião, a língua, os costumes, as leis o govêrno, as aspirações fazem de uma grande nação uma grande família, e de um país imenso a pátria de cada membro dessa família.

Mas, deixem-me dizer assim, a grande não pode fazer olvidar a pequena pátria; dessa arvore majestosa que se chama a nação, o país, não há quem não sinta que a raiz é a familia e o berço pátrio.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

19. Visita à casa paterna

Luiz Guimarães Júnior

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de longo e tenebroso inverno,
Eu quis tambem rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei. Um gênio carinhoso e amigo,
O fantasma, talvez, do amor materno,
Tomou-me as mãos, — olhou-me grave e terno
E, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... (Oh! se me lembro! e quanto!)
Em que, da luz noturna à claridade,
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem há de?
— Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

20. A pequena pátria

Marcos Konder

A pátria, — já o disse alguem, — é primeiramente a casa em que nascemos, a casa de nossos pais, a casa de nossos filhos. Depois, a pátria é o povoado, a aldeia, a vila, a cidade, o município em que primeiro vimos a luz do dia, reunião de nossas casas, cohabitação de nossas famílias. Em seguida, a pátria é a nossa província, o nosso Estado, formado pelo conjunto dos nossos povoados, das nossas aldeias, das nossas vilas, das nossas cidades. E, por fim, a pátria é o nosso país, a nossa grande Pátria, abrigando sob um pálio imenso Estados, municípios, povoações e lares. Os átomos formando a molécula, as moléculas produzindo o corpo, os corpos realizando a matéria. Partes componentes de um só todo, sem o átomo infinitesimal não existiriam a molécula, o corpo, a matéria. Assim tambem quem não ama a sua família, o seu lar, a sua terra natal, não pode amar o seu Estado, o seu país, a sua Pátria.

Amemos, pois, a nossa terra com paixão e carinho! Amemo-la nos nossos poentes e nas nossas madrugadas, nos nossos montes e nas nossas vargens, nos nossos rios e no nosso mar, nas nossas florestas e nos nossos descampados, nos panoramas da natureza magnífica que foi o primeiro enlêvo dos nossos olhos e o primeiro teatro dos nossos folguedos!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

21. De volta à terra

Paulo Setúbal

Minha terra... Ai, com que abalo,
Com que sincera emoção,
Eu, dando rédea ao cavalo,
Margeio êste fundo valo,
Caminho de meu torrão!

Que sol! que esplnêdido brilho!
Com a alma inteira a vibrar,
Eu corto as roças de milho
Por êste sinuoso trilho
Que à minha terra vai dar...

Ninhos... flores... que tesouro!
Que alegria vegetal!
À luz do sol quente e louro,
Com seus penachos côr-de-ouro,
Como fulge o milharal...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

E abelhas, asas espertas,
Com seu voar zumbidor,
Pousam trêfegas, incertas,
Pelas corolas abertas,
Das parasitas em flor!

Vai um rumor claro e brando,
Na alta fronde dos ipês,
Os pintassilgos em bando,
De galho em galho saltando,
Gorgeiam duma só vez...

E enquanto sigo, enlevado,
Numa alegria sem fim,
Eu sinto, de cada lado,
Que um trecho do meu passado,
Em tudo, ri para mim.

E embora ninguem compreenda
O gôzo desta emoção,
Eu vejo, ó gloria estupenda!
O casarão da fazenda
Surgir além, no espigão...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

E como aquí nesta roça
São todos amigos meus,
À porta de cada choça,
Toda gente se alvoroça
Para vir dizer-me adeus.

E' o Quincas... E' o Zé Colaço...
O Juca Elias, nhô João...
Todos êles, quando eu passo,
Num longo, num rude abraço,
Me apertam no coração!

E eu noto ao ver „seu" Claudino,
Que o olhar em pranto êle traz,
— E' um velho meigo e franzino
Que outrora me viu menino,
E que hoje me vê rapaz...

Chego... Que festa infinita!
Como êles me querem bem!
Até a pobre nhá Rita,
Com seu vestido de chita,
Quer abraçar-me tambem...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

E enquanto, sem mais demora,
Vão-me servindo o café,
Revejo a sala de outrora,
Com a mesma Nossa Senhora
Ao lado de São José!

E assim, em meio a isso tudo,
Eu num assomo cruel,
Tenho o desejo sanhudo
De arremessar o canudo
Com a carta de bacharel,

E na doçura que encerra
Esta simpleza daquí,
— Viver de novo na serra,
Entre as gentes desta terra,
A vida que eu já viví...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

22. A PÁTRIA

Rui Barbosa

A pátria é o céu, o solo, o povo, a tradição, a conciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua, e da liberdade.

Os que a servem, são os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emudecem, os que se não acobardam, mas resistem, mas ensinam, mas se esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo.

---

23. A Pátria

Aquino Corrêa

Minha terra é Pindorama,
De palmares sempre em flor;
Quem os viu e não os ama,
Não tem alma nem amor!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Santa Cruz é minha terra,
Terra santa, cá do sul;
Seu pendão a cruz encerra,
Tem a cruz no céu azul!

Deus, num último batismo,
Meu país Brasil chamou;
Se me abrasa o patriotismo,
Brasileiro então eu sou!

Eis os nomes que assinalam
Minha terra sempre em flor;
São tres nomes que me falam
De beleza, fé e amor.

Pindorama! és meu encanto!
Santa Cruz! és minha fé!
Oh! Brasil! eu te amo tanto,
Que por ti morrera até!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

24. Pindorama

Eurico de Góis

Conquanto os nossos índios não tivessem, nem pudessem ter, uma idéia de pátria como nós, o certo é (segundo afirma o general Couto de Magalhães, que inúmeras vezes atravessou os nossos sertões, de norte a sul e de nascente a poente, e conviveu durante anos com diversas tribus) que êles conheciam o imenso território que vai do Amazonas até mais ou menos à lagoa dos Patos, sob o nome de *Pindorama* ou *Pindó-retama* o que em tupí, significa *região das palmeiras*, em oposição ao interior por êles não ocupado e a que denominavam *Tapuirama*, *pátria* dos *tapuias*, ou região das tabas ou aldeias.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

25. Terra do Brasil

D. Pedro II

Espavorida agita-se a criança
De noturnos fantasmas com receio,
Mas, se abrigo lhe dá materno seio,
Fecha os doridos olhos e descansa.

Perdida é para mim toda a esperança
De volver ao Brasil; de lá me veio
Um punhado de terra; e nesta creio
Brando será meu sono e sem tardança.

Qual o infante a dormir em peito amigo,
Tristes sombras varrendo da memória,
O' doce Pátria, sonharei contigo!

Entre visões de paz, de luz, de glória,
Sereno aguardarei no meu jazigo
A justiça de Deus na voz da História!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

26. LÍNGUA PORTUGUESA

Afrânio Peixoto

A língua portuguesa não atingiu ainda sua perfeição: comparada a suas três próximas irmãs, parece mais moça, pelo que ainda se há de esperar dela. Idioma de um pequeno povo, passou a ser o de uma grande nação, que, embora já cinco vezes mais numerosa de gente, ainda está na infância. Sem desatinada esperança, mais um século, pode ser que a cheguem a falar cem milhões de brasileiros.

Que será dela então, se já hoje José de Alencar ou Gonçalves Dias, Machado de Assis ou Rui Barbosa, são artistas que nos honram, e até a glorificam?

Cumpre-nos respeitá-la e serví-la. Passá-la adiante, conservada como a recebemos de nossos avós, senão melhorá-la, para maior vantagem dos nossos filhos. Respeitá-la, preservando a sua pureza, tal como nos ensinaram os bons exemplos da vernaculidade; serví-la, criando obras sinceras, comovidas, profundas, que testemunhem do nosso gênio. Ela falará de nós, quando já não existirmos; será na posteridade a confissão da nossa glória.

Amemos, pois, essa formosa língua vernácula, para que

„Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for
Senhora vá de si, soberba e altiva".

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

27. Terra de Santa Cruz

Rosalina Coelho Lisboa

Rendilhada de luar, para a glória da vida,
Num fausto sem igual, abrindo o seio em flor,
De tesouros pejada, ante o descobridor
Uma ignota região jazia adormecida...

E o estrangeiro indagava, em sua alma atrevida,
Que fôrça arrancaria a riqueza e o esplendor
Dessa presa opulenta ao ínclito valor
De sua raça, em mil conquistas aguerrida...

Mas dos mastros herís a rijeza se erguia
Para o espaço, onde, em lácteas luzes de alabastros,
A pompa milenar das estrêlas fulgia.

E o olhar do herói seguiu a indicação dos mastros:
— Pátria, no alto, abençoando esta terra bravia,
Deus velava, na Cruz de Cristo aberta em astros!...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

28. Direitos e deveres

Graco Cardoso

Seja qual for a SOCIEDADE ou AGRUPAMENTO a que o indivíduo pertença, é êle chefe ou membro de uma FAMÍLIA, reside em um DISTRITO ou em uma CIDADE, é filho, portanto, de um MUNICÍPIO, de uma PROVÍNCIA ou de uma NAÇÃO. Em qualquer lugar, encontra leis que lhe defendam os bens e a propriedade, delegados da autoridade que o protejam contra possiveis violências ou agressões, da parte de outros indivíduos. Ao seu lado, está a escola, para a instrução e educação dos filhos, o correio, o telefone, o telégrafo, para a correspondência e facilidade dos negócios. Se intenta um passeio ou uma viagem, poderá escolher entre o trem de ferro, o automovel e o vapor e, mesmo, o avião, conforme a urgência que o premir. Há quem lhe compre os produtos da sua atividade e quem lhe venda os objetos de que necessita para o uso e a subsistência. Vê que se empedram e se macadamizam as ruas, e que à noite, estas se iluminam não só para comodidade, senão para

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

melhor segurança da população. Se alguem lhe adoece, tem o recurso do médico, da farmácia, do pronto-socorro e do hospital. O órfão e indigente, de qualquer espécie, são amparados e assistidos.

Vivendo, dest'arte, em uma SOCIEDADE organizada, protegida pelas instituições administrativas, usufruindo as vantagens e proventos dessa organização, é claro assumir naturalmente o indivíduo *deveres* para com os seus semelhantes.

Êsses *deveres* geram *direitos* correspondentes — os da liberdade, igualdade e fraternidade — e uns e outros constituem os liames que unem o INDIVÍDUO à PÁTRIA e constituem a razão de ser da NACIONALIDADE.

São de duas sortes os *deveres* do cidadão: *morais* ou *voluntários*, *jurídicos* ou *coercitivos*. Os primeiros derivam da conciência, como o amor da pátria; os segundos, da própria cidadania, como a obrigação de votar, tomar parte no conselho de jurados, prestar o serviço militar, concorrer proporcionalmente para o custeio dos encargos públicos.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

29. O SEMEADOR

Amélia Rodrigues

Ao campo em manhã ridente
Dirigiu-se o semeador,
Caminhando indiferente
Pelos gramados em flor.

Do saco, que à mão levava,
Caíam-lhe os grãos, à toa,
Que êle nunca examinava
Se a terra era má nem boa.

Ora em torrão pedregoso,
Ora da estrada na beira,
Ora em silvado espinhoso,
Depois em fecunda leira.

E seguiu, e foi andando
Pelos campos que encontrou,
Sempre, sempre, semeando,
Té que o saco esvaziou.

Que sucedeu? Semente
Que entre pedras foi caír,
Nasceu, viveu curtamente
E secou sem produzir.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

A que à beira dos caminhos
Desamparada ficou,
Comeram-na os passarinhos,
Nem ao menos germinou!

Cresceu fraquinha, enfezada,
A do meio do espinhal.
Mas das silvas apertada
Veio a morrer afinal.

Só a última, a ditosa,
Que em bom terreno caíu,
Vingou bela, vigorosa,
E frutos bons produziu.

Crianças, que ouvís agora
Esta parábola gentil,
Crianças, que sois a aurora
De esperanças do Brasil,

Meditai atentamente
Nos ensinos que ela encerra,
E, para a boa semente,
Sêde como a boa terra.

Que ela germine possante
Nas vossas almas em flor,
Que medre e em fruto abundante
Recompense o semeador.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

30. Ensinemos o Brasil aos brasileiros

Lauro Müller

Não ambicionamos um palmo de alheios territórios, nem pretendemos governar além das nossas fronteiras. Dentro destas, sim e soberanamente, sem satisfação a poderes estranhos, nem subordinações a colônias estrangeiras, que só nos apraz ter como hóspedes e amigos, enquanto se não esqueçam de que somos os donos da casa.

Portas mais largas não tem outra nação por onde entre o forasteiro, se agasalhe e trabalhe, livre na sua atividade, nas suas crenças e nos seus ideais, acolhido por uma hospitalidade que, sem superior no mundo, lhe dispensam os sucessores daquela

«gente boa e de boa simplicidade»

que Pero Vaz Caminha traçou na singeleza graciosa da sua carta histórica.

Não nos pretendemos sem defeitos, pessoais ou de govêrno, antes reconhecemos que nos faltam qualidades de experiência e de saber que o tempo nos dará, como deu a povos menos livres, que menos sabiam e mais que nós erraram! Não temos vaidades, que dementam as nações antes de perdê-las, mas sem elas, com a serenidade de uma convicção isenta de vitupério, poderemos repetir que somos um povo

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

contente da sua origem, orgulhoso da sua história e confiante no seu futuro.

Não que ignoremos os riscos que estarão adiante, mas porque, conhecendo o organismo nacional, sabemos o vigor, crescente de dia em dia, que êle poderá opor a todas as perturbações interiores ou externas. E cada vez mais avigorados seremos, se melhor soubermos fortalecer o sentimento de nacionalidade, em contraposição à bastarda condição de filhos sem pátria a que se aviltam espíritos desviados por um internacionalismo amoral, adquirido em viagens de prazer, ou sorvido em leituras que só pela face brilhante nos fazem conhecer as coisas exóticas.

Para que não caiam nessa miséria orgânica, aos moços devemos ensinar o culto da língua — tão formosa e rica — que possuímos, e nela e por ela, como nas boas famílias se pratica, dizer-lhes o que possue material e moralmante a sua Pátria, que é a sua família entre os povos, para que conheçam o presente; e mostrar a cada geração o que ela é e representa, contando-lhe como foram e o que representaram os seus antepassados.

Sobretudo nos turbados tempos que vivemos nada parece mais necessário do que ensinar o Brasil aos jovens brasileiros! Ensiná-lo na sua história e na sua tradição, desde o dia em que aquí aportou o representante de um nobre povo, maior pelo esfôrço inaudito que pôs no defender e dilatar a conquista do que na própria descoberta.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Mostrar-lhes o valor da sua raça na epopéia das caravelas; no vigor de corpo e de espírito em luta para organizar a vida tropical; na ambição coletiva, que de vencedores do mar ignoto os fez povoadores do ignoto sertão; na constância do seu extenuante labor em meio à natureza selvagem; no ardor em dilatar a conquista; no heroísmo em defendê-la contra a cobiça de armadas poderosas e na tenacidade valorosa em disputá-la ao rival confiante; nas primeiras florescências do seu espírito de independência; no cadafalso em que pereceram impávidos os seus primeiros mártires e no sangue dos seus heróis fuzilados; nas alegrias triunfais do sete de setembro, na energia nacionalista do sete de abril, na nobreza moral do seu treze de maio e na suprema evolução dos seus destinos políticos no quinze de novembro!

Dizer-lhes da bondade e da generosidade da sua gente; da virtude das suas mulheres; da cultura dos seus homens de ciência; do gênio dos seus artistas; da bravura dos seus soldados e marinheiros; da pertinácia operosa dos trabalhadores da terra e das oficinas; da resignação de todos os sacrifícios necessários; do amor decidido do seu povo à liberdade e à paz e do rugido da sua alma de leão quando o agridem.

Em todas as aulas de história pátria deveriam começar os moços ouvindo a profética e e singela carta de Pero Vaz Caminha, registro civil da nossa nacionalidade, e em todas as casas, ao lado da ceia de Cristo de Leonardo, que recorda a nossa comum filiação espiritual,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

deveríamos alçar todos, pobres e ricos, mas irmãos no amor da mesma terra natal, a primeira missa de Vitor, representação comovedora dos dias em que o Brasil recebeu o batismo da fé com que nasceu para o convívio do mundo.

31. O trabalhador

Rui Barbosa

O suor do homem que a madrugada encontra todo dia na oficina, que passa da casa de seus pais para a casa de seus filhos pelo caminho das afeições desinteressadas, que não desvia da mesa de seu lar os frutos de seu trabalho em derivativos inconfundiveis, é uma orvalhada continua do céu, que extrai da atividade honesta incalculaveis tesouros, enflora o interior laborioso com as amenidades mais raras do confôrto, do asseio, da graça, e acende-lhe em tôrno o esplendor tranquilo do contentamento, da segurança, da distinção; ao passo que, na casa do vicioso, a porta da prodigalidade, por onde saem os milhões, é sempre mais larga que a do acaso, por onde êles entram, e as privações, inculcadas fora como caraterísticos da honra, convivem com a fúria dos apetites mais aguçados e o desespêro das decepções mais merecidas.

32. Trabalhar

Rui Barbosa

Curtos se fizeram os dias, para que nós os dobrássemos, madrugando. Experimentai, e vereis quanto vai do deitar tarde aos acordar cedo. Sobre a noite, o cérebro pende ao sono. Antemanhã, tende a despertar.

Não invertais a economia do nosso organismo: não troqueis a noite pelo dia, dedicando este à cama, e aquela às distrações. O que se esperdiça para o trabalho com as noitadas inuteis, não se lhe recobra com as manhãs de extemporâneo dormir, ou as tardes de casado labutar.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

33. O trabalho, lei universal

Marco Aurélio

Pela manhã quando achares penoso o saír do leito, faze esta reflexão: E' para agir como homem que desperto. Hei de me lamentar, porque vou fazer aquilo que é a minha própria razão de ser e para que fui lançado no mundo? Teria eu nascido, porventura, para dormir? Seria mais agradavel...

Nascí eu, porém, apenas para o prazer? Não, mas para agir, para desenvolver minha energia.

Considero as plantas, os pássaros, as formigas, as aranhas, as abelhas: todos desempenham sua função própria e contribuem para a harmonia do mundo. E eu, eu me recuso a executar a missão de um hómem? Não corro a fazer aquilo que minha própria natureza reclama?

— Mas é preciso tambem repousar...

— Sem dúvida! Mas a natureza fixou limites à necessidade do repouso; fixou-os igualmente para o beber e o comer. E eu vou além dêsses limites, não me detenho naquilo que me deve bastar. Trata-se, porém, de trabalho? Então é outro caso, fico aquem do possivel.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

34. Comportamento escolar

JOÃO DE DEUS

O filho obediente faz em tudo a vontade a seus pais; e, se o mandam à escola, deve se aplicar, que a utilidade é sua.

Porque sem instrução a gente é como os animais.

Só ela nos ensina a desempenhar bem as nossas obrigações, e aumentar os nossos recursos e o nosso préstimo, alumiando o nosso espírito.

A instrução é tão necessária como o sustento; advertindo que do sustento os mesmos animais precisam.

E como se há de comportar quem vai à escola?

Indo pelo caminho que lhe marcam, sem se apartar nem distraír; chegando a horas; entrando socegado; tomando o seu lugar, com o menor incômodo possivel dos companheiros; prestando muita atenção ao mestre; e, quer seja observado, quer não, conservando-se sempre com a devida seriedade.

Um discípulo deve ser modesto, sem ser acanhado; quando não entende alguma coisa, pede licença para perguntar, e o mestre explica.

Não deve ter vaidade, que se torna odioso, nem fazer zombaria dos que aprendem menos, porque talvez não seja falta de cuidado, e sim falta de entendimento, o que não é culpa de cada um.

Um aluno bem educado não conta as faltas dos companheiros; assim como tambem não vai à escola contar o que fizeram cá fora; não acusa nem compromete os mais.

Seja diante de quem for, devemos proceder de modo que se mostre a nossa boa educação, e fazendo de conta que estão presentes os nossos pais.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

35. A Cidade da Luz

A Escola

LUIZ DELFINO

Vós que buscais a senda da esperança,
Entrai: aquí há mundos luminosos
Num céu que a mão, por mais pequena, alcança.

A alma aquí se refaz de etéreos gozos;
Vinde para o país da primavera,
Vós que deixais os mundos tenebrosos.

Tanta luz aquí dentro vos espera,
Que saireis estrêlas redivivas,
Como as que brilham na azulada esfera.

Almas, das trevas lúgubres cativas,
Abrí as vossas asas rutilantes;
Entrai, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas déstes pórticos gigantes
Haveis de ler uma inscrição, que alente
Os vossos vôos inda vacilantes.

E' aquí o país do amor ardente.
Quem entra, leva um pêso aos pés atado,
Como o mergulhador do mar no Oriente,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Que sobe à tona leve e festejado,
E vem de tantas pérolas coberto,
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um éden no deserto,
Fazer um sol de um monte de granito,
E para ver melhor o céu de perto,

Encostar uma escada no infinito,
Entrar pela estelífera voragem,
Ser razão o fanal, verdade o mito,

E armado de tenaz, feroz coragem,
Arrasando os enigmas da vida,
Cavar nas trevas lúcida passagem...

A isto esta cidade vos convida,
Entrai! Por mais que a noite em vós se note,
Tereis um astro à fronte na saída.

Da cidade moderna é luz o mote,
Que na porta da entrada arde e flameja.
Entrai! A escola é catedral, igreja;
Hóstia — a ciência; o mestre — sacerdote.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

36. OS LIVROS

Vieira

São os livros uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos; e assim como à fôrça de tratar com pessoas honestas e virtuosas se adquirem insensivelmente os seus hábitos e costumes, tambem à fôrça de ler os livros se aprende a doutrina que êles ensinam. Forma-se o espírito, nutre-se a alma com os bons pensamentos; e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradavel que não há nada com que se compare; e só o sabe avaliar quem chegou a ter a fortuna de o possuír.

---

37. LER E REFLETIR

RUI BARBOSA

Vulgar é o ler, raro o refletir. O saber não está na ciência alheia, que se absorve, mas, principalmente, nas idéias próprias, que se geram nos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação, por que passam, no espírito que os assimila. Um sabedor não é armário de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições digeridas.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

38. A GUERRA

Vieira

E' a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e, quanto mais come e consome, menos se farta.

E' a guerra aquela tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as vilas, os castelos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras.

E' a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades, em que não há mal algum, que ou se não padeça ou se não tema, nem bem que seja próprio e seguro.

O pai não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o eclesiástico não tem segura a sua cela, e até Deus nos templos e nos sacrários não está seguro.

Rui Barbosa

Com a guerra, maldição do céu e subversão do mundo, veio a exterminação das vidas, a assolação dos campos, a destruição das cidades, a multiplicação dos crimes, a barbarização dos costumes, a dissipação da riqueza, a extinção do trabalho, a abolição das leis, a perdição da liberdade e a glorificação da fôrça.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

39. A paz e a guerra

A. Mário Caldeira Brant

P. — E' a paz grande bem para uma nação?

R. — A paz é um bem inestimavel; é à sombra dela que se desenvolvem a agricultura, a indústria e o comércio, a ciência, as letras e as artes, e que a humanidade se aperfeiçoa e engrandece material e moralmente.

P. — E' a paz um bem estavel?

R. — Infelizmente até hoje a paz não há sido um bem estavel, e quasi todos os povos teem experimentado, uma ou mais vezes na história, os horrores da guerra.

P. — Que é a guerra?

R. — A guerra é a luta entre Estados que, discordando sobre questões importantes, recorrem às armas, para impor pela fôrça sua vontade ou suas pretensões.

P. — E' a guerra elemento de civilização?

R. — Não. A guerra não é elemento de civilização, porque favorece o desenvolvimento dos instintos sanguinários e falseia os fundamentos da justiça, dando a vitória ao mais forte, que não é às vezes o que está com o direito.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

P. — Quais são os outros malefícios da guerra?

R. — A guerra ceifa principalmente as vidas dos homens jovens e fortes de uma nação, enluta os lares, lança na orfandade as crianças, destrói cidades, templos, escolas e oficinas, assola os campos, consome as riquezas acumuladas na paz, arruína a agricultura, a indústria e o comércio, espalha a desolação e a morte.

P. — Diante dêsses males não é preferivel a paz a todo o transe?

R. — Não; porque, para as nações como para os indivíduos, acima de tudo estão a independência, a liberdade, e a honra que, quando atacadas, devem ser defendidas; pois o pacifismo não pode ser a anulação do brio nacional. As guerras defensivas são portanto legítimas, quando inevitaveis.

P. — Quais são as condições que legitimam a guerra?

R. — Para que uma guerra seja legítima, é necessário que tenha uma causa justa e grave, qual seja a defesa da integridade territorial da nação, da sua honra, da sua soberania, dos interêsses coletivos do país; em suma: a reparação de uma injustiça que ofenda profundamente os brios, os direitos ou os intêresses nacionais.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

P. — Quais são as outras condições para que uma guerra não degenere em injusta?

R. — Para que não degenere em injusta, é preciso que a guerra seja feita de acôrdo com os princípios de humanidade e do direito das gentes, que proíbem o emprêgo de certas armas desnecessàriamente cruéis, mandam poupar os feridos e os inimigos desarmados e respeitar os velhos, mulheres e crianças da nação inimiga; vedam as atrocidades, as destruições inuteis e estabelecem outras prescrições semelhantes.

P. — E' a conquista uma causa justa de guerra?

R. — Não. A conquista é um roubo à mão armada, uma clamorosa injustiça e violência à soberania e aos direitos dos povos. Guerras movidas por ambição de conquista, assim como por orgulho dinástico ou de raça, são crimes de lesa humanidade.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

40. A PAZ

Belmiro Braga

Cantai, corações! Parece
(E quanta festa isto encerra!)
Que Deus ouviu nossa prece
E vai-se acabar a guerra.

Outubro vem sorridente,
E com razão, porque traz
Em seu alforge um presente
Que é tudo no mundo — a Paz.

A Paz! E quanta alegria
Dêste nome não se evola!
Êle é sol, e, sol, radia;
Êle é céu, e, céu, consola!

Reprimí, mães, vosso pranto
E os olhos ao céu voltai!
Vós tendes sofrido tanto...
Mães, de júbilo cantai!

A paz não tarda. E', pois, justo
Que à nova batamos palmas.
A mágua, o pavor, o susto
Desertam de nossas almas...

E depois da paz benvinda
Há de a voz dos corações
Cantá-la mais alto ainda
Que a guerra a voz dos canhões.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

41. Apêlo à mocidade

Pedro Lessa

Não deis ouvidos, meus jovens compatriotas, não deis nunca ouvidos a êsses impostores, que, talvez para inculcarem a própria e não demonstrada superioridade, vivem a propalar a incapacidade dos brasileiros para o progresso e para a civilização, porque descendem de raças inferiores e condenadas a estereis agitações, a irremediavel estacionamento, ou mesmo à retrogradação e à extinção.

Para os que conhecem a nossa história, nada se pode imaginar mais falso.

Na paz e na guerra temos tido períodos de inexcedivel brilho, de exemplar liberdade e de rara moralidade administrativa, que devem encher-nos do mais justificado orgulho.

Para refutar triunfantemente êsse mixto de preconceito e de aleive, é suficiente relembrar alguns fatos da nossa história, e dentre estes duas notaveis e gloriosas campanhas que nunca deveremos cessar de engrandecer, porque nunca serão demasiadamente celebradas.

De 1624 a 1654, isto é, durante trinta anos, travámos as mais renhidas e contínuas lutas com um povo laborioso e denotado, que justamente no seculo XVII teve o seu apogeu nos fastos da humanidade, chegando a ser nos mares o rival da

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

França e da Inglaterra. Refiro-me à nossa interminavel guerra com os holandeses, que afinal rechaçámos completamente, varrendo-os para sempre do território nacional. Nessa famosa guerra, em que revelámos todas as qualidades das raças superiores, a energia física e moral, a bravura, o espírito de continuidade, a tenacidade, a resistência aos mais demorados sofrimentos, tivemos uma prova admiravel do valor da raça dos descobridores e colonizadores do nosso território em Matias de Albuquerque, Luiz Barbalho, Vidal de Negreiros, como da indígena representada por Camarão, e da negra por Henrique Dias e seu famoso regimento, e nos bravos soldados dirigidos por êsses chefes gloriosos.

Mais de dois séculos depois, fomos provocados para a maior guerra internacional da América do Sul, e sustentámo-la com raro valor e galhardia durante cinco longos anos. Durante cinco infindaveis anos, ininterruptamente, se sucederam no Brasil os sacrifícios de homens e de riquezas, sem um só instante de desfalecimento, de falta de fé, de fraqueza física ou moral, de solução de continuidade no poder de sofrimento e de sujeição a provações. Já então bem adiantada estava a obra de caldealmento dos elementos etnográficos, de que vai resultando o nosso povo; e, entretanto, o vigor, a coragem, a tenacidade, a bravura, foram os mesmos das nossas lutas contra as invasões neerlandezas.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

42. Na defesa do solo

Álvaro Borges dos Reis

Do invasor neerlandês a estratégia guerreira,
A fôrça e prontidão das bravas companhias
Aliadas ao ardil das colunas gentias
Encontraram de frente, em constante barreira,

A defesa tenaz do famoso Matias
De Albuquerque; e depois a bravura altaneira
De Padilha, de Souto e Barbalho, João Vieira,
Barreto, Camarão, Vidal e Henrique Dias.

São milhares de heróis em trinta anos de guerra,
Legando ao pátrio solo o sangue que perderam,
Qual semente feraz que dá frutos à terra!

Nas outras gerações que fortes sucederam,
A história do Brasil, com alto orgulho, encerra
A glória dos avôs que aos batavos venceram!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

43. Oração à bandeira

Olavo Bilac

Bendita sejas, Bandeira do Brasil!

Bendita sejas, pela tua beleza!

És alegre e triunfal. Quando te estendes e estalas à viração, espalhas sobre nós um canto e um perfume: porque a viração, que te agita, passou pelas nossas florestas, roçou as toalhas das nossas cataratas, rolou no fundo dos nossos grotões agrestes, beijou os píncaros das nossas montanhas, e de lá trouxe o bulício e a frescura que entrega ao teu seio carinhoso. És formosa e clara, graciosa e sugestiva. O teu verde, da côr da esperança, é a perpétua mocidade da nossa terra e a perpétua meiguice das ondas mansas que se espreguiçam sôbre as nossas praias.

O teu ouro é o sol que nos alimenta e excita, pai das nossas searas e dos nossos sonhos, nume da fartura e do amor, fonte inesgotavel de

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

alento e de beleza. O teu azul é o céu que nos abençoa, inundado de soalheiras ofuscantes, de luares mágicos e de enxames de estrêlas. E o teu Cruzeiro do Sul é a nossa história: as nossas tradições e a nossa confiança, as nossas saudades e as nossas ambições; viu a terra desconhecida e a terra descoberta, o nascer do povo indeciso, a inquieta alvorada da Pátria, o sofrimento das horas difíceis e o delírio dos dias de vitória; para êle, para o seu fulgor divino, ascenderam, numa escalada ansiosa, quatro séculos de beijos e de preces; e pelos séculos em fóra irão para êle a veneração comovida e o culto fetichista das multidões de brasileiros que hão de viver e lutar!

Bendita sejas, pela tua bondade!

Cremos em ti; por esta crença, trabalhamos e penamos. À tua sombra, viçam os nossos sertões, cavados em vales meigos, riçados em brenhas fecundas, levantados em serras majestosas, em que se escondem torvelins de existências e tesouros virgens; fluem as nossas águas vivas e vertentes, em que circulam a nossa soberania e o nosso comércio, agora derramadas em correntes generosas, agora precipitadas em rebojos esplêndidos, agora remansadas entre selvas e colinas; e sorriem os nossos campos, cheios de lavouras e gados, cheios de casais modestos, felizes no suado labor e na honrada paz. E, sob a tua égide, rumorejam as nossas cidades, colmeias magníficas, em que tumultuam

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

ondas de povo, e em que se extenuam braços e se esfalfam corações, e ardem cérebros, e resfolegam fábricas, e estrugem estaleiros, e vozeiam mercados, e soletram escolas, e rezam igrejas.

Bendita sejas, pela tua glória!

Para que seja maior a tua glória, juntam-se, na mesma labuta, a enxada e o livro, a espada e o escopro, a espingarda e a trolha, o alvião e a pena.

Para o teu regaço piedoso, elevam-se, como uma oblata, os aromas dos jardins e os rolos de fumo das chaminés; e sob o hino sacro de todas as nossas almas, ressoando o nosso esfôrço, o nosso pensamento e a nossa dedicação, vozes altas concertadas, em que se casam o ranger dos arados, o chiar dos carros de bois, os silvos das locomotivas, o retumbar das máquinas, o ferver dos engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quartéis, o enfusiar dos ventos, o ramalhar das matas, o murmurejo dos rios, o regougo do mar, o gorgeio das aves, todas as músicas secretas da natureza, as cantigas inocentes do povo, e a serena harmonia criadora das liras dos poetas.

Bendita sejas, pelo teu poder; pela esperança, que nos dás; pelo valor, que nos inspiras, quando, com os olhos postos em tua imagem, batalhamos a boa batalha, na campanha augusta em que estamos empenhados! e pela certeza da nossa vitória, que canta e chispa no frêmito e no lampejo das tuas dobras ao vento e ao sol!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Bendita sejas, pelo teu influxo e pelo teu carinho, que inflamarão todas as almas, condensarão numa só fôrça todas as fôrças dispersas no território imenso, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da família brasileira, e darão coragem aos fracos, tolerância aos fortes, firmeza aos crentes, e estímulo aos desanimados!

Bendita sejas! e, para todo o sempre, expande-te, desfralda-te, palpita e resplandece, como uma grande asa, sobre a definitiva Pátria que queremos criar forte e livre: pacífica mas armada; modesta mas digna; dadivosa para os estranhos, mas antes de tudo maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lírica, mas escudada de energia e de prudência, de instrução e de civismo, de disciplina e de coesão, de exército destro e de marinha aparelhada, para assegurar e defender a nossa honra, a nossa inteligência, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz!

Bendita sejas, para todo o sempre, Bandeira do Brasil!

---

44. À BANDEIRA

Aquino Corrêa

Salve! Bandeira do Brasil querida,
Toda tecida de esperança e luz!
Pálio sagrado sob o qual palpita
A alma bendita do país da cruz!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Salve, Bandeira! quando ao sol desfraldas
De ouro e esmeraldas o teu manto real,
Nossa alma em vôo pelo azul se lança,
Nessa esperança de dourado ideal!

Salve, Bandeira! o teu aceno imenso
E' como um lenço de uma mãe que diz,
Saudando o filho e lhe apontando o norte:
«Sê nobre e forte, e me farás feliz!»

Salve, Bandeira! como tenda arfante
Que se levante no deserto nu,
Tu nos sorrís e toda a dor desfazes,
Há sempre oasis onde boias tu!

Salve, Bandeira! a nossa vida é barca,
Que singra e arca com um mar fatal,
Tu és a vela que jamais se perde,
Tela auri-verde a demandar o ideal!

Salve, Bandeira, que és a glória justa,
Mortalha augusta para os bravos teus;
Mas como a túnica de Nessus ardes
Para os cobardes, para os vis e os réus!

Salve! mil vezes, ó gentil Bandeira,
Pura, fagueira, fulgurante, audaz!
Salve! nas ondas e na firme terra,
Salve! na guerra e na rosada paz!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

45. Os portugueses

Afonso Celso

A história não registra notícia de um povo que, com menos recursos, mais fizesse do que o português. Larga é a sua contribuição para o progresso humano, que nunca empeceu. Subjugou o mar tenebroso, dilatou o perímetro aproveitavel do planeta; e, sendo um dos mais diminutos e menos povoados reinos da Europa, formou êsse colosso — o Brasil. Dá mostras de injustiça e ingratidão o brasileiro que ataca ou deprime Portugal.

Que é que constitue a grandeza de um povo? Seus serviços a humanidade? Portugal os prestou, como nenhuma outra nação, com as suas viagens e descobrimentos.

A sua literatura, a sua arte?

Portugal creou o estilo gótico manoelino; possue Camões, uma das sumidades do pensamento universal.

A sua heroicidade, a sua resignação o seu esfôrço?

Uma vez única o solo português sofreu a conquista de hostes estrangeiras, pois o domínio de Espanha durante 60 anos legitimou-o o direito de sucessão. Napoleão, o dominador da Europa inteira, mandou para lá suas mais aguerridas tropas e mais famosos generais. E em Portugal começou o declínio das vitórias napoleônicas. A família real de Bragança não se humilhou — única no velho mundo com a da Inglaterra — ao grande guerreiro, mas, ao contrário, estorvou-lhe os planos, como êle próprio o reconheceu em

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Santa Helena. O general Junot foi batido e aprisionado em Portugal; Soult e Massena, em toda parte triunfantes, viram-se obrigados a retirar-se diante da indomavel bravura e tenacidade lusitanas. Se exércitos franceses invadiram o território português, tambem uma divisão portuguesa invadiu a França e ocupou cidades francesas sobre o comando de Wellington.

Onde quer que os portugueses fixem domicílio, na Ásia, na África, na Oceania, dão belos exemplos de união, patriotismo, amor ao trabalho, filantropia; elevam monumentos à caridade e à instrução. Em parte nenhuma é infecunda a sua passagem.

---

46. Cantando, espalharei...

CAMÕES

As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a fôrça humana,
Entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram,

E tambem as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram desvastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

47. LÍNGUA PORTUGUESA

OLAVO BILAC

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela.

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrôlo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: „meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

48. Os grandes índios

Viriato Corrêa

O seculo XVI, como nenhum outro da nossa história, foi o século dos grandes índios.

Naquele primeiro embate da civilização européia, as figuras dos chefes caboclos tomam às vezes uma proeminência que surpreende a estonteia. Fica-se de alguma forma a duvidar que, num período tão remoto, numa quadra de plena selvageria, pudesse haver os vultos indígenas que a história nos apresenta com foros de verdade.

Quem quiser estudar os traços reais dos índios daqueles primeiros dias da nossa vida terá muito que fazer. A legenda desfigurou-os completamente, envolvendo-os num halo ora de esplendor trágico, ora de uma nobreza comovedora e grande.

Catar a exatidão no meio de tudo isso é trabalho que não paga o esfôrço e que pouco adianta à história. O melhor é deixá-los tal qual chegaram a nós, espiêndidos, heróicos, com aquele tom de elevação que, se choca a verdade, ennobrece a raça.

Um dos primeiros chefes selvagens de que há notícia nas crônicas do tempo é aquele índio formidavel de Pernambuco que se chamou Tabira. Dão-nos notícias do seu valor o padre Loreto Couto e Simão de Vasconcelos. Tabira é um dos chefes dos tabajaras. Ao chegar D. Duarte Coelho a Pernambuco, consegue-lhe a aliança. O índio coloca-se francamente ao lado dos colonizadores. As outras tribus levantam-se revoltadas, e são guerras sucedendo a guerras. A figura de Tabira assume um destaque aterrador. Não há, nem para o norte nem para o sul, um braço guerreiro de

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

mais valor que o seu. E' o ciclone em figura humana. Basta que, no meio do combate, os inimigos lhe ouçam a voz, para que abandonem o campo e as suas armas.

Mas um dia as nações indígenas coligam-se. E' necessário para a paz de todos que a vida do índio famoso seja destruída. Um exército imenso de selvagens marcha para as aldeias tabajaras a provocar Tabira. Êle recebe o desafio junto à paliçada da sua taba. O exército que o vem combater é dez ou doze vezes maior que o seu, mas o nome de Tabira não pode ser apontado no rol dos covardes. Aceita a luta. Esta começa ao amanhecer e dura até à tarde.

Como a descrevem os cronistas da época é de uma violência homérica, que só a pode comportar um vasto círculo de legenda. Tabira atira-se à sanha dos contrários. Onde passa, os caminhos se abrem aos golpes do seu tacape e é sobre cadáveres, pisando-os, que êle avança contra os inimigos. O combate está no seu momento culminante. Uma flecha voa sibilando e vem cravar-se em um dos olhos de Tabira. O grande chefe selvagem vai tombar. Mas não. Segura a flecha, arranca-a da órbita com ôlho e tudo, atira-a ao longe, e grita para os guerreiros da sua tribu:

— Para vencer os seus inimigos, Tabira ainda tem um ôlho.

E continua a lutar. E vence.

A história do Brasil daquela quadra está cheia de lances desta ordem. As figuras de Piragibe, Pindaguassú, Tapiroaba, Ibitinga, Potiguassú, Arunaré e outros representam o heroísmo trágico das tribus nortistas.

No sul o vulto de Tibiriçá enche o cenário dos primeiros dramas da colonização paulista. E' no ataque de

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Piratininga. Uma manhã a aldeia portuguesa é acordada pela invasão inesperada dos tamoios aguerridos. Os jesuítas vão ser irremediavelmente trucidados. Alí há apenas uma salvação — Tibiriçá com a sua gente. Tibiriçá é o tipo modelar da lealdade. Está aliado aos colonizadores e não vacila um momento em defendê-los. Mas a chefiar os exércitos contrários está o valente Jagoanharo, sobrinho do herói selvagem. Nem mesmo assim Tibiriçá se nega a defender a aldeia atacada. O seu papel na luta é de um destaque arripiante. A Jagoanharo, êle o mata, quando o jovem guerreiro tenta escalar a trincheira de uma igreja.

Figura maior que a de Tibiriçá é a de Arariboia, nas águas e nas terras do Rio de Janeiro. Era capitão dos tupinimós do Espirito Santo. Quando Mem de Sá partiu da Baía para expulsar os franceses do Rio, colocou ao lado do grande chefe português nada menos de quatro mil arcos da sua tribu.

Durante a campanha da expulsão dos franceses, não houve valor mais brilhante que o seu. A sua destimidez aparece naquela noite trágica da escalada da ilha de Villegagnon. E' êle quem primeiro sobe os penhascos da ilha, quem primeiro põe o pé no baluarte do almirante e quem faz explodir o paiol de pólvora, com um facho aceso. Mais tarde é à sua tática guerreira que se deve não ter o Rio caído novamente em poder dos franceses.

A respeito do chefe tupinimó conta frei Vicente do Salvador uma anedota que o eleva a uma dignidade impressionante. Em 1575 chegou ao Rio de Janeiro o governador do sul, dr. Antônio Salema. As tribus amigas, das redondezas, vieram prestar-lhe homenagens e votos de lealdade. Arariboia, da sua aldeia em São Lourenço, atravessa a baía para cumprimentar o governador. Por aquele tempo o capitão selvagem estava velho e coberto de serviços aos portugueses. Era comendador da Ordem de Cristo, e d.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Sebastião já lhe havia mandado, como mercê excecional, uma roupa do seu próprio uso.

Antônio Salema devia ser uma creatura rigorosíssima em coisas protocolares. Ao saber que Ararigboia estava no salão da casa governamental, convidou-o, como honraria rara, a sentar-se ao seu lado. O índio senta-se. Lá pelo meio da conversa, cruza as pernas sôbre a cadeira. O governador não se lembra que alí está um selvagem que não conhece as exigências da cortesania. Chama um intérprete e manda dizer a Ararigboia que aquela maneira de sentar é incorreta, pois alí está um representante de el-rei, e diante de el-rei ninguem cruza as pernas sôbre uma cadeira.

A resposta de Ararigboia para o intérprete é maravilhosa:

— Diga ao governador que, se êle soubesse como as minhas pernas de velho estão cansadas de guerrear em favor de el-rei, não estranharia que elas merecessem êste pequeno repouso:

E levanta-se, dizendo:

— Fiz mal em vir cá. Não sou cortesão. Devia ter ficado na minha aldeia. Aquí não volto mais. Quando precisarem de mim, lá estou.

Evidentemente a fantasia do cronista iluminou o episódio. Hoje é quasi impossivel restabelecê-lo dentro da rigorosa exatidão.

Durante aquele período fremente da confederação dos tamoios vários maiorais indígenas aparecem com grandes clarões. No armistício de Iperoíg destacam-se as figuras de Coaquira e Pindobussú — o Grão Palmeira, encarnando a prudência e deveres da hospitalidade. São êles que abrem as portas de suas ocas para hospedar a diplomacia piedosa de Nóbrega e Anchieta.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Ao mesmo tempo salta a ferocidade incrivel de Cunhambebe e Aimbiré. Eram os dois maiores inimigos dos portugueses. Aimbiré tivera um episódio que o celebrizou entre os conquistadores. Preso a ferros no convés de um navio luso, rebenta as cadeias que o tolhem e atira-se ao mar, nadando para terra, onde vai levantar os seus irmãos tamoios. Cunhambebe é o Átila da floresta. Êle próprio se gaba de que tudo treme ao peso de seus pés. O seu maior orgulho é contar o número de inimigos que comera. O número sobe a centenas. O seu ódio aos colonizadores ia tão alto que o chefe indígena chegava a passar fome durante uma semana, quando não tinha à mesa, para comer, a carne de um português.

Lá no norte, um vulto de nobreza ressalta durante a conquista da Paraíba. E' o de Iniguassú, chefe dos potiguaras. Iniguassú encarna a dignidade paterna. Um dia, na sua aldeia de Capaôba, um civilizado lhe rouba a filha. Chama dois filhos e manda-os levar a queixa ao dr. Antônio Salema, o governador. Salema ordena que a moça cabocla seja entregue aos emissários do capitão tabajara. A ordem é cumprida, mas um tal Diogo Dias, que vive no caminho que leva à aldeia de Iniguassú, toma a rapariga das mãos dos dois índios.

O velho maioral selvagem recorre ao capitão de Itamaracá, mas a autoridade é amiga de Diogo Dias. Todos os recursos são esgotados baldadamente, Iniguassú desespera-se, levanta a sua tribu, junta as nações amigas, e começa daí a grande guerra dos tabajaras, que tantas vidas tirou aos portugueses.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

49. José de Anchieta

Machado de Assis

Êsse que as vestes ásperas cingia,
E a viva flor da ardente juventude
Dentro do peito a todos escondia,

Que em páginas de areia vasta e rude
Os versos escrevia e encomendava
À mente, como esfôrço de virtude:

Êsse, nos rios de Babel achava
Jerusalem, os cantos primitivos
E novamente aos ares os cantava.

Não procedia então como os cativos
De Sião, consumidos de saudade,
Velados de tristeza, e pensativos.

Os cantos de outro clima e de outra idade,
Ensinava sorrindo às novas gentes,
Pela língua do amor e da piedade.

E iam caindo os versos excelentes
No abençoado chão, e iam caíndo
Do mesmo modo as misticas sementes.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Nas florestas, os pássaros, ouvindo
O nome de Jesús e os seus louvores,
Iam cantando o mesmo canto lindo.

Eram as notas como alheias flores
Que verdejam no meio de verduras
De diversas origens e primores.

Anchieta, soltando as vozes puras,
Achas outra Sião neste hemisfério,
E a mesma fé e igual amor apuras.

Certo ferindo as cordas do saltério,
Unicamente contas divugá-la
A palavra cristã e o seu mistério.

Trepar não cuidas a luzente escala
Que aos heróis cabe e levanta à clara esfera
Onde eterna se faz a humana fala,

Onde os tempos não são esta quimera
Que apenas brilha e logo se esvaece
Como folhas de escassa primavera,

Onde nada se perde nem se esquece.
E no dorso dos séculos trazido
O nome de Anchieta resplandece
Ao vivo nome do Brasil unido.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

50. Os negros

Afonso Celso

Que bela galeria de negros e filhos de negros ilustres a que apresenta o Brasil! Eis José Maurício Nunes Garcia, gênio musical, amigo de D. João VI; Marcílio Dias, intrépido marinheiro que deu seu nome a um dos vasos da nossa armada; André Rebouças, que, depois de derribada a monarquia, redentora da sua raça, acompanhou a família imperial banida, deixando cômodos, posição, parentes, para ir morrer miseravelmente no voluntário exílio; Luiz Gama, ex-escravo, que se torna exímio advogado, um dos próceres do abolicionismo; Justiniano da Rocha e Ferreira de Menezes, inspirados jornalistas; e o legendário Henrique Dias, que dez vezes ferido, perdendo uma das mãos na guerra contra os holandeses, exclama que cada um dos cinco dedos restantes batalharia como nova mão por seu Deus e pela sua Pátria.

Henrique Dias recebeu do govêrno português o título de governador e de mestre de campo.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Para honrar a sua memória, ordenou a coroa que em várias capitanias se organizassem corpos de soldados e oficiais todos pretos, com o nome de *regimento dos Henriques*. Durou essa instituição até depois da Independência.

Em Pernambuco os regimentos eram dois: o dos velhos e o dos novos Henriques. Nem oficiaes nem soldados percebiam soldos. Bastava-lhes a honra de alí servirem.

---

51. O homem forte

Gonçalves Dias

O modesto varão constante e justo
Pensa e medita nas lições dos sábios
E nos caminhos da justiça eterna
Gradua firme os passos.

O brilho da sua alma não mareia
A luz do sol, nem do carvão se tisna;
Morre pelo dever, austero e crente
Confessando a virtude.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Pode a calúnia denigrir seus feitos
Negar-lhe a inveja o mérito subido;
Pode em seu dano conspirar-se o mundo
E renegá-lo a pátria!

Tão modesto no paço de Luculo
Como encerrado no tonel do Grego,
Nem o transtorna a aragem da ventura,
Nem a desgraça o abate.

A tiranos preceitos não se humilha,
Ante o ferro do algoz não curva a fronte,
Não faz calar da conciência o grito,
Não nega os seus princípios.

Antes seguro e firme e confiado
No tempo, vingador das injustiças,
Co'os pés cadafalso e a vista erguida
Se mostra impertubavel

Sofre martir e expira! A pátria em torno
Do seu sepulcro o chora, onde a virtude,
Afeita ao luto e à dor, de novo carpe
Do justo a fiébil morte!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

52. Virtude e ciência

A. F. de Castilho

As fidalguias herdadas contestam-se, perdem-se, deslustram-se; desabam tronos; dissipam-se opulências; as fôrças gastam-se; o poder aniquila-se: os títulos revogam-se; as afeições transtornam-se; os amigos finam-se; as condecorações despem-se todas as noites; o mais carregado delas, quem o distinguirá no sono, do mendigo nu.

Mas Ciência e Virtude!... não são dotes externos, nem postiços ou convencionais, nem outorgados por munificência de Príncipes ou por sufrágios de Povo, nem comprados, nem negociados, nem extorquidos.

Grangeiam-se pelo trabalho; entesouram-se dentro; ninguem no-los pode roubar; acompanham-nos na solidão; consolam-nos nas desditas; elevam-nas, sem nos ensoderbecerem; cercam-nos de amor, de gratidão, de respeito.

A Ciência enche e doura a vida; a Virtude alegra a morte, e lá se vai continuar onde nada finda.

E a que preço nos concede o Supremo Dispensador de tudo dois tão altos bens, os dois bens únicos da terra? A preço tão sòmente de os querermos.

Quem, depois de um momento de reflexão, ousaria dizer: „Rejeito-os?"

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

53. O homem magnânimo

Aristóteles

O homem magnânimo portar-se-á com moderação tanto na boa como na má fortuna.

Saberá receber os louvores e as humilhações.

Não se mostrará soberbo na prosperidade, nem aflito na desgraça.

Não buscará o perigo, nem tão pouco fugirá dêle, porque são poucas as coisas que o interessam.

Será sóbrio no falar e lento em expressar-se, mais dirá abertamente e com coragem a sua maneira de pensar, quando a ocasião o exigir.

Saberá admirar o que merece ser admirado.

Desprezará as injúrias.

Não falará nem de si, nem dos outros, porque não desejará ser louvado, nem que os outros sejam censurados.

Não se queixará de bagatelas e não implorará a assistência de ninguem.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

54. Sete de setembro

CASIMIRO DE ABREU

Foi um dia de glória! — O povo altivo
Trocou sorrindo as vozes do cativo
Pelo cantar das festas!
O leão indomavel do deserto
Bramiu soberbo, dos grilhões liberto,
No meio das florestas!

Lá no Ipiranga do Brasil o Marte
Enrolado nas dobras do estandarte
Erguia o augusto porte;
Cercada a fronte dos lauréis da glória,
Soltou tremendo o brado da vitória:
— Independência ou morte!

O santo amor dos corações ardentes
Achou eco no peito dos valentes
No campo e na cidade;
E nos salões — do pescador nos lares,
Livres soaram hinos populares
À voz da liberdade!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Anos correram: — no torrão fecundo
Ao sol de fogo dêste novo mundo
A semente brotou;
E franca e leda a geração nascente
À copa altiva da árvore frondente
Segura se abrigou!

À roda da Bandeira sacrossanta
Um povo esperançoso se levanta
Infante e a sorrir!
A nação do letargo se desperta,
E — livre — marcha pela estrada aberta
Às glórias do porvir!

---

55. Inteireza dos Andradas

Vasconcelos de Drummond

Acêrca da pobreza de José Bonifácio, que não possuía mais de trinta mil réis quando foi preso e deportado, contarei uma anedota, que não será lida sem interêsse.

Os ministros da regência de D. Pedro reduziram seus ordenados a metade do que eram no tempo de D. João VI. Ficaram em quatro contos e oito centos mil réis anuais, pagos mensalmente.

José Bonifácio recebeu quatrocentos mil réis em bilhetes do banco, de um mês do seu

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

ordenado, os meteu no fundo do chapéu, e no teatro lhe roubaram chapéu e o conteúdo.

O primeiro ministro do Império do Brasil acha-se no dia seguinte sem ter com que mandar comprar o jantar. Não possuía nem um vintem mais, e seu sobrinho Belchior Fernandes Pinheiro foi quem pagou as despesas do dia.

Em conselho, José Bonifácio referiu esta ocorrência e a extrema necessidade a que ela o reduziu e a sua família.

O imperador entendeu que o ministro, visto a penúria em que se achava, devia ser indenizado, pagando-se-lhe outro mês de ordenado, e, neste sentido, deu alí suas ordens ao ministro da fazenda.

Martim Francisco não obedeceu. Disse ao imperador que não havia lei que pusesse a cargo do Estado os descuidos dos empregados públicos; que o ano tinha para todos doze meses e não treze para os protegidos; e, finalmente, pedia a sua majestade que retirasse a sua ordem, porque era exequivel que êle, Martim Francisco, repartisse com seu irmão o seu ordenado e que viveriam ambos com mais parcimônia aquele mês, o que era melhor do que dar ao país o funesto exemplo de se pagar ao ministro duas vezes o ordenado de um só mês.

Êste incidente não foi mais adiante. Martim Francisco repartiu com seu irmão o dinheiro que tinha, e José Bonifácio daí por diante tomou mais cuidado no chapéu e no dinheiro que recebia.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

56. Para a paz e para a liberdade

Lauro Müller

Pela disposição aos sacrifícios extremos se pode medir o patriotismo de um povo; na previsão em educá-lo e aparelhá-lo para afrontar todos os riscos da paz e da guerra mede-se o zêlo e a capacidade dos seus estadistas. Por criminosos de lesa humanidade devemos tê-los se propositalmente norteiam a política em rumo para a guerra, inevitavel no mundo sòmente porque, como nas estradas desertas e nas vielas escusas, há malfeitores nos paços reais e nas casas de govêrno.

Mas, porque estes existem, crime e monstruoso seria tambem de lesa patria e de lesa humanidade abrir-lhes as portas da vitória, deixando pela ineficácia de uma resistência mal aparelhada que a Pátria perecesse, triunfando a violência estrangeira e criminosa sôbre o direito nacional inerme.

Desarmar a Nação é desarmar todos os direitos que ela representa.

Correm maliciosos os tempos que vivemos e, ainda que muito se deva esperar, na sociedade das nações, como na das pessoas, que os costumes subam de nivel moral, nenhuma garantia possuirá de viver livre e soberano o país que na sua própria energia não funde o seu direito à vida independente.

Para a paz e para a liberdade, que não existem sem justiça, devem nortear-se os destinos nacionais; mas no roteiro de todas as travessias há riscos e perigos que só a prudência previdente, com o auxílio da coragem, sabe evitar ou vencer.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

57. AO BRASIL

Fagundes Varela

Bela estrêla de luz, diamante fúlgido
Da coroa de Deus, pérola fina
Dos mares do Ocidente!
Oh! como altiva, sôbre nuvens de ouro,
A fronte elevas, afogando em chamas
O velho continente!

A Itália meiga, que ressona lânguida
Nos coxins de veludo adormecida,
Como a escrava indolente;
A França altiva, que sacode as vestes,
Entre o brilho das armas e as legendas
De um passado fulgente;

. . . . . .

A Espanha túrbida; a Germânia em brumas;
A Grécia desolada; a Holanda exposta
Das ondas ao furor...
Uma inveja teu céu, outra teu gênio;
Esta — a riqueza, a robustez — aquela
E todas o valor!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Oh! terra do meu berço! Oh! Pátria amada!
Ergue a fronte gentil, ungida em glórias
De uma grande nação!
Quando sofre o Brasil, os brasileiros
Lavam as manchas, ou debaixo morrem
Do santo pavilhão!...

58. Deixem isto para as mulheres

B. de Sousa

As lutas tremendas travadas no Sul por ocasião da guerra contra o ditador Solano López teem episódios de heroísmo a cada passo.

Não é só em Riachuelo e em Humaitá, os dois mais grandiosos feitos da Marinha, que se patenteiam os atos de bravura. Em todos os pontos a que a Marinha Brasileira teve de levar a sua ação, as mesmas qualidades se revelavam na oficialidade e na maruja. Uma das faces mais interessantes dos combates fluviais de então foi sem dúvida a série de hostilidades dos nossos navios contra as chatas inimigas.

À primeira vista pode parecer que devia ter sido facil a bons couraçados, como o *Barroso*, o *Tamandaré*, o *Baía*, vencer e destruír as chatas, embarcações pequenas e construídas de madeira.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

E' um engano.

E os serviços que essas chatas prestaram à esquadra de López na batalha de Riachuelo mostraram logo que o tipo dessas embarcações teria um papel importante nos futuros encontros e era muito conveniente ao teatro das operações.

O Paraguai resolveu portanto construír grande número dêsses barcos.

Que era afinal uma chata?

Eis como a descreve o visconde de Ouro Preto:

„De madeira tão rija como ferro pela qualidade e espessura das peças componentes, a chata era uma embarcação de 120 pés de comprimento, com pouco pontal, rasa, sem remos, velas ou maquinismo a vapor e movendo-se a reboque.

Colocada no pôsto que deveria ocupar, prendiam-na em terra ou ao rebocador com grossos cabos.

No centro do convés, corrido de popa a proa, apresentava uma escotilha, por cima da qual, assentado em reparo acomodado no interior, girava um rodízio de 68, manobrado pelos tripulantes ocultos no porão.

Arfando ao impulso da correnteza e quasi invisivel a alguma distância, era alvo dificílimo de atingir-se, ao passo que as suas balas, deslisando ao lume d'agua, batiam em cheio nos gran-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

des navios, à altura da flutuação, ameaçando submergí-los em poucos instantes."

Nos fins de março de 1866 essas chatas deram grande trabalho e fizeram sérias avarias na esquadra brasileira.

No dia 27 de março, em frente ao forte Itapiriú, o *Tamandaré* desde a véspera aguentava o contínuo fogo dessa fortificação e de uma chata inimiga escondida por trás de uma ponta de pedra na enseada.

Até às 4 horas da tarde pouco havia sofrido o navio brasileiro. Mas, justamente a esse hora, uma bala, inutilizando uma portinhola, penetrou na casamata. Êste projetil, rebentando, feriu 34 pessoas, matando instantaneamente o imediato, o comissário, o escrivão e 10 praças.

Mortalmente ferido caíu o comandante Mariz e Barros. Era um espetáculo de doer o coração aquele punhado de vítimas, quando ali entrou pouco depois o vice-almirante Tamandaré, comandante em chefe.

Uns, mortos, estampavam na fisionomia o reflexo das dores de uma horrivel agonia; outros, moribundos, gemiam quasi sem fôrças; outros mais levemente atingidos, procuravam estancar com as mãos o sangue que lhes jorrava do corpo.

O 1º. tenente José Inácio da Silveira, com um braço e uma perna arrancados, sorriu para o vice-almirante, apertou-lhe a mão e despediu-se de

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

todos com calma inigualavel. Instantes depois morria.

O comandante Mariz e Barros jazia tambem no chão com uma perna separada do corpo na altura do joelho.

Os médicos resolveram que era urgente operá-lo, cortando a coxa.

Transportaram-no, pois, para o hospital de Corrientes, onde às 11 horas da noite começou a amputação da coxa. Um dos médicos, com um frasco de clorofórmio na mão, queria fazê-lo dormir artificialmente, para que não sofresse as dores da operação.

Mas o jovem herói, que tanto se distinguira em Paisandú, recusou o clorofórmio, dizendo: *Deixem isto para as mulheres... a mim deem-me um charuto...*

E, fumando, suportou sem um ai toda a operação.

Sentindo, porém, que ia morrer, voltou-se para o médico e disse:

— Mande dizer a meu pai que eu sempre soube honrar-lhe o nome.

E assim morreu, herói, quem sempre como herói havia vivido.

O exemplo dessa coragem e dessa resignação fazem com que aquí registremos respeitosamente o nome do brilhante oficial como um dos mais ilustres da Marinha Nacional.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

59. Heroínas Brasileiras

O. Duque Estrada

Muitas foram as mulheres brasileiras que deram provas de grande patriotismo, assinalando-se por atos de bravura nas diversas guerras que sustentámos desde o período colonial.

Ao nome legendário de Anita Garibaldi, que se cobriu tambem de glórias na Itália, registra a História os de Clara Camarão, Ana Neri, Baronesa de Porto Carrero e várias outras.

De uma, que nunca recebeu o menor galardão, e é hoje falecida, diz o capitão Joaquim Silvério Pimentel „que fez jus a uma estátua".

Chamava-se Florisbela. Essa intrépida mulher armava-se com a carabina do primeiro soldado que caía morto ou ferido, e entrava em combate até o fim da peleja, para exercer então a caridade nos hospitais de sangue.

Na derrota de Curupaití, chegou a dizer a um homem que tomasse as suas saias e lhe entregasse a espada. Vestia o uniforme de vivandeira, e assim se conservou durante toda a campanha, servindo no 2.º corpo do exército, sob as ordens do conde de Porto Alegre.

„Vê-la com os lábios ennegrecidos pela ação de *morder o cartucho* — diz o seu biógrafo — era o mesmo que ter diante de si o anjo da vitória".

Intrépida na luta, era abnegada e caridosa quando tratava dos feridos. Muito lhe deve o Brasil.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Florisbela era natural da heróica província do Rio Grande do Sul.

Outra mulher de grande bravura foi Maria Curupaití, frequentemente citada pelo capitão Pimentel.

Na mesma guerra do Paraguai avultou igualmente, em traço luminoso, o heroísmo de uma pobre mulher do povo, conhecida da tropa pela alcunha de *Chica Bîriba*. Essa intrépida e arrojada brasileira combatia sempre de lança em punho, e foi assim que em Pequecerí chegou a tomar ao inimigo toda uma linha de 21 bocas de fogo!

Deve-se juntar ainda aos das heroínas brasileiras o nome de sóror *Maria Angélica*, a defensora de um convento da Baía, durante a guerra da Independência. Atacado o convento pelas fôrças portuguesas comandadas pelo general Madeira, sóror Maria Angélica colocou-se à sua entrada, de braços abertos e com um crucifixo na mão, para dar tempo à fuga das outras monjas.

Não querendo recuar nem ceder o terreno aos invasores, foi por estes atravessada a golpes de baioneta.

De uma valente *garimpeira do Distrito Diamantino* conta o dr. Felício dos Santos êste interessante episódio:

„No ano 1742 uma partida de dragões sustentou renhido combate com alguns garimpeiros, nas vizinhanças do Rio Manso. Entre estes sobressaía um mais jovem, que, por ser mais audaz e intrépido, foi aprisionado; os outros fugiram. Trazido preso e metido no tronco da cadeia, aí

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

foi o escrivão da Intendência fazer o que se chama *auto de prisão, hábito e tonsura.* Dêste auto consta que o preso „era de estatura baixa e delicada, olhos e cabelos negros, côr morena, feições finas e regulares, sem barba alguma; e sendo-lhe perguntado qual a sua idade, naturalidade, filiação, profissão, estado, e se tinha algumas ordens ou era professo em alguma religião, recusara obstinadamente responder a qualquer das perguntas.

No mesmo dia, — não sabemos por que meio, e nem consta dos autos, — reconheceu-se que o garimpeiro era uma bela rapariga disfarçada em homem.

No dia seguinte, — tambem ignoramos por que meio, — quando o escrivão voltou à cadeia, só achou o tronco, pois que a bela prisioneira se havia evadido durante a noite".

Aí está um episódio que bem merece ser transportado pelos nossos poetas para a tela do Teatro Nacional, idealizado num drama, que poderá ser uma obra prima de concepção e de arte.

De D. Maria de Souza, heroína pernambucana, tambem se conta que, tendo perdido já dois filhos na guerra contra os holandeses e recebendo a notícia da morte de um genro, chamou os dois filhos que lhe restavam, um de 14 anos e outro apenas de 12, e lhes disse:

„O inimigo acaba de matar o vosso terceiro irmão; quero colocar-vos na carreira dêles; por isso tomai a espada e ide, já e já, dar a vida por Deus e pela Pátria".

O mais velho foi imediatamente sentar praça; o mais moço não tardou muito a ir fazer o mesmo.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

60. Liberdade

Antônio Carlos

Sagrada emanação da Divindade,
Aquí do cadafalso eu te saúdo;
Nem com tormentos, com reveses mudo,
Fui teu votário e sou, ó Liberdade!

Pode a vida brutal ferocidade
Arrancar-me em tormento mais agudo;
Mas das fúrias do déspota sanhudo
Zomba d'alma a nativa dignidade.

Livre nascí, viví, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura.
Onde império não tem mando severo.

Nem da morte a medonha catadura
Incutir pode horror a um peito fero,
Que aos fracos tão sòmente a morte é dura.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

61. JOSÉ DA SILVA MAFRA

Joaquim Manoel de Macedo

Nascido em berço pobre e humilde, soldado voluntário ainda na infância, afastado a pesar seu dos focos de luz que dimana das academias e das grandes instituições ilustradoras do espírito, Mafra, reagiu contra a fortuna mesquinha, e na barraca do guerreiro em campanha, e no quartel do regimento em guarnição, quando punha de lado a espingarda ou a espada, tomava o livro, e lendo com avidez, atenção e reflexão severas, como que dizia a si mesmo:

— Quero saber!...

Êsse gôsto e ardor pelo estudo, que aliás nem um só dia prejudicaram os deveres da disciplina militar, e que depois de 1832 se desenvolveram mais facil e regularmente, deram a José da Silva Mafra natural e variada cópia de conhecimentos e de instrução, que a experiência, o talento feliz e o juizo reto aprimoravam, e que êle em sua modéstia escondia tanto, que sòmente aqueles que de perto o conheceram, que aproveitaram o seu fecundíssimo concurso em trabalhos de administração e de comissões importantes principalmente no Senado, puderam marcar com justeza o alto quilate do brilhante por outros menos bem apreciado.

. . . . . .

José da Silva Mafra foi comendador da ordem de S. Bento de Aviz, oficial da imperial ordem da Rosa e veador da casa imperial.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Além de todas essas distinções e grandezas da terra, coube-lhe ainda uma, a mais pesada, porém a mais nobre: depois de tanto servir ao Estado, de tanto influír, de tanto administrar, de tanto poder dobrar-se às seduções do egoísmo interesseiro e insidioso, morreu, teve a honra de morrer, deu o belo exemplo, deu-nos a honra de morrer em extrema pobreza.

. . . . . .

Tipo de lealdade, modêlo de honra, sacrário da amizade, encanto de ameno trato, símbolo de moderação, êsse velho de 83 anos morreu, conservando, como nos melhores tempos da virilidade da razão, um tesouro raro, a faculdade mais profícua, principal segrêdo da excelência do legislador, da previdência do estadista, da ação oportuna e eficaz do govêrno na solução dos problemas mais difíceis, o condão mais poderoso de Washington, a luz que de improviso mostra o caminho do acêrto nos mais tremendos conflitos de idéias aos políticos da Grã-Bretanha; segrêdo, cuja revelação faz sorrir a todos, porque todos acreditam que o possuem; flama serena, cuja falta incompleta os maiores sábios, e que às vezes ilumina um homem pouco instruído; privilégio talvez natural e de bem poucos, que, às vezes, acontece não terem borla nem capelo; um segrêdo, portanto, que, na direção da vida do homem, dos cuidados da família e dos destinos dos povos, vale mais que todas as ciências humanas: O BOM SENSO.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

62. Rosa Maria Paulina da Fonseca

Sílvio Roméro

O nome desta insigne matrona, tão ilustre quanto as mais ilustres da antiga Esparta e da antiga Roma, é pôsto aquí intencionalmente, meninos.

Ela, por ocasião da guerra do Paraguai, teve no campo da sangrenta luta seis de seus filhos: Manoel, Hermes, Severiano, João, Afonso e Hipólito, todos bravos, animados pelos seus conselhos, alimentados de seu patriotismo

Os dois últimos, Afonso e Hipólito, eram ainda dois adolescentes; destemidos como águias, foram os primeiros dos nossos que galgaram os muros de Curupaití; caíram despedaçados pela metralha.

De Hipólito nunca mais foi visto o corpo; Afonso, encontrado quasi moribundo, enquanto lhe faziam dolorosíssima operação, dava vivas ao Brasil e morria como um verdadeiro herói.

Chegada ao Rio de Janeiro, onde residia a ilustre matrona, já nesse tempo viúva, a notícia da morte de seus filhos com a notícia de uma de nossas vitórias, ela foi solícita em iluminar a frente de sua casa, calando a dor materna, diante do entusiasmo por nossos feitos de guerra!...

Belo tipo d'alma de mulher, digna de ser imitada!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

63. Simplicidade, felicidade

GUILHERME DE ALMEIDA

Simplicidade... Simplicidade...
Ser como as rosas, o céu sem fim,
A árvore, o rio... Por que não há de
Ser toda a gente tambem assim?

Ser como as rosas: bocas vermelhas
Que não disseram nunca a ninguem
Que têm perfumes... Mas as abelhas
E os homens sabem o que elas têm!

Ser como o espaço, que é azul de longe,
De perto é nada... Mas quem o vê
— Árvores, aves, olhos de monge...
Busca-o sem mesmo saber por quê.

Ser como o rio cheio de graça,
Que move o moinho, dá vida ao lar,
Fecunda as terras... E, vindo, passa,
Despretensioso, sempre a cantar.

Ou ser como a árvore: aos lavradores
Dá lenha e fruto, dá sombra e paz;
Dá ninho às aves; ao inseto, flores...
Mas nada sabe do bem que faz.

Felicidade — sonho sombrio!
Feliz é o simples que sabe ser
Como o ar, as rosas, a árvore, o rio:
Simples, mas simples sem o saber!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

62. Rosa Maria Paulina da Fonseca

Sílvio Roméro

O nome desta insigne matrona, tão ilustre quanto as mais ilustres da antiga Esparta e da antiga Roma, é pôsto aquí intencionalmente, meninos.

Ela, por ocasião da guerra do Paraguai, teve no campo da sangrenta luta seis de seus filhos: Manoel, Hermes, Severiano, João, Afonso e Hipólito, todos bravos, animados pelos seus conselhos, alimentados de seu patriotismo

Os dois últimos, Afonso e Hipólito, eram ainda dois adolescentes; destemidos como águias, foram os primeiros dos nossos que galgaram os muros de Curupaití; caíram despedaçados pela metralha.

De Hipólito nunca mais foi visto o corpo; Afonso, encontrado quasi moribundo, enquanto lhe faziam dolorosíssima operação, dava vivas ao Brasil e morria como um verdadeiro herói.

Chegada ao Rio de Janeiro, onde residia a ilustre matrona, já nesse tempo viúva, a notícia da morte de seus filhos com a notícia de uma de nossas vitórias, ela foi solícita em iluminar a frente de sua casa, calando a dor materna, diante do entusiasmo por nossos feitos de guerra!...

Belo tipo d'alma de mulher, digna de ser imitada!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

63. Simplicidade, felicidade

GUILHERME DE ALMEIDA

Simplicidade... Simplicidade...
Ser como as rosas, o céu sem fim,
A árvore, o rio... Por que não há de
Ser toda a gente tambem assim?

Ser como as rosas: bocas vermelhas
Que não disseram nunca a ninguem
Que têm perfumes... Mas as abelhas
E os homens sabem o que elas têm!

Ser como o espaço, que é azul de longe,
De perto é nada... Mas quem o vê
— Árvores, aves, olhos de monge...
Busca-o sem mesmo saber por quê.

Ser como o rio cheio de graça,
Que move o moínho, dá vida ao lar,
Fecunda as terras... E, rindo, passa,
Despretensioso, sempre a cantar.

Ou ser como a árvore: aos lavradores
Dá lenha e fruto, dá sombra e paz;
Dá ninho às aves; ao inseto, flores...
Mas nada sabe do bem que faz.

Felicidade — sonho sombrio!
Feliz é o simples que sabe ser
Como o ar, as rosas, a árvore, o rio:
Simples, mas simples sem o saber!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

64. Uma heroína

Lemos Brito

Nós temos, em nossa história, muitas mulheres notaveis por sua dedicação e por sua bravura. A Baía deu-nos a mais intrépida das brasileiras da Independência, digna de figurar ao lado de Anita, a gloriosa esposa de Garibaldi: chamou-se Maria Quitéria de Jesus Medeiros.

Quando se declarou a Independência, andavam, pelo interior da província, emissários da Junta de Cachoeira, tocando a rebate e chamando a postos os voluntários. Já, nesta epoca, as senhoras baianas reuniam as suas jóias e as enviavam à Princesa Leopoldina, depois Imperatriz do Brasil, para com o produto delas auxiliar a causa nacional. Um dia, emissários da revolução chegaram a uma fazenda sita à margem do rio dos Peixes, e de propriedade de Gonçalves de Almeida, português, viúvo, alí residente com sua filha Maria Quitéria. Eram abastados. O velho Gonçalves dispunha de abundante criação de gado e de grande plantação de algodão, da qual colhia anualmente 400 arrobas. A filha era o encanto dêsse lugar, que ficava nos antigos campos de Cachoeira, à margem do rio dos Peixes, tributário do Jacuípe, que é o maior afluente da margem esquerda do Paraguassú.

Um emissário procurou chamar o velho à causa de que se faziam os propugnadores. Êle, porém, não acedeu. Esperaria o resultado da campanha e seria o obscuro súbdito do vencedor...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Maria ouviu a narrativa do que já ia aceso lá pela orla do Recôncavo, e, assim que pôde, disse ao emissário:

— Sinto o coração arder no meu peito.

Ouvindo-a, declara-lhe o pai:

— As mulheres fiam, tecem e bordam; não vão à guerra.

Em seu espírito delicado de moça passava-se agora alguma coisa de extraordinário.

Indo mais tarde a casa de uma sua irmã casada, segredou-lhe:

— Sinto não ser um homem para juntar-me aos patriotas.

Ao que a irmã lhe retrucou:

— Se eu não tivesse marido e filhos, por metade do que estás a dizer, corria a alistar-me nas fileiras do Imperador.

Então, a moça, sentindo o peito abrasar-se-lhe ao amor de sua pátria, tomou algumas roupas do cunhado, equipou-se, preparou-se para a jornada, e, aproveitando-se da ausência do pai, fez-se de viagem para Cachoeira, onde, havendo-se vestido no mato, entrou já como se fôra um guapo e forte rapaz.

Foi alistada na artilharia, da qual passou à infantaria. Em fins de 1822, estava ela no batalhão dos Voluntários do Príncipe, batalhão que, depois tomou o nome de Periquitos, pelas côres verde e amarela de seu fardamento.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Tomou parte na defesa da foz do rio Paraguassú, quando, chefiando outras mulheres, lutou com água até aos seios, e, contagiando de seu ardor belicoso os valentes soldados de Vítor José Topázio, ajudou-os ao cumprimento do dever. O comandante, em parte oficial, já exalta a bravura de Maria Quitéria.

Em 31 de março era ela cadete, e merecia do Conselho interino de Governo a honra de conceder-lhe uma espada e seus acessórios.

Empenhou-se nos combates de Conceição e Itapoã, e Labatut e Lima e Silva a elogiaram com admiração, dizendo o último que „havia entrado tres vezes em combate", e que "em toda a campanha se distinguira por indizivel valor e intrepidez".

Ela marchava à frente de seu batalhão, quando êste fez a ocupação da Baía, a 2 de julho de 1823. As freiras do Convento da Soledade coroaram-na nesse dia, sob delirantes aclamações da multidão.

Maria Quitéria veio com o seu batalhão ao Rio de Janeiro. O Imperador recebeu-a em audiência especial, e, colocando-lhe no peito as insígnias da Imperial Ordem do Cruzeiro, disse-lhe: „Concedo-vos a permissão de usar esta insígnia como um distintivo, que assinala os serviços militares que, com denodo raro entre as mais do vosso sexo, prestastes à causa da independência do Império, na porfiosa restauração da Baía".

O Imperador ainda lhe garantiu, por decreto, o soldo de alferes das milícias imperiais.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

65. O pessimismo nas escolas

Araripe Junior

De que serve alimentar a energia individual do aluno, iluminar-lhe a imaginação, enchendo a sua inteligência de inspirações, científicas e artísticas, se tudo isso se tem de esbarrar diante da convicção de que o círculo em que êle vive não o animará, nem correspondendo a seus esforços, nem comprendendo os seus intúitos?

Pois bem, é êsse o grande vício que se nota, com raras exceções, na prática de todos os dias. O pessimismo e o mau humor filtram a todo o instante, passando dos lábios do mestre e das páginas dos livros, através do coração ingênuo das crianças; e, quando menos se pensa, em vez de se ter aparelhado um homem, sadio no corpo e na alma, alegre e contente de si mesmo, e cheio de coragem para entrar na luta na vida, o que se encontra é um desalentado, um vencido, cuja única aspiração está no repouso, cuja única atividade

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

se reduz a uma crítica esteril do círculo social em que as circunstâncias o colocaram. E tudo isso, êsse medíocre sentimento de resignação, essa repugnância invencivel ao esfôrço, essa perene maledicência contra o país e contra os seus homens, não é senão o resultado inconciente do pessimismo que tem invadido sorrateiramente o nosso meio intelectual, e que, de um modo insensivel, vai carcomendo, a começar da escola, uma das mais belas qualidades do homem — a coragem.

Como é possivel que de nossas academias saiam doutores dispostos a concorrer para o engrandecimento desta Pátria, se desde os bancos de primeiras letras só se faz plantar em seu espírito a idéia da inferioridade do carater nacional, da impotência da raça a que pertencemos, da inutilidade do esfôrço num meio social condenado pelas leis fatais da história a ser mero campo de exploração de industriais de outras nações?

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

66. Amor à profissão

Emílio Faguet

Podereis gostar de vossa profissão, antes de conhecê-la, e ireis para ela com um impulso impetuoso e a alma em festa; tanto melhor para vós, tereis desta sorte as maiores probabilidades de ventura. E' tambem possivel que vos aventureis em uma profissão pelo concurso das circunstâncias e por uma série de incidentes que não sejam positivamente aqueles que desejaríeis que fossem. Em ambos os casos há uma regra única, quer tenhais adotado o ofício, quer o ofício vos tenha adotado, amai-o com todas as fôrças, sem vacilações, sem infidelidade, sem diversão.

Direis que pouco se presta a isso. E' um êrro — um êrro absoluto. Todas as profissões são dignas de desvelos, porque, todas elas amam os que as amam.

Todas as profissões dão, aos que se lhes entregam, alegrias incomparaveis e uma maravilhosa saúde de espírito...

O amor da profissão, por si mesmo, é uma virtude, e a própria profissão, qualquer que seja, tem virtudes que acabam por se vos comunicarem.

O amor da profissão, é uma virtude, porque é uma convicção, uma aplicação de toda a ati-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

vidade a qualquer coisa, que não é nem um apetite, nem um desejo; é um desprendimento de si próprio, um apêgo ao que é maior que a própria pessoa; uma dedicação em fim.

Deve-se ter afeição ao ofício, pouco mais ou menos como se tem à pátria e à religião, para fugir à grande tentação de não amar senão a si próprio.

Não é mau, mesmo, fazê-lo com um pouco de entusiasmo. „Mesmo o fabricante de alfinetes deve ser entusiasta de seu ofício", — disse um moralista inglês; e tem razão.

Molière tem uma cena cômica, que é a mais tocante do mundo; é aquela em que o mestre de dança, o mestre de música e o mestre de armas gabam à porfia suas respectivas profissões, e não veem nenhuma no mundo que lhes possa ser comparada. Estão com a verdade e são profundamente veneraveis. Dão-nos uma lição. Eu não sei se êles ensinam bem a dançar, a cantar ou a dar um golpe de espada, mas todos os três nos ensinam a viver, e admiravelmente.

As mais modestas profissões são dignas de que nos apaixonemos por elas.

E' preciso tomá-las com candura, com ingenuidade, não as desprezar nunca, não nos julgarmos acima delas.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

76 Hino do trabalho

A. F. de Castilho

No regaço do luxo a opulência
Os cansaços do ócio maldiz:
Entre as lides sorrí a indigência,
Co'o pão negro se julga feliz.

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho
E' riqueza, é virtude, é vigor,
Dentre a orquestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades e amor.

Deus, impondo ao pecado a fadiga,
Té na pena sorriu paternal;
O que vence a preguiça inimiga
Reconquista o Edên terreal.

Quem dá graças aos céus ao sol pôsto?
Quem lh'as dá, vendo aurora raiar?
E' o obreiro: o suor lhe enche o rosto,
Mas seus dias não turva o pesar.

O que vive na inércia aborrida
Não sòmente é de irmãos roubador;
E' suicida; é mais vil que o suicida,
E' suicida a quem falta o valor.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Caia o opróbrio no vil ocioso,
Que desherda o presente e o porvir!
Só à noite compete repouso!
Só aos mortos o eterno dormir.

Mar e Terra, Ar e Céu, tudo lida,
Deus a todos deu luz e pôs mãos:
Lei suprema, o trabalho é a vida;
Trabalhar! trabalhar! meus irmãos!

68. A campanha do trigo

Adolfo Konder

Cultivai o trigo — que é o pão nosso de cada dia; — que é o sorriso do lar; — que é a alegria dos campos.

Plantai o trigo — que é o ouro dos céus; — que é o orgulho do arado; — que é a bênção da terra.

Semeai o trigo — que é a fartura da casa; — que é a dádiva de Deus; — que é, sem dúvida, a maior fortuna dos povos!

Espalhai o trigo e tereis o pão.

E a riqueza voz invadirá a casa numa chuva cantante de grãos de ouro!

E sereis prósperos e sereis felizes, e estareis satisfeitos em meio à paisagem lourejante dos vossos trigais.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

69. Dever de solidariedade

CARLOS GÓIS

A solidariedade é uma das virtudes que mais ennobrecem o carater.

„Todos por um! Um por todos!" — tal é a divisa da solidariedade.

Solidariedade é a *responsabilidade mútua, a dependência mútua* entre duas ou mais pessoas que se ajustam para um fim comum. Exemplo: João, Antônio, Pedro e Joaquim combinam entre si um trato. Por êsse trato cada um dêles é responsavel pela ação de todos os outros, assim como todos os outros são responsaveis pela ação de cada um dêles.

O homem que na hora do perigo deixa de ser *solidário* com seus companheiros, e os abandona à sua própria sorte, — é um covarde e um miseravel.

Em todos os tempos o carater brasileiro tem dado provas de sua altivez, firmeza e lealdade. Um exemplo frisante de solidariedade é o que vamos citar nas linhas abaixo. Verificou-se na Provincia de Minas, em Santa Luzia do Rio das Velhas, no dia 20 de agosto, por ocasião da revolução de 1842. Foi nesse dia que se travou o combate final e decisivo, — que começou pela vitória dos rebeldes e terminou com a das fôrças imperialistas.

No dia dêsse memoravel combate achavam-se reunidos em Santa Luiza os principais chefes da revolução. Eram tão unidos entre si, tão ligados, que deliberaram morar todos juntos numa mesma casa. Essa casa ainda

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

existe, e é uma das relíquias históricas da legendária cidade de Santa Luzia. Aí moravam todos em comum; aí celebravam suas reuniões; aí discutiam as providências que urgia tomar.

Quando, por volta das 6 horas da tarde, dois batalhões da coluna do irmão de Caxias entraram de sopetão no arraial „carregando baioneta" sôbre os rebeldes, — estes se achavam tão desprevenidos que não tiveram outra saída senão ir recuando, recuando, até ceder de todo o terreno ao atacante. Houve então o esparrame geral das tropas.

Os chefes revolucionários tiveram logo conhecimento da debandada. Desde êsse momento consideraram-se perdidos. Só havia um recurso extremo — era fugir. Possuíam bons animais, que se achavam selados e prontos. Num relance poderiam montá-los e levar a efeito a fuga pela Ponte Grande, a qual se achava guardada nessa hora pelos coronéis Galvão e Alvarenga, e pela qual estavam então desfilando as tropas fugitivas, em número superior a 2 mil homens.

Reunidos na casa onde moravam, resolveram deliberar sem perda de tempo. Só um dos companheiros deixara de comparecer — o conego Marinho, o maior propagandista do movimento. Teófilo Ottoni adiantou-se e usou da palavra. Declarou-se contrário à fuga.

— Fugir seria faltar à responsabilidade — alí todos eram responsaveis. Fugir seria uma mostra de fraqueza. E, se todos se tinham mostrado fortes até aquele momento, por que, à última hora, dar parte de fracos? Fugir era ter medo da Justiça! E êles não deviam temer a Justiça, porque a Justiça lhes haveria de conhecer a inocência e absolvê-los. Portanto, que se deixassem estar juntos e congregados, esperando o curso dos acontecimentos.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

As palavras do chefe do Liberalismo calaram no espírito dos companheiros, como o toque de reunir num acampamento de guerra. Todos se puseram de acôrdo com a proposta do chefe:

— Nenhum fugiria. Seriam solidários até o fim, como o haviam sido no princípio. Que viesse o castigo e êste tocasse a todos! Se, em vez do castigo, viesse a absolvição da Justiça, viesse a redenção da História, viesse a glória da Posteridade, — tambem essa absolvição, e essa redenção, e essa glória tocaria por todos! Qualquer que fôsse a resolução, haviam de caminhar juntos até o fim, haviam de participar do mesmo destino!

Daí a meia hora a casa estava cercada pelas tropas imperialistas. Depois que o comandante do exército pacificador, o barão de Caxias fez sua entrada triunfal no arraial, — mandou uma comissão de distintos oficiais para prendê-los. Os chefes liberais entregaram os pulsos às autoridades, firmes no sacrifício, identificados com o sofrimento comum, solidários em face do perigo!

O cônego Marinho fugira a cavalo para uma fazenda distante, onde se conservou oculto, e onde começou a escrever a História da Revolução de 42, que mais tarde foi publicada em livro. Fugira sem ter sido avisado da reunião dos companheiros, e supondo que todos iriam usar da mesma medida extrema.

Quando foi um dia recebeu a notícia de que os companheiros não haviam fugido, mas se haviam entregado à prisão. Disseram-lhe mais:

— Que de Sabará para Congonhas haviam seguido com os pulsos algemados, marchando dois a dois, como réus de crime infamante! Que em Sabará haviam ficado,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

durante duas horas, expostos em plena praça à exibição do povo baixo, que se aproveitou para cobrí-los de insultos e de injúrias! Que em Ouro Preto haviam sido recolhidos à cadeia, sequestrados de suas famílias, proibidos de receber quaisquer visitas, e obrigados ao regime da „solitária" das 5 horas da tarde em diante.

Ao saber do rosário de amarguras que estavam sendo aplicadas a seus desditosos companheiros, o conêgo Marinho tapou o rosto com as mãos, coberto de vergonha:

— Que! Seus companheiros estavam passando por todas essas torturas, e êle estava alí naquela fazenda em seu bem-bom, tratado com todo o confôrto, cercado de todas as garantias?

Seus companheiros estariam supondo, e com razão, que êle fugira para não sofrer, como estavam sofrendo, todo o pêso da justiça, toda a opressão do poder, todas as consequências de sua ação revolucionária! Não! Não ficaria alí nem mais um minuto! Iria apresentar-se às autoridades, iria reclamar para si os mesmos tormentos por que estavam passando seus infortunados amigos! Tambem êle tinha „direito de sofrer!"

Disse isso lá com a sua conciência. Despediu-se com mil agradecimentos do fazendeiro que lhe dera agasalho. Mandou selar o cavalo, soltou-lhe as rédeas, e a toda a brida desapareceu na primeira curva da estrada.

Chegando o Ouro Preto, apresentou-se às autoridades e pediu que o recolhessem à prisão.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

70. A paixão da verdade

Rui Barbosa

A paixão da verdade semelha, por vezes, as cachoeiras da serra. Aqueles borbotões d'agua que rebentam e espadanam, marulhando, eram, pouco atrás, o regato que serpeia, cantando, pela encosta, e vão ser, daí a pouco, o fio de prata que se desdobra, sussurrando, na esplanada. Corria murmuroso e descuidado; encontrou o obstáculo; cresceu, afrontou-o, envolveu-o, cobrindo-o, e afinal o transpõe, desfazendo-se em pedaços de cristal e flocos de espuma.

A convicção do bem, quando contrariada pelas hostilidades pertinazes do êrro, do sofisma ou do crime, é como esta catadupa da montanha. Vinha deslizando, quando topou na barreira que se lhe atravessa no caminho. Então remoinhou arrebatada, ferveu, avultando, empinou-se, e agora brame na voz do orador, arrebata-lhe em rajadas a palavra, sacode, estremece a tribuna, e despenha-se em tôrno, borbulhando.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

71. A PÁTRIA

ANTÔNIO SALES

Não, a pátria não é onde melhor é a vida,
Mas a estância natal, do plaino ou da montanha,
Onde à luz descerraste a pálpebra adormida
Na sombra e tepidez da maternal entranha.

E' a terra onde vão ter descanso à humana lida
Êsses cuja memória é luz que te acompanha,
E onde falaste a língua, a primeira aprendida,
Ante a qual toda mais é dissonante e estranha.

Terras, certo, haverá de mais poder e glória,
De mais resplandecente e mais antiga história,
Mais fecundas na paz e mais fortes na guerra!

Que te importa? Assim como à mais alta raínha
Preferes tua mãe, pobre e humilde velhinha,
Ao mais nobre país — prefere tua terra!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

72. IMPOSTOS

Jônatas Serrano

Se ao Estado incumbe a manutenção da ordem, se lhe cumpre garantir o direito e defender a liberdade, integridade e dignidade da nação, bem é de ver que para tudo isto há mister grandes recursos.

E', pois, dever de todo cidadão contribuír pecuniàriamente para as despesas que exige o funcionamento do Estado. Daí os impostos.

De onde há de vir, com efeito, o dinheiro necessário para pagamento dos funcionários de todas as categorias, para as despesas decorrentes da manutenção das fôrças armadas, marinha e exército, e de tudo quanto naturalmente resulta da existência e atividade do complicado aparelho do Estado?

Evidentemente o único recurso de que pode lançar mão o govêrno são as contribuições dos cidadãos, e todos, exceto os indigentes, devem concorrer com a sua parte.

Longe de ser extorsão é, pelo contrário, o imposto uma dívida de honra, o cumprimento de uma obrigação de estrita justiça.

Se todos participam dos benefícios do Estado, em grau maior ou menor, é verdade, mas

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

sem exceção de ninguem, justo é que contribuam todos para as despesas públicas de interêsse geral.

Tem ainda o Estado o direito de exigir dos cidadãos o mais pesado, o mais doloroso de todos os tributos: o *imposto do sangue*.

E' o serviço militar consequência inevitavel da necessidade da defesa do país, ameaçado na sua integridade territorial, se não houver fôrças capazes de repelir as agressões externas.

A existência permanente de exército e marinha, por mais reduzidos que sejam os efetivos de paz, reclama o sacrifício de certo número de cidadãos, e nem sempre o voluntariado é para isto suficiente. Dado, porém, que o seja, quer em tempo de paz, quer sobretudo no de guerra, é dever de todos os homens válidos cooperar na defesa da Pátria.

Fugir, sem justa causa, ao cumprimento dessa obrigação, é suprema covardia.

No próprio interêsse da sociedade podem e devem, entretanto, ser dispensados do serviço militar os que, pela natureza das funções que exercem — mais importantes e incompativeis com o mister das armas — não convem de todo que sejam afastados de seus cargos.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

73. JOAQUIM NABUCO

Henrique Coelho

Na quadra das verdes esperanças da mocidade, no período do melancólico declínio da existência, alcançou, no país, as demonstrações de estima a que podia aspirar, e, fora dêle, as homenagens, que dos nossos compatriotas, exceto Rui Barbosa, ainda nenhum mereceu dos estrangeiros.

No lar, chefe de família desvelado e amantíssimo, vivia para os seus e para a felicidade dos seus, incapaz de se agastar até com os criados, a quem não aprendera a repreender, sem fundada razão, ou quasi que se desculpando de ter de censurá-los, se forçado a usar da autoridade de amo ou patrão.

Dos amigos se mostrou o companheiro leal e fiel, querendo-lhes como se quer a irmãos, convencido de que da estima dêles era sempre o devedor, jamais o credor.

Juntou-se ao número dos que sentem verdadeiro prazer em ajudar e servir. Dadivoso e munificente, avaliava não só as angústias, como os vexames dos necessitados e dos pobres. Negava apenas o que não lhe pertencesse.

Inspirava-lhe sagrado respeito a dor alheia. Abnegado e magnânimo patrono dos escravos,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

quando, na época, „a idéia abolicionista era uma simples agressão e não tinha chegado a ser aceita pela conciência nacional", revoltava-o a atrocidade da caça da polícia aos pretos, negando êle ao Estado o direito de „exigir da fôrça pública, do exército nacional, que estivesse à postos nos quartéis, para restabelecer, em pequenos feudos, uma tirania que a lei não fiscalizava, isto é, para conservar a NÓDOA DE SANGUE na bandeira, que é, para o soldado, o símbolo da Pátria". Na ânsia de que fôsse para sempre banida das nossas leis, desesperadamente lutou contra a escravidão, „palavra que os brasileiros não deviam mais pronunciar porque queima como brasa", e „instituição homicida", inhumana — o verdadeiro inferno da história.

Não nascera para a lisonja e menos para a adulação: revoltando-o a subserviência política, e, assim, inhabil para turiferário dos governos, preferiu o destêrro da oposição. Nem presumido, nem vaidoso, embora cônscio do seu valor, não procurava ostentar, não disputou primazias, não quís condecorações, não o atraíu o fastígio da posição de ministro de Estado, e o seu desdem pelos títulos nobiliárquicos provou-o, renunciando as honras do de conde, com que a Santa Sé manifestara a intenção de agraciá-lo.

Altivo com os grandes, com os poderosos, lhano, afabilíssimo com os humildes, com os obscuros, não se lhe conheceram outras fraquezas

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

senão, e exclusivamente, as da tolerância e da complacência. Puro de sentimentos, nada o desviou do santo caminho da virtude e do bem. Nenhuma parcela de maldade lhe enfeava o carater — modêlo de soberba perfeição moral.

Não o abandonava o seu cavalheirismo, mesmo no ardor da luta, durante as várias e tormentosas campanhas que teve de sustentar. Não deprimindo, não injuriando o adversário, nunca dêste chegou a receber a lição de cortesia, e, na amenidade do trato, outro atributo se lhe descobria, o de não se perder nas pequenezas de tolos melindres ou de ridículas suscetibilidades.

Longe de ser supersticioso ou excêntrico, dominava-o o optimismo, graças à boa saúde que quasi nunca lhe faltou, e que não pouco o auxiliava no extraordinário amor ao trabalho. Afeiçoado às crianças, apreciador da música, da pintura e das outras artes, gostando de flores, imune do vicio do fumo ou do jôgo, sóbrio nas refeições, corajoso, destemido, impecavel nos preceitos da urbanidade, mesmo tratando com estranhos de inferior condição social, respeitoso, insinuante na casa dos ricos tanto quanto na morada dos pobres, levava para toda a parte onde se apresentasse o jugo e a fascinação da simpatia.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

74. Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho

José Boiteux

Na vasta galeria dos catarinenses ilustres destaca-se, sobremodo, o conselheiro Jerônimo Francisco Coelho.

Devotado, em extremo, aos interêsses da terra que lhe fôra o berço, êle, desde 1831, ao subscrever o artigo-programa d',,O Catarinense", que havia fundado nos dias tormentosos que se seguiram à abdicação de D. Pedro I, assinalara se como um tenaz combatente pelo que julgava fôsse o progresso, o bem, a garantia de um melhor futuro para a Província estremecida.

A sinceridade das suas manifestações, aliada à ação constante em prol de tão elevados ideais, cercou-lhe o nome da auréola que só conquistam os capazes de conduzir tão brilhante bandeira.

Deputado provincial desde 1835, êle completava na tribuna da assembléia catarinense a campanha iniciada na outra tribuna que fôra o jornal que fundara; deputado geral em três legislatura, a sua ação parlamentar se reves-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

tiu, desde logo, de forte destaque; pouco depois ministro da guerra, coube-lhe pacificar São Paulo e Minas Gerais e enviar, pela mão de Caxias, o ramo de oliveira às hostes combatentes do Rio Grande do Sul.

Afastado do parlamento, transcorreu-lhe o decênio de 1847 a 1857 em larga série de serviços, cada qual mais relevante, prestados em comissões da maior responsabilidade, umas de natureza científica, de caráter político outras, como fôssem as presidências do Pará e Rio Grande do Sul, ainda hoje recordadas como exemplares.

Restituído ao parlamento, viu-se logo que o seu prestígio não se modificara com a tão prolongada ausência da tribuna, em que — gloriosa „espada falante" — êle enfrentara notaveis oradores; pelo contrário, como que se avolumaram todas as qualidades que antes o haviam elevado já aos conselhos da Coroa, e ei-lo, de novo, ministro da guerra, desta vez assentando-se com os bordados de brigadeiro, com a mesma lúcida inteligência, com a mesma capacidade de trabalho com que, pela vez primeira, ocupara a referida pasta, trazendo aos punhos os galões de tenente-coronel.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

75. Marechal Deodoro

Luiz Murat

Quando foi visto entre os seus camaradas,
Em meio dos fuzís e das carretas,
O capitão temido das granadas,
Resfolgavam vulcões nas escopetas
E nas bocas das peças sublevadas;

Seu corcel relinchava, impaciente,
Orgulhoso do pêso que trazia;
Como uma águia arrojada ia na frente
De um regimento de cavalaria,
Teso na sua sela reluzente;

Todos olhavam com deslumbramento
Para o ginete e para o ginetário!
A que regiões alçava o pensamento
Êsse soldado revolucionário,
Guião do raio, domador de vento?

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Que fôrça estranha assim o arremessava
A requestas ferozes e sangrentas?
Por que seu gênio se desentranhava,
Como o equador em nuvens pardacentas,
Núncias da tempestade ingente e brava?

Empavesadas, nossas naus galeiam
No regaço da linda Guanabara;
E no tôpo dos mastros alardeiam
Tua memória, altíssima e preclara
Que os miserandos réprobos odeiam.

Entre os anemocórdios que soluçam,
Maviosamente, à doce luz tristonha,
Oh! Marechal! as aves se debruçam
Dos ledos ninhos... o regato sonha...
E as flores, em segrêdo, o ouvido aguçam...

E, quando o ouvido à voz do mar se enleva,
Quando ao guante dos déspotas gememos,
E o frio inverno em nosso peito neva,
Do alto dos nossos morros entrevemos
O teu ginete galopar na treva...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

76. O VELHO GUIA

Alfredo d'Escragnolle Taunay

Estavamos a 26 de maio de 1867.

Havia dezoito dias que as fôrças de Mato Grosso, depois de invadido o território paraguaio, operavam movimento retrógrado desde a Invernada da Laguna, a três e meia léguas para lá do forte de Bela-Vista, no Apa.

Nesse tempo graves acontecimentos haviam atropeladamente ocorrido. Já eram passados os episódios de entusiasmo e vitória; os combates de 6, 8, 9 e 11 de maio; arrebatara-nos o inimigo as reses de corte, ficando-nos em seu lugar a fome; o cólera-morbus estendera sobre nós sua pavorosa rede e levava-nos companheiros aos centos; vivia-se debaixo de incessantes aguaceiros, de tiroteio constante e no meio das labaredas das campinas abrasadas; cento e trinta moribundos haviam já sido entregues à generosidade da sorte e dos paraguaios, que não lhes pouparam as curtas horas de vida; não tínhamos mais bois de carro que comer, mais polvora, mais esperanças. A mísera coluna brasileira caminhava, rolando seus males e desgraças, com as quatro bandeiras dos seus batalhões desfraldadas aos ventos do deserto.

A marcha nesse dia era decisiva.

Íamos saír da zona desconhecida, e a todo o transe urgia alcançar a fazenda do Jardim,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

onde se achariam laranjas para matar a fome, e talvez gado!

Aliviados do pêso dos doentes, que nessa manhã mesma haviam ficado abandonados no pouso do Prata, nossos soldados andavam aguilhoados por pungente desespêro.

O sol era ardente: os campos abertos e vastos.

A coluna formava um grande quadrado. Na frente, ao longe, viam-se grupos de cavaleiros vestidos de encarnado, à retaguarda outros mais compactos. Eram os paraguaios, que, na frase do *Semanario* (*), nos iam pastoreando.

De vez em quando ecoava um tiro isolado, ou então apertava o tiroteio, a que se unia a voz grave de um dos nossos canhões. Quando não, caminhava-se em silêncio; e ouvia-se o vozear dos carreiros a tangerem os poucos e magros bois que vinham ainda puxando as nossas peças.

O quadrado brasileiro levava em seu seio a morte e o desalento. As carretas da artilharia iam atulhadas de moribundos.

De vez em quando caíam por terra soldados até então válidos, e a custo agarravam-se a alguma carreta ou resignadamente alí ficavam à espera dos paraguaios e dos urubús.

Na frente dessa fôrça, verdadeiramente fantástica, mais cadáveres ambulantes do que homens, caminhava a cavalo, destacado dela, curvado sôbre o selim, um velho.

Era o guia.

(*) Jornal oficial do governo paraguaio.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Era José Francisco Lopes, que puxava atrás de si toda aquela gente por sertões que só Deus e êle conheciam.

Na véspera morrera-lhe o filho mais velho, agora vinha êle, abatido, com os olhos encovados; reconhecendo em mil sinais familiares à cansada mente a aproximação da sua casa do Jardim

Faltava pouco para que sua missão estivesse cumprida; uma légua, se tanto, e o desconhecido do deserto desapareceria para sempre, e a fôrça pisaria em estrada trilhada e segura.

A marcha era lúgubre, tanto mais horrível, quanto a beleza das perspetivas, a louçania da natureza fazia contraste com tamanhas desgraças. Tudo sorria ao redor de nós. Entre nós só as côres de nossas bandeiras respondia a êsse bafejo de alegria.

Cheguei-me para perto de Lopes.

— Doutor, — disse-me, — olhe para alí. Meu gado manso vinha pastar naquele barreiro. Daquí a pouco, vocês estão vendo o cercado do meu retiro.

— Nós todos, sr. Lopes, — retorqui-lhe.

O velho tentou sorrir.

— Eu?... Qual! Sinto que minha vez está chegando.

Mal pronunciara estas palavras, os estribos lhe faltaram e com surdo gemido caíu do cavalo abaixo.

Estava com o cólera.

Era um companheiro mais para os infelizes que se estorciam de cãibras em cima das duas táboas dos cofres da artilharia.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

— Sr. doutor, — falou, renovando um pedido que dias antes me fizera, — olhe que o govêrno pague à minha família o gado que eu trouxe para vocês... Eu morro descansado...

E, encolhendo-se todo, cobriu a cabeça com um trapo de manta.

Pouco, muito pouco faltava para que se chegasse à estrada; entretanto ninguem sabia mais como dirigir a coluna.

Gabriel Barbosa, genro de Lopes, que estivera já nesses campos, esquecera-se das localidades. Suas indicações eram duvidosas, às vezes mostrava reconhecer o terreno; outras parava e consultava as reminiscências.

Numa ocasião tentou atravessar uma mata e fez parar a coluna.

O velho Lopes levantou a cabeça. Seus olhos empanados cobraram brilho, e êle fez sinal com a mão que viessem ouví-lo.

— Rodeiem o cercado, — ordenou, — porque é muito *sujo*. Por trás fica, logo à direita, o retiro.

O sertanejo acordava do letargo da morte, chamava a si todas as fôrças, que lhe fugiam, para levar a cabo o desempenho de sua obrigação.

Cumpriu-se a ordem e por uma das mais esplêndidas tardes, que jamais vi, chegámos ao retiro de José Francisco Lopes.

Êsse já não tinha mais fala. Horas depois estava morto.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

77. O Visconde de Mauá (*)

Alberto de Faria

A formação intelectual de Mauá, quer sob o aspeto literário, quer sob o aspeto moral, quer sob o aspeto filosófico, jaz envôlta em dobras de mistério.

Sabe-se que aos nove anos deixara, órfão de pai, a casa materna, nos confins do Brasil, em Arroio Grande, a alguns quilômetros do Uruguai, uma pequena propriedade rústica, onde nascera em 28 de dezembro de 1813 e onde não lhe fôra possivel aprender as primeiras letras. Pouco tempo depois, mal tinha completado onze anos, já o encontramos atrás do balcão de uma casa de comércio da Capital do Império, das sete da manhã às dez da noite, à hora em que o sino da igreja mandava fechar as portas da loja, a dormir, sôbre o balcão ou no desvão da água-furtada, o tempo absolutamente indispensavel para que o corpo pudesse resistir à fadiga do dia seguinte. Como aprendeu a ler não se sabe exatamente.

O que se sabe de certo é que antes de completar doze anos era caixeiro de uma loja de fazendas de regular importância, a do português Antônio José Pereira de Almeida, onde permaneceu quatro anos, até 1830, quando passou a ser empregado do estabelecimento do súbdito inglês Ricardo Carruthers.

Ricardo Carruthers era um homem inteligente, educado em Londres para o alto comércio, profundamente bom. Mauá o proclamou: „...um dos melhores tipos da humanidade, que se distinguia pela velha escola da moralidade positiva".

O caixeiro de 17 anos, Ireneu, devia saber ainda muito pouco da própria língua. Sua educação literária e comercial começou em inglês. Carruthers ensinou-lhe con-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

tabilidade, deu-lhe uma gramática inglesa, livros ingleses; o método intuitivo fez o resto. Mauá tornou-se um negociante inglês; toda a sua vida exibirá os vestígios dessa iniciação, para benefício de sua pátria. Dessa escola inglesa recebeu êle tudo — o trato do comércio, as largas tendências do seu industrialismo, gênio das empresas, os largos vôos dos seus sonhos de grandeza, a lisura de sua palavra, o culto do crédito, e essa nobreza de processos com que, nos três últimos quartos do século XIX, o comércio fez das Ilhas Britânicas o maior dos Impérios. Aos 23 anos, era já sócio gerente da casa Carruthers. E três anos depois, Ricardo Carruthers, retirando-se para a Inglaterra, deixava-lhe o encargo de sua casa e de um nome comercial que foi mantido dignamente nas ombreiras das portas da rua da Quitanda e da rua dos Pescadores por alguns longos anos, para logo depois crescer muito e alargar-se por outras terras.

O jovem Ireneu sentiu que era enorme o pêso da chefia: quis recusá-lo ou pelo menos fingiu querer alijá-lo; é bem provavel que a conciência do seu valor e a visão do futuro lhe tivessem apenas aconselhado como recurso de habilidade êsse de alegar que não sabia se poderia contar com a cooperação de empregados ingleses, caixeiros mais antigos da casa.

A boa vontade, a dedicação de seus companheiros de trabalho, foi logo conquistada por êsse gesto. Ireneu era, dentro em breve, um chefe querido e admirado.

Essa iniciação na vida, só, aos 11 anos de idade, para elevar-se e subir até onde ninguem subiu mais alto na importância social, exigia qualidades excecionais de carater. No ambiente de moralidade privada e de probidade administrativa que envolvia o segundo reinado, um homem, por maior que fôsse o seu talento, qualquer que fôsse sua capacidade de ação, nunca poderia subir tanto e manter-se

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

tanto tempo, sem que uma hercúlea compleição moral viesse reforçar as energias do cérebro e do pulso.

Para que a um negociante, ente suspeitado de egoismo e de mercantilismo pelos preconceitos da época, fôsse perdoada tanta felicidade, tanta prosperidade, era preciso uma estrutura especial da alma.

E' a mais bela face da personalidade de Mauá o seu carater, isto é, na vida privada a pureza de seus costumes, nos negócios a sua honra comercial, na vida pública o desassombro de suas atitudes, na fortuna a modéstia, na adversidade a resignação, sempre a altivez, a dignidade, a conciência de si.

Sua vida é um compêndio de moralidade individual e de moral cívica. Essa marcha triunfal para a fortuna e para a glória, nunca lhe pediu uma humilhação, nunca lhe custou uma curvatura à espinha dorsal. Com os grandes foi sempre rijo, só os humildes lhe conheciam as transigências. Desde moço, quando do comércio se passava para as indústrias e para os largos empreendimentos, a sua arma de combate não foi o agrado aos de cima, a blandícia com os poderosos, foi firmeza no querer.

(*) O Visconde de Mauá, Ireneu Evangelista de Souza, foi notavel financeiro e indústrial. Foi o iniciador de grandes empresas e melhoramentos, tais como a estrada de ferro do Rio de Janeiro a Petrópolis — a primeira que se construiu no Brasil — e várias outras vias férreas, a iluminação do Rio de Janeiro a gás, o cabo submarino, a companhia de navegação do rio Amazonas. Prestou, além disso, grandes serviços ao govêrno do Brasil no Rio da Prata.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

78. LAVRA SEMPRE...

AMADEU AMARAL

A terra é dura; o sol é bravo; a geada
Destruidora; aves más e más formigas
Assolam tudo, e a planta acarinhada
Mal resiste a essas fôrças inimigas.

Que importa! Lavra sempre. Não maldigas.
A terra ingrata. Não maldigas nada,
Talvez um dia o preço das fadigas
Brote do sulco da robusta enxada.

Mas, quanto mais a terra é ingrata, e bravo
O sol e as aves são cruéis, e o resto,
Mais valor mostrarás em continuar,

Que é gentileza não viver escravo
De ganância, e plantar só pelo gesto
Religioso e sereno de plantar!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

79. Os criminosos do machado

Adolfo Konder

Guardo ainda na retina o panorama soberbo dos pinheirais que cobrem grande parte do nosso planalto vastíssimo, fortuna incalculavel que o gume do machado está destruindo, sem método nem previsão, desapiedadamente!

Na floresta cerrada dos pinheiros já se notam imensos claros e a mata vai fugindo, sem que o homem se lembre de reconstruír a riqueza destruída.

Assim não pode ser! Assim não deve ser!

Precisamos pôr côbro à prática abusiva e começar tambem desde já o reflorestamento do nosso território.

E, já que o abuso se aninha à sombra das nossas leis libérrimas, só resta aos governos apelar para o bom senso, para a boa vontade e para o patriotismo dos interessados.

E' o que ora faço, formulando aqui, nesse sentido, um fervoroso apêlo e lançando um veemente protesto.

Que cada qual que derrube uma árvore adulta trate de plantar outra para substituí-la.

Iniciemos a usura da mata, defendendo assim uma riqueza que está sendo malbaratada.

E, senhores, maldito o que faz sangrar a floresta, sem aproveitar a clareira aberta.

Malditos os criminosos do machado e os que de seus crimes se socorrem!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

80. Felipe Schmidt

Edmundo da Luz Pinto

A vida de Felipe Schmidt foi uma edificante lição que deveria ser meditada. Era a de um homem, em quem, pela austeridade, pela sinceridade, pela lealdade, pela elevação dos seus propósitos, parecia estar encarnada a própria dignidade; era a de um cidadão íntegro e patriota, de quem nunca se apontou um deslize e que, em meio às paixões que, por vezes, atravessam, conturbando e baralhando de equívocos a vida nacional, poderia ser o emblema, alto e tranquilo, de uma política que prezava mais o Brasil que o poder, mais o dever que a popularidade, mais os princípios que os homens, mais as leis que as conveniências, mais a República do que as facções!

. . . . . .

O sangue germânico, que lhe corria nas veias, através de tantas gerações, não impediu que êle fôsse profundamente brasileiro. Quantas vezes ao vê-lo e sentí-lo assim, tão radicalmente nosso, enamorado da paisagem catarinense, brasileiro, entre os que mais o fôssem, nos hábitos, nos costumes, nas conversas, nos sentimentos, sem saber dos seus antepassados sequer a língua, e dêles conservando apenas o tipo físico, louro e majestoso, não meditei na formidavel

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

fôrça de absorção desta nossa encantadora pátria tropical, que, na primeira geração nascida em seu solo, vence, subjuga e transforma um exemplar de raça forte, destruindo-lhe a alma secular, para infiltrá-lo todo de sua nova e imensa alma!

Mas, ainda maior do que êsse poder, que dir-se-ia o sortilégio da nossa exuberante natureza, é o espírito verdadeiramente democrático da nossa gente, que, embora premiando o merecimento, o trabalho e o estudo, dá a um filho de dois estrangeiros e simples colonos, a glória de ter ajudado a fundar um regime, a representação nacional, duas vezes o govêrno de um Estado, a espada, os bordados e as estrêlas de general do seu exército!

81. As bcas ações

Rui Barbosa

Quando praticamos uma ação boa, não sabemos se é para hoje, ou para quando. O caso é que seus frutos podem ser tardios, mas são certos. Uns plantam a semente da couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo do futuro. Aqueles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu país, para a felicidade dos seus descendentes, para o benefício do gênero humano.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

82. Trajano de Carvalho (*)

HENRIQUE BOITEUX

Cheio de entusiasmo pelo mar, desejava seguir a vida marítima, caminho procurado por seu irmão Álvaro, em 1847. A êsse desejo opôs-se formalmente seu pai, dizendo jamais consentir que dois filhos trilhassem a mesma carreira, para que um não fizesse sombra ao outro. Queria, entretanto, que Trajano se dedicasse ao comércio, para o qual não sentia êle a menor vocação.

Da recusa do pai de Trajano em satisfazer os desejos do filho e dêste em corresponder à vontade paterna, resultou firmar-se a carreira de Trajano. A altivez do carater do jovem correspondia à inflexibilidade do velho Carvalho. Enquanto seu irmão foi buscar na matrícula da Academia de Marinha o título que o habilitaria a comandar navios, Trajano, afoutamente, de coração, entrou na aprendizagem de construí-los.

Em pouco tempo tornou-se Trajano, como operário, inexcedivel e perfeito na arte. A intuição clara de que a arquitetura naval estava sujeita às mesmas regras da civil, exigindo, portanto, outros conhecimentos muito além dos parcos aprendidos e, ainda mais, que não era sòmente tornando-se exímio no manejo da enxó, nem proficiente no emprêgo do cintel, nem aplicando processos empíricos que poderia resolver

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

o problema revelado pelo seu gênio, o de dar novas formas às cavernas dos navios, fê-lo aproveitar seus lazeres para estudar com afinco matemática e desenho.

Certo de que o acanhado meio onde iniciara sua profissão não lhe poderia proporcionar maiores conhecimentos, procurou nos estaleiros do Rio de Janeiro dar expansão ao seu espírito observador e creador.

Para empreender a viagem almejada não dispunha de meios; seu pai continuava na mesma teimosia que lhe era peculiar, em não querer auxiliá-lo. Uma feliz circunstância veio, porém, facilitar-lhe a satisfação de seus desejos.

Tendo Trajano construído por si só um escaler, com sobras de madeiras fornecidas pelo dono do estaleiro, embarcação essa onde apareceram delineadas novas formas que idealizara para os navios e que, mais tarde, para orgulho seu e nosso, triunfariam, aconteceu chegar ao pôrto do Desterro um baleeiro americano, necessitando duma dessas embarcações. Não foi difícil a Trajano a venda da sua primeira obra, acabada com carinho e primor de profissão e que foi levada para os Estados Unidos, onde serviu de modêlo.

Com o produto da venda, cheio de contentamento, comprou para sua boa mãe um belo corte de vestido de seda e dela se despediu.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

No mesmo navio americano conseguiu Trajano uma passagem, embora trabalhando como tripulante, e chegou ao Rio de Janeiro.

Êle, que não dispunha de fortuna, precisava trabalhar para obter os meios de melhor estudar. Dotado de energia e de uma fôrça de vontade pouco comum, caminhava com firmeza para a sua meta. Os obstáculos que se lhe apresentavam a cada passo traziam estímulo para com mais ardor combater. Serviu-lhe de amparo na sua pretensão o ilustre e honrado senador José da Silva Mafra, o bondoso catarinense que olhava para todo o filho de sua terra como se fôsse seu próprio, e por intermédio dêle foi admitido no Arsenal de Marinha, ganhando 400 réis de jornal, embora já perfeito operário.

Tinha então 18 anos. Poucos meses depois, em vista dos seus conhecimentos, passou para a casa do risco, empregado na construção, onde permaneceu dois anos, no fim dos quais, como prêmio ao seu talento, foi escolhido para na Europa aperfeiçoar seus conhecimentos na arquitetura naval.

(*) Nasceu na capital do Estado em 1840. Foi no seu tempo considerado o maior construtor naval da América do Sul. Faleceu em Londres, em 1868. A municipalidade de Florianópolis deu-lhe o nome à rua em que nasceu. Graças à sua dedicação, aos seus esforços e, digamos, ao seu gênio, descobriu novo sistema de construção. Adotou-o, sem demora, a Inglaterra. Mais tarde, o govêrno brasileiro determinou a construção de uma corveta, do novo tipo. Tomou ela, em honra ao ilustre construtor catarinense, o nome de *Trajano*. No dia do lançamento dêsse navio, no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, aos 12 de julho de 1873, na presença do imperador, que lhe apertou a mão, felicitando-o, recebeu a patente de capitão-tenente honorário.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

83. CAXIAS

Gustavo Capanema

CAXIAS é, na verdade, uma excecional figura humana, em que as mais altas qualidades do espírito se reúnem, para formar uma rara personalidade da família dos grandes heróis.

Êle foi, numa vida pública de mais de meio século, o homem providencial que, pela ação exata, prudente e corajosa, soube assegurar, no período decisivo da formação de nossa pátria, a ordem e a disciplina, cuja destruição comprometeria a nossa existência, a unidade política do país, gravemente perturbada, a estabilidade do regime constituído, cuja queda seria então o nosso esfacelamento, e a integridade e a honra nacional, agravadas mais de uma vez pela violência estrangeira.

Sem a presença de CAXIAS, nesse tormentoso período que vem da Regência e se dilata pelo reinado de Pedro II, talvez o Brasil tivesse perdido a sua personalidade e seu destino.

CAXIAS é, assim, na história do Brasil o valor humano, que deu ordem ao caos e unidade à divisão, e que pôde garantir a nossa permanência, a nossa intangibilidade e o nosso brio.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

A juventude de nosso país está hoje cheia de responsabilidade. É seu dever preparar-se para um futuro carregado de nuvens e ameaças, anunciador de trabalhos difíceis e sacrifícios penosos. Para isso, fôrça é que, no seu espírito, se formem e desenvolvam essas milagrosas qualidades humanas que compunham a alma de Caxias, porque sòmente com tais qualidades poderá ela cumprir a sua missão de defender a pàtria das adversidades e insídias e ao mesmo passo enriquecê-la de mais fôrça e autoridade.

Que toda a juventude brasileira volva os olhos para a majestosa figura de Caxias, e lhe peça estímulo, lição e exemplo.

Se na alma da juventude que agora aí vem e na alma das gerações novas, que virão depois, vibrarem as qualidades daquele grande herói; se tempo afora os responsáveis pelo nosso destino tiverem o espírito metódico e previdente, a capacidade de organização, o gênio dos expedientes, o realismo, e o bom senso, com que Caxias enfrentava todas as emprêsas; se souberem agir com a sua operosidade, constância e paciência, e com toda a sua acuidade e rapidez; se possuírem a sua dignidade moral; se forem dotados daquela sua lealdade intransigente e altiva; se tiverem como êle o senso da justiça; se no coração possuírem aquela sua bondade sem par, de tal modo que como êle possa cada um repetir

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

„Eu tenho o coração maior que o mundo"; se amarem e quiserem irrevogavelmente a disciplina e a ordem e por elas forem capazes de lutar; se, nas decisivas horas de perigo, derem provas de ter aquela coragem vertiginosa com que em Itororó êle gritou para os soldados: „Sigam-me os que forem brasileiros", e penetrou como um ferro em brasa no flanco inimigo, e se com todos êsses preciosos atributos, como êle tiverem a paixão mais ardente pelo Brasil e ao Brasil consagrarem o melhor do tempo, do cuidado e do esfôrço; se assim puder ser; se os pais formarem assim os filhos; se a educação preparar dêsse modo a juventude; — então contra nós nada valerão nem perigos, nem males, nem sombras, e o Brasil será cada vez mais, em meio às outras nações, uma potência digna do máximo respeito, será pela riqueza e pela cultura uma honra e um bem da humanidade, terá a duração perene e não haverá grandeza maior do que a sua glória.

Que, portanto, a alma de CAXIAS se prolongue na interminavel alma da juventude brasileira.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

84. A ÁGUIA E O SOL

Joaquim Serra

Nunca diga o menino: — «Eu sou pequeno,
Não me presta o Senhor sua atenção;
Átomo inutil sou entre os maiores;
Eu me perco na imensa creação!»

Um dia disse ao Sol a águia altaneira:
— «Porque brilhas até no vale escuro?
Não te basta dourar os altos cumes?
Por que baixar a luz ao lodo impuro?

Não é digna de ti rasteira hervinha,
Nem o inseto que à noite acostumou-se...»
Mas o Sol respondeu: — «Sobe comigo!»
E das aves o rei logo elevou-se.

Sôbre as nuvens pairando, divisava
Como o vale a montanha se abater...
E, quando ela subiu mais alto ainda,
Viu na terra um nivel tudo ter.

— «Repara», — disse o Sol, — «vale ou montanha,
E' igual tudo aqui... Vê teu engano...
Eu não conheço grandes nem pequenos,
Semelha a gota de água um oceano...

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Para todos eu sou fonte de vida,
Amo o cedro e o caniço sem vigor,
Tanto alento o leão como a formiga,
Douro o cimo do monte e a pobre flor!»

Assim, bondoso, Deus reparte a vista
Com pequenos e grandes mùtuamente...
Canta preces, menino, junto às aras
De quem é para todos Pai clemente!

85. O IDEAL

RUI BARBOSA

O ideal não se define: enxerga-se por clareiras, que dão para o infinito: o amor abnegado; a fé cristã; o sacrifício pelos interêsses superiores da humanidade; a compreensão da vida no plano divino da virtude; tudo o que alheia o homem da própria individualidade, e o eleva, o multiplica, o agiganta por uma contemplação pura, uma resolução heróica, ou uma aspiração sublime.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

VOCABULÁRIO

ABREVIATURAS

Adj.	adjetivo.
Adv.	advérbio.
Conj.	conjunção.
Fig.	figurado.
Hmf.	homófono.
Hmg.	homógrafo.
Loc. adv.	locução adverbial.
Loc. prep.	locução prepositiva.
Mit.	mitologia.
Par.	parônimo.
S.	substantivo.
V.	verbo.

Abdicação, s. Renúncia de funções elevadas, particularmente do poder soberano.

Abnegado, adj. Desprendido de interêsse próprio. Desinteressado.

Abolicionismo, s. Doutrina dos partidários da abolição da escravatura.

Aborrido, adj. Triste, aborrecido.

Aceder, v. Anuír, aquiescer, conformar-se.

Açude, s. Construção de pedra ou madeira para represar águas.

Acuidade, s. Qualidade do que é agudo. Agudeza de espírito, perspicácia.

Adormido, adj. Adormecido.

Afinco, s. Afêrro, pertinácia.

Afouto, adj. Que tem ousadia. Corajoso, audaz. Também se usa a forma *afoito*.

Agraciar, v. Conceder graça, mercê a. Condecorar.

Agreste, adj. Rústico, silvestre.

Água-furtada ou *águas-furtadas*, s. O último andar de uma casa, quando as janelas deitam sôbre o telhado.

Aguilhoar, v. Ferir, magoar.

Alabastro, s. Espécie de mármore branco.

Alçar, v. Tornar alto, altear, levantar, elevar.

Alegoria, s. Ficção, que apresenta um objéto ao espírito de modo que sugira a idéia de outro.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Aleive, s. Acusação malévola, calúnia.

Alforge, s. Espécie de saco, fechado nas extremidades e aberto no meio, por onde se dobra, formando dois compartimentos. Pronuncia-se: *alfôrge*.

Algemar, v. Prender com algemas. Oprimir, manietar.

Algemas, s. Objeto de ferro, com que se prende alguem pelos pulsos.

Algoz, s. Carrasco. *Fig.* Homem cruel. Pronuncia-se *algôz*.

Alimentando, s. Pessoa que tem direito a reclamar alimentos.

Alimentário, s. Aquele a quem se devem prestar alimentos.

Almejar, v. Desejar muito, com ânsia.

Alvião, s. Instrumento de ferro para rasgar terra dura.

Amoral, adj. Sem moral.

Amputar, v. Cortar um membro do corpo: *amputar um braço*. Mutilar. Eliminar.

Anemocórdio, s. Instrumento de cordas, cuja vibração é produzida pelo vento.

Aniquilar, v. Reduzir a nada, exterminar, destruir.

Apêgo, s. Afeição, afêrro.

Apogeu, s. Ponto da órbita de um astro, em que êste está mais distante da terra. *Fig.* O grau mais elevado.

Aprazer, v. Causar prazer, agradar, deleitar.

Arbitramento, s. Julgamento por meio de árbitros, isto é, por meio de pessoas escolhidas pelas partes litigantes.

Ardil, s. Manha, astúcia, estratagema.

Arfar, v. Respirar com dificuldade, ofegar. Oscilar (o navio) baixando ora a proa, ora a popa.

Árido, adj. Estéril, sêco.

Armistício, s. Suspensão de hostilidades, suspensão temporária da guerra. Tréguas.

Arraial, s. Acampamento. Lugar em que se juntam romeiros e em que há tendas provisórias, abarracamento de comestíveis, etc. Aldeola, lugarejo.

Ascender, v. Subir, elevar-se. *Por.: Acender*, v. fazer arder, pôr fogo.

Assolar, v. Devastar, arruinar, destruir.

Átila, s. Rei dos hunos, povo bárbaro das margens do mar Cáspio, que invadiu a Europa nos meados do sec. V. E' célebre por suas devastações. Êle mesmo se intitulava o *Flagelo de Deus* e dizia que «onde quer que o seu cavalo passava não crescia mais herva».

Átomo, s. Corpo considerado indivisivel, por causa da sua extrema pequenez.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Atrocidade, s. Ação horrivel, crime cruel, barbaridade, crueldade.

Auréola, s. Círculo luminoso que orna a cabeça dos santos nas suas imagens. *Fig.* Glória, prestígio, esplendor.

Austeridade, s. Mortificação espontânea dos sentidos e do espírito. Rigidez, severidade.

Austero, adj. Severo, rígido, rigoroso, sério, grave.

Avaro, adj. Avarento, mesquinho.

B

Baioneta, s. Arma punteaguda, que se adapta à extremidade do cano da espinguarda.

Baldado, adj. Empregado sem bom resultado. Tornado inutil. Frustrado.

Baleeira, s. Embarcação empregada na pesca de baleias.

Baluarte, s. Construção alta, sustentada por muralhas. Fortaleza. Aquilo que serve de defesa.

Banir, v. Expulsar da terra, por sentença. Exilar, desterrar, proscrever.

Barões, s. Nos versos de Camões constantes dêste livro, a palavra *barões*, não significa título de fidalguia, mas *varões, grandes homens, heróis*. Assim tambem a palavra *armas* tem aí sentido especial e designa *feitos de armas, batalhas*.

Bastardo, s. Ilegítimo, modificado, degenerado.

Batavo, adj. Holandês.

Belicoso, adj. Inclinado à guerra, guerreiro.

Borbotão, s. Golfada, jôrro.

Borla, s. Barrete de doutor.

Brenha, s. Mata emmaranhada.

Brigadeiro, s. Oficial do exército imediatamente superior a coronel. Hoje general de brigada.

C

Cadafalso, s. Estrado erguido em lugar público, para nele se exporem ou executarem os condenados.

Cadete, s. Soldado nobre, que no exército gozava certos privilégios.

Câibra, s. Contração involuntária e dolorosa, de certos músculos.

Calar, v. Não dizer, ocultar, impor silêncio. Dar um golpe em (fruta, queijo, etc., para verificar a qualidade). Penetrar. Impressionar.

Caldeamento, s. Liga, mistura.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Camarão, (Dom Antônio Felipe). Chefe índio que se cobriu de glória na guerra contra os holandeses. O seu nome indígena era *Potí*, que quer dizer *camarão*. Sua mulher *Dona Clara*, tambem índia, combateu ao lado do marido e comandou um batalhão de mulheres.

Capêlo, s. Espécie de cabeção que os doutores põem sôbre os ombros em ato solene.

Caravela, s. Pequena embarcação antiga. As caravelas representaram papel importante nos descobrimentos dos séculos XV e XVI.

Carcomer, v. Roer, pulverizando (madeira). *Fig.* Escavar, arruinar.

Carpir, v. Lamentar, prantear.

Casamata, s. Nas fortificações, casa abobadada à prova de bomba para habitação ou depósito de explosivos.

Catadupa, s. Queda de grande porção de água corrente. Catarata.

Categoria, s. Classe de objetos da mesma natureza. Classe social.

Ceifar, v. Cortar, abater plantações maduras com foice ou outro instrumento apropriado.

Chispar, v. Lançar faíscas, lampejar.

Ciclone, s. Tufão que se desloca, redemoinhando com extrema velocidade.

Cintel, s. Espécie de compasso com que se traçam grandes círculos.

Civil, adj. Que diz respeito às relações dos cidadãos entre si: *direitos civis*. Que não tem carater militar nem eclesiástico: *funcionário civil*. Delicado, cortês.

Clangor, s. Som de trombeta.

Clareira, s. Espaço sem árvores dentro de um bosque. Terreno desmatado, em meio da floresta.

Côbro, s. Termo, fim.

Coercitivo, adj. Que coage, que obriga. Tambem se diz *coercivo*.

Coesão, s. Fôrça que une entre si as moléculas dos corpos. *Fig.* Harmonia, associação íntima.

Cohabitação, s. Vida em comum.

Cólera-morbus, s. Grave doença epidêmica. E' palavra feminina; mas, por influência do francês, muitos autores a empregam no gênero masculino.

Coletivo, adj. Que abrange muitas coisas ou pessoas.

Complacência, s. Desejo ou ato de comprazer. Condescendência. Satisfação.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Condão, s. Virtude especial, poder misterioso, a que se atribue influência benéfica ou maléfica. Dom, faculdade. *Vara* ou *varinha de condão*, vara mágica de feiticeiros e fadas.

Condecoração, s. Insígnia honorífica.

Confins, s. Raias, fronteiras, limites.

Congregar, v. Convocar. Reunir, ligar.

Cônjuge, s. O marido em relação à mulher, e a mulher em relação ao marido.

Consectário, s. Consequência, resultado, conclusão.

Contraste, s. Oposição entre coisas ou pessoas, uma das quais faz sobressaír a outra.

Contundente, adj. Que esmaga, que mói, que pisa.

Convés, s. Área da primeira coberta do navio.

Convívio, s. Camaradagem, convivência.

Corcel, s. Cavalo veloz e fogoso. E' termo poetico.

Côrte, s. Paço, residência do soberano. Gente que rodeia habitualmente o soberano. Cidade em que êste reside.

Cortesania, s. Modos de cortesão.

Cortesão, adj. Relativo à côrte. Palaciano. S. Homem da côrte, adulador.

Corveta, s. Antigo navio de guerra.

Coxim, s. Almofada que serve de assento. Espécie de sofá sem costas.

Crônica, s. Narração histórica, segundo a ordem dos tempos.

Cronista, s. Aquele que escreve crônicas.

Culminante, adj. Que é o mais elevado: *ponto culminante*.

D

Dadivoso, adj. Que gosta de dar; presenteador, generoso, liberal.

Decênio, s. Espaço de dez anos.

Declínio, s. Decadência.

Dementar, v. Tornar demente, enlouquecer.

Denegrir, v. Tornar negro, escuro. Manchar, macular. E' verbo irregular no presente do indicativo e do subjuntivo, e no imperativo: *denigro, denigres, denigre; denigra, denigras, denigra, denigramos, denigrais, denigram; denigre.*

Denodado, adj. Ousado, intrépido, corajoso.

Derivativo, adj. Que deriva, que desvia.

Desdita, s. Desgraça, infelicidade.

Déspota, s. Soberano que exerce poder absoluto e arbitrário. Tirano. *Fig.* Pessoa

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

que tem tendência para dominar sôbre os que a rodeiam.

Despretensioso adj. Que não tem pretensões. Singelo, simples, modesto.

Destacar, v. Expedir, enviar: *destacar um soldado.* Articular: *destacar as sílabas de uma palavra.* Desagregar: *destacar o talão.* E' galicismo na acepção de *distinguir-se, sobrelevar, sobreexceder, salientar, dar relevo a.*

Destaque, s. Relêvo, ressalto, proeminência, saliência, singularidade. E' galicismo desnecessário.

Destimidez, s. Falta de timidez; coragem, valentia, intrepidez.

Desvão, s. Espaço entre o telhado e o fôrro de uma casa. Recanto, esconderijo.

Desvêlo, s. Cuidado carinhoso, vigilância, dedicação.

Dinástico, adj. Relativo a dinastia, a uma dinastia, isto é, a uma série ou família de soberanos.

Dissipar, v. Fazer desaparecer. Fazer cessar. Gastar pròdigamente, esbanjar.

Ditador, s. Autoridade que reúne em si temporàriamente todos os poderes públicos. *Fig* pessoa autoritária e despótica.

Ditame, s. Aviso, regra, ordem.

Domicílio, s. Lugar onde a pessoa tem a sua residência permanente. Casa, residência habitual de uma pessoa.

Dorso, s. Parte posterior do corpo humano, entre os ombros e os rins. Parte superior dos animais, lombo. Reverso, as costas: *o dorso da mão.*

Dote, s. Bens que a mulher traz ao matrimônio e que ela não pode alienar, senão em certos casos previstos em lei. *Fig.* Qualidades, méritos, dons naturais: *dotes de inteligência.*

E

Éden, s. Paraíso terreal, de que fala a Bíblia. *Fig.* Lugar de felicidade tranquila.

Efetivo, adj. Que tem efeito, que existe de fato, que é real. Permanente. *S.* O número real dos soldados: *o efetivo do exército.*

Égide, s. *Mit.* Escudo de Palas ou Minerva, deusa da guerra. *Fig.* Aquilo que protege; amparo.

Egoísmo. s. Vício da pessoa que tudo refere a si, que trata exclusivamente de si e dos seus interêsses.

Emanar, v. Provir, saír de, proceder.

Embate, s. Encontro, choque, pancada de dois corpos.

Emissário, s. Aquele que é mandado a cumprir uma missão; mensageiro.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Empanar, v. Cobrir com panos. *Fig.* Embaciar, deslustrar.

Empavesar, v. Guarnecer (navios) com bandeiras, pavilhões, etc.

Empecer, v. Impedir, estorvar.

Empírico, adj. Que se guia só pela experiência; prático.

Em suma, loc. adv. Resumidamente, numa palavra.

Encarnar, v. Dar côr de carne a (imagens, estátuas, etc.). — *se*. Tornar-se homem, humanar-se. *Fig.* Tomar forma, vulto: *a perversidade encarnou-se naquele homem.*

Enigma, s. Descrição de uma coisa, que a torne difícil de ser adivinhada. Mistério.

Enxó, s. Instrumento de carpinteiro, ou tanoeiro, de cabo curto, com chapa cortante, e que serve para desbastar madeira.

Episódio, s. Fato notavel, relacionado com uma série de outros fatos tambem notaveis.

Epopéia, s. Poema em que se narram ações heróicas. Série de ações brilhantes e heróicas, dignas de serem cantadas num poema.

Equipar, v. Munir um navio do que lhe é necessário. Prover dos aprestos necessários: *equipar um exército.*

Ermo, adj. Solitário, despovoado, privado. S. Lugar sem habitantes; deserto, solidão.

Escala, s. Escada. Linha de divisões em instrumentos, cartas geográficas, etc. *Fig.* Graduação, sucessão continua.

Escopeta, s. Espingarda antiga.

Escopro, s. Instrumento de ferro e aço, para lavrar pedra, madeira, etc. E' usado por escultores e gravadores. Cinzel.

Escotilha, s. Abertura na coberta do navio, para deixar penetrar no interior.

Escudo, s. Peça da armadura antiga, que resguardava o corpo do guerreiro contra os golpes de lança ou de espada. Peça em que se representam ou se gravam as figuras das armas nobiliárias ou das armas peculiares a uma nação, província, cidade, etc.

Escuso, adj. Escondido, esconso, não frequentado.

Esfacelamento, s. Destruição, ruína, estrago.

Esfalfar, v. Extenuar, esgotar as forças a, debilitar.

Esparrame, s. Dispersão, desalinho, espalhamento.

Espigão, s. Cadeia secundária de montanhas que parece sevir de apoio à cadeia principal.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Esplanada, s. Terreno plano, largo, e descoberto, na frente de fortificações ou de um edifício.

Estabilidade, s. Qualidade do que é estavel. Solidez, segurança, firmeza, fixidez, permanência.

Estacionamento, s. Parada, pausa.

Estaleiro, s. Lugar onde se constroem ou consertam navios.

Estância, s. Lugar onde se está ou se permanece. Morada. Paragem, estação. Cada uma das divisões de uma composição poética, tendo todas igual número de versos: *as estâncias dos Lusíadas*. Fazenda de criação.

Estelífero, adj. Em que há estrêlas, estrelado.

Estratégia, s. Arte de dirigir as operações e movimentos de um exército.

Estrito, adj. Exato, rigoroso.

Estrugir, v. Atroar, estrondear, vibrar com fôrça.

Estupor, s. Entorpecimento, imobilidade causada por um grande desgosto ou susto.

Esvaecer, v. Apagar, dissipar, desmaiar.

Etéreo adj. Sublime, puro, elevado, celeste.

Etnográfico, adj. Relativo aos povos, às raças.

Excêntrico, adj. Que está situado fora do centro. Diz-se dos círculos que não teem o mesmo centro, embora contidos uns nos outros. *Fig.* Que se afasta dos costumes gerais; esquisito.

Exibição, s. Ato de apresentar em público. Ostentação.

Exímio, adj. Excelente, insigne, eminente.

Exótico, adj. Que procede de país estranho: *plantas exóticas*. Estrangeiro, esquisito, extravagante.

Expansão, s. Desenvolvimento em volume ou em superfície. Propagação, dilatação. Manifestação franca de sentimento.

Expediente, s. Meio de saír de um embaraço, de lograr bom êxito em alguma coisa: recurso, saída. Despacho ordinário de negócios petições, etc.

Expiar, v. Remir (crime ou falta) por uma penitência ou pena: *expiar um homicídio*. Sofrer as consequências de: *expiar uma leviandade*. Hmf.: *espiar* — observar secretamente, espreitar.

Expurgar, v. Limpar, purificar, corrigir.

Extático, adj. Enlevado, arroubado, extasiado. Hmf.: *Estático* — firme, imovel.

Extemporâneo, adj. Que é fora de tempo, inoportuno.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Extenuar, v. Esgotar as fôrças a, debilitar, enfraquecer em extremo.

Extorquir, v. Obter com violência, tirar à fôrça.

Extorsão, s. Ato de extorquir. Usurpação. Imposto exagerado.

F

Fagueiro, adj. Que afaga; meigo, suave, agradavel.

Famélico, adj. Que tem fome, que passa fome habitualmente; faminto.

Fanal, s. Fogo que se acende de noite, nas costas marítimas ou à entrada dos portos. Lanterna grande usada nos navios. *Fig.* Guia: *a ciência é o fanal da humanidade.*

Fastígio, s. A parte mais alta de um edifício, entre os romanos: cumieira, pináculo. *Fig.* O ponto mais elevado; cume; o ponto culminante da grandeza social; áuge.

Fastos, s. Registros públicos onde se consignavam os atos e acontecimentos memoraveis. A história.

Fausto, s. Pompa, luxo, ostentação.

Feraz, adj. Fertil, fecundo.

Fetichista. adj. Que tem veneração supersticiosa por uma coisa.

Feudo, s. Propriedade que o vassalo recebia de um senhor, ficando sujeito a certas obrigações e serviços.

Fictício, adj. Imaginário, ilusório, fingido, simulado.

Filantropia, s. Amor à humanidade.

Filtrar, v. Fazer passar por filtro, coar.

Finar-se, v. Definhar, consumir se. Falecer, morrer.

Flagrante, adj. Ardente, acalorado. Evidente. *Flagrante delito*, crime que é observado ou surpreendido no momento em que é praticado. *Em flagrante*, na própria ocasião em que se pratica o ato.

Flanco, s. Lado de um corpo de tropa. Lado do corpo humano e do dos irracionais. O costado do navio. O lado, as ilhargas de qualquer coisa.

Flébil, adj. Que se pranteia; lacrimoso, plangente, choroso.

Floco, s. Conjunto de filamentos leves, que esvoaçam ao simples impulso da aragem. Tambem se usa a forma *froco*.

Florença, s. Cidade da Itália.

Fluir, v. correr em estado liquido, manar. *Fig.* Derivar, proceder.

Fluvial, adj. Relativo a rio.

Forasteiro, s. Estrangeiro. Pessoa estranha à terra, onde se acha de passagem.

Formidavel, adj. Tremen-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

do, pavoroso, medonhamente grande.

Fremente, adj. Que vibra de comoção, de entusiasmo, de cólera, etc. Vibrante.

Frêmito, s. Estremecimento, vibração.

Fronde, s. Folhagem, de palmeiras. Ramagem, copa.

Frondente, adj. Frondoso, copado. Que tem muitas folhas. Abundante de ramos.

Fúlgido, adj. Fulgente, brilhante.

Funcionário, s. Aquele que exerce um emprego público.

G

Galear, v. Balouçar-se (o navio). Trajar luxuosamente.

Galeria, s. Corredor comprido e largo. Coleção de objetos de arte, quadros, curiosidades, etc. Varanda, tribuna, de um edifício público, que deita para um recinto espaço, e destinada ao público. O público dessas varandas. *Fig.* O público, em geral.

Galhardia, s. Gentileza, elegância, esfôrço, bravura.

Ganância, s. Avidez de ganho, de lucro. Ganho ilícito.

Ganga, s. Parte terrosa que envolve um minério, ou uma pedra preciosa.

Garimpeiro, s. Nome que se dava aos aventureiros que procuravam furtivamente ouro e pedras preciosas, nos distritos onde só podia penetrar o pessoal do serviço legal da exploração.

Gênio, s. Mit. Divindade, que, segundo os antigos, presidia ao destino de cada homem. Talento, vocação natural para uma coisa: *possuir o gênio dos negócios*. O mais alto grau, a que pode elevar-se a inteligência humana. Pessoa dotada dêsse alto poder intelectual: *Camões era um gênio*. Carater próprio e distintivo, índole.

Germano, adj. *Irmãos germanos* — filhos do mesmo pai e da mesma mãe. V. *Unilateral*.

Germen, s. Parte da semente de que se forma a planta. Embrião. Tambem se usa a forma *germe*.

Ginetário, s. Cavaleiro.

Ginete, s. Cavalo de boa raça.

Grangear, v. Adquirir, obter com trabalho ou esfôrço.

Guante, s. Luva de ferro.

H

Halo, s. Círculo luminoso, que se observa às vezes à roda do Sol ou da Lua. Auréola.

Heril, adj. Próprio do senhor, senhoril. Nobre, distinto. Hmf. *eril*, de bronze.

Hipótese, s. Suposição que

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

se faz de uma coisa possível ou impossível e da qual se tiram consequências.

Homérico, adj. Relativo a Homero, célebre poeta grego da antiguidade. *Fig.* Grande, épico, digno de um poema.

Honorífico, adj. Que dá honras. Honroso.

Hoste, s. Tropa. Corpo de exército. Exército em ordem de marcha.

Hostilidade, s. Qualidade daquilo que é hostil, que é inimigo. Ato de inimigo. *Romper as hostilidades*, entrar em guerra.

Humor, s. Qualquer líquido contido num corpo organizado: *o sangue, a bílis, o pus são humores*. Disposição do espírito, do temperamento: *estar de bom, de mau humor*.

I

Ilusório, adj. Que engana, que não se realiza, fictício.

Imune, adj. Isento, livre.

Impávido, adj. Que não tem pavor, destemido, intrépido.

Implume, adj. Que ainda não tem penas. Que, por condição própria, não tem penas.

Inaudito, adj. Nunca ouvido, tão extraordinário que nunca se ouviu falar de coisa semelhante: *fato inaudito*. Espantoso, de que não há exemplo: *crueldade inaudita*.

Ínclito, adj. Ilustre, celebrado.

Incólume, adj. Ileso, são e salvo.

Incompatível, adj. Diz-se de pessoas ou de coisas que não podem harmonizar-se entre si, que não podem existir conjuntamente.

Inculcar, v. Recomendar com elogio, indicar, apontar.

Indigente, s. Muito pobre, mendigo.

Indócil, adj, Que não é docil, desobediente.

Indulgência, s. Facilidade em perdoar as faltas de outrem.

Ineficácia, s. Inutilidade, insuficiência.

Inerme, adj. Que não está armado. Que não tem meios de defesa. Desarmado, indefeso.

Infamante, adj. Deshonroso, ignominioso, ultrajante.

Infante, s. Criança. Soldado de infantaria.

Infinitesimal, adj. Excessivamente pequeno.

Ingente, adj. Grande, enorme.

Ingênuo, adj. Natural. Inocente, simples.

Insídia, s. Cilada, traição, perfídia.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Insidioso, adj. Que arma insídias, ciladas. Traiçoeiro.

Insígnia, adj. Sinal distintivo de uma dignidade, de um corpo, de uma corparação.

Insinuante, adj. Que tem o dom, a habilidade de insinuar-se, de captar simpatia; cativante.

Intangibilidade, s. Qualidade do que é intangivel, daquilo em que não se pode tocar.

Integridade, s. Estado de uma coisa que tem todas as suas partes. Virtude, qualidade de uma pessoa íntegra. Retidão, austeridade.

Íntegro, adj. Inteiro, completo. Reto, incorrutível: *funcionário íntegro*.

Inteireza, s. Qualidade daquilo que é inteiro. Integridade física ou moral. Retidão, austeridade.

Internacional, adj. Que se realiza entre nações ou de nação para nação. Relativo às relações entre nações.

Internacionalismo, s. Doutrina dos que advogam a idéia de uma aliança das classes sociais dos vários países, com sacrifício da idéia de pátria.

Intérprete, s. Pessoa, que traduz as palavras de uma língua em palavras de outra. Aquele que está encarregado de transmitir, de exprimir os sentimentos, os desejos de outrem. Comentador, explicador.

Intricado, adj. Embaraçado, enredado, complicado, confuso.

Intúito, s. Intento, plano, propósito.

Inviolabilidade, s. Qualidade do que é inviolavel. Prerrogativa que põe certas pessoas e certos lugares ao abrigo da justiça.

Irradiar, v. Lançar de si (raios luminosos, caloríficos, etc.) Propagar, espalhar: *irradiar idéias*. Partir de um centro para diversas direções: *da praça irradiam muitas ruas*.

Irreverente, adj. Desrespeitoso.

Irrevogavel, s. Que não se pode revogar, que não se pode anular. Imutavel.

J

Jazigo, s. Sepultura, túmulo.

Jornal, s. Paga de cada dia de trabalho, salário diário. Publicação periódica.

Judicial, adj. Relativo aos tribunais ou à justiça.

Jus, s. Direito. *Fazer jus a*, merecer.

L

Lácio, s. Antiga região da Itália, onde fica Roma. Os seus habitantes chamavam-se latinos.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Lácteo, adj. Relativo a leite. Que tem ou produz leite. *Via láctea*, larga faixa esbranquiçada, que se vê no céu e que é formada por uma infinidade de estrêlas; tambem é chamada *caminho de S. Tiago*.

Lance, s. Ato ou efeito de lançar: *lance de olhos*. Impulso. Perigo. Fato, acontecimento. Rasgo. Apêrto, situação difícil.

Lânguido, adj. Desfalecido, abatido.

Laurel, s. Coroa de louros. *Fig.* Símbolo da glória militar ou artística.

Lazer, s. Ócio, vagar, tempo disponivel.

Ledo, adj. Contente, alegre.

Legenda, s. O mesmo que *lenda*: narrativa na qual a história está deturpada pela tradição. Inscrição colocada sôbre uma moeda, medalha, etc. Dizeres que acompanham um desenho para facilitar-lhe a compreensão. Dístico, rótulo, letreiro.

Legendário, adj. Relativo a legenda. Lendário. Que parece lenda.

Legislatura, s. Tempo que dura o exercício do mandato de uma assembléia legislativa.

Leira, s. Sulco na terra, para se deitar a semente. Canteiro.

Leso, adj. Contuso, ferido, ofendido. Esta palavra, colocada antes de certos substantivos, indica que a coisa expressa pelo substantivo foi atacada, violada: *crime de lesa-majestade, crime de leso-patriotismo*.

Letargo, s. Estado em que as funções da vida estão atenuadas a ponto de parecerem suspensas. *Fig.* Sono profundo. Apatia, indolência. Esquecimento.

Lhano, ad. Sincero, franco. Despretensioso. Amavel.

Liame, s. Laço, prisão.

Librar, v. Pôr em equilíbrio, equilibrar. Sustentar. Sustentar-se (no ar), pairar.

Lide, s. Combate, duelo. Questão judicial, litígio.

Lisonja, s. Cumprimento, louvor interesseiro, adulação.

Litigante, s. Aquele que sustenta demanda em justiça.

Litigioso, adj. Que é contestado: *ponto litigioso*.

Locatário, s. Que tomou alguma coisa por aluguer. Inquilino.

Louçania, s. Elegância, garbo, gentileza.

Lúcido, adj. Que luz; resplandecente. Que vê, compreende ou expõe claramente as coisas.

Luculo. General romano, que se tornou célebre pelo

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

seu luxo. Certo dia, em que jantava sòzinho, como lhe fôsse servido um banquete menos lauto do que de costume, perguntou orgulhosamente ao seu mordomo: — „Não sabias que Luculo jantava em casa de Luculo?“

Lúgubre, adj. Lutuoso, fúnebre, medonho, escuro, sombrio.

Lume, s. Fogo. Clarão, brilho. *Ao lume d'água*, loc. adv. À tona d'água, à flor d'água. *Trazer* ou *dar a lume*, tornar patente, publicar. *Vir a lume*, ser publicado.

Luso, adj. Português, lusitano.

M

Macadamizar, v. Calçar ruas ou estradas por meio de granito e saibro, que se recalcam com um cilindro.

Magnânimo, adj. Que tem alma grande e generosa. Nobre, elevado.

Maioral, s. Chefe.

Malbaratar v. Vender com prejuízo. Gastar mal, dissipar, esbanjar.

Malefício, s. Ação ruim, maldade, iniquidade.

Malho, s. Espécie de martelo de ferro ou de pau.

Malograr, v. Inutilizar, frustrar.

Manutenção, s. Ação ou efeito de manter. Mantença, despesa com a conservação de alguem ou de alguma coisa.

Marear, v. Embaciar, deslustrar.

Marte, s. *Mit.* Deus da guerra. *Poét.* Homem guerreiro. A guerra.

Maruja, s. O pessoal de bordo de um navio, empregado nas manobras. Marinhagem, tripulação.

Marulhar, v. Agitar-se, formar vagas (o mar).

Matrona, s. Dama entre os antigos romanos. Senhora respeitavel, por idade, estado ou procedimento exemplar.

Máxima, s. Pensamento breve que encerra um sentido geral. Provérbio. — Pronuncia-se: *mássima*.

Mediocre, adj. Médio ou mediano. Que não é bom nem mau, ou está entre bom e mau. Que não é grande nem pequeno, ou que está entre pequeno e grande. Ordinário, insignifcante.

Melindre, s. Susceptibilidade. Cuidado extremo em não magoar ou ofender alguem. Escrúpulo.

Mente, s. Entendimento, espírito. Imaginação. Vontade, disposição. *Em mente*, loc. adv. Mentalmente. *De boa mente*, loc. adv. De boa vontade.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Mercê, s. Retribuição. Benefício, favor. *Vossa mercê*, abreviadamente, *V. Mcê.*, tratamento antigo, que se contraiu em *vossemecê* e *você*.

Mesquinho, adj. Pobre, escasso de recursos, avaro, somítico; destituído de nobreza, de generosidade. Infeliz.

Meta, s. Sinal que, em corridas, marca o ponto onde elas terminam. *Fig.* Limite, barreira. Alvo, mira.

Milenar, adj. Que contém mil. Que tem mil anos.

Miserando, adj. Digno de comiseração; lastimavel, deploravel.

Mistér, s. Profissão, ofício, emprêgo. *Haver mistér*, haver precisão. *Ser mistér*, ser necessário. *Fazer-se mistér*, haver necessidade de.

Místico, adj. Misterioso, figurado, alegórico.

Mito, s. Passagem ou particularidade dos tempos fabulosos ou heróicos: *os mitos da Grécia*. *Fig.* Coisa inacreditavel, fabulosa.

Mitologia, s. História fabulosa dos deuses, dos semi-deuses e dos heróis da antiguidade.

Moderação, s. Virtude que consiste em evitar qualquer excesso. Comedimento, compostura.

Molécula, s. A menor parte de um corpo que pode existir no estado livre. *Fig.* Parte diminuta de um todo.

Mórbido, adj. Doente, doentio, relativo a doença.

Moribundo, adj. Que está quasi a morrer; agonizante. Que está a acabar-se, a extinguir-se.

Mote, s. Sentença exposta em um ou mais versos, que serve para tema a uma composição poética, que se chama *glosa*. Epígrafe.

Munificência, s. Virtude que incita a fazer grandes liberalidades; generosidade.

Munificente, adj. Generoso, liberal.

Mútuo, adj. Que se permuta entre duas ou mais pessoas ou coisas: *afeição mútua*. Recíproco.

N

Natal, adj. Relativo ao país em que se nasceu: *terra natal*. Relativo ao nascimento: *dia natal*.

Nativo, adj. Que nasceu com o indivíduo; natural, ingênito, inato.

Nauta, s. Navegante, navegador, marinheiro.

Naval, adj. Relativo a navios, à navegação.

Neerlandês, adj. Holandês

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Nesso ou *Néssus. Mit.* Centauro que foi morto por Hércules com uma frecha envenenada. Ao morrer, deu sua túnica, embebida no próprio sangue envenenado, à mulher de Hércules, convencendo-a de que, se êste a vestisse, sempre lhe conservaria o amor. A mulher, dando crédito às instruções de Nesso, fez Hércules vestir a túnica, a qual lhe ocasionou a morte no meio de sofrimentos atrozes. — Dos que são perseguidos de pensamentos e cuidados molestíssimos e dêles em vão se querem libertar, diz-se que vestiram a *túnica de Nesso*. Centauro é um monstro fabuloso, meio homem meio cavalo.

Nobiliárquico, adj. Relativo aos registros das origens e tradições das famílias nobres.

Norma, s. Regra, lei, modêlo.

Nova, s. Novidade, notícia.

Nume, s. Divindade, poder celeste. Cada um dos deuses do paganismo.

Núncio, s. Anunciador, mensageiro. Precursor. Embaixador do Papa.

O

Oásis, s. Espaço que, no meio do deserto, apresenta vegetação. *Fig.* Coisa agradavel num meio que não o é.

Oblata, s. Tudo que se oferece a Deus ou aos santos, na igreja. Qualquer oferta piedosa ou respeitosa.

Oca, s. Palhoça dos índios do Brasil.

Ócio, s. Folga de trabalho; vagar, lazer. Estado de quem não faz nada.

Ofuscante, adj. Que impede de ver ou de ser visto; deslumbrante.

Opressão, s. Ato ou efeito de oprimir. Tirania.

Opróbrio, s. Ignomínia profunda, infâmia, deshonra.

Órbita, s. Curva que um astro descreve em volta de outro. *Fig.* Esfera de ação. Cavidade na qual se acha o globo do ôlho.

Outorgar, v. Aprovar, conceder, dar.

P

Pacifismo, s. Doutrina dos que querem a paz a todo o transe.

Paço, s. Residência suntuosa de uma grande personagem. Palácio. Edifício onde funciona a câmara municipal: *paço municipal*.

Paliçada, s. Barreira; cercado feito com estacas, que se fincam na terra ao lado umas das outras.

Pálio, s. Cobertura de tecido, portátil e sustentada por varas, que se leva em cortejos ou procissões, para

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

cobrir a pessoa que se festeja ou o sacerdote.

Parábola, s. Alegoria sob a qual se esconde uma verdade importante: *Jesus Cristo falava muitas vezes por parábolas.*

Parco, adj. Extremamente poupado, econômico.

Parlamentar, adj. Relativo ao parlamento. Que é conforme à elevação de linguagem própria de um parlamento: *expressão pouco parlamentar. S.* Membro de um parlamento. Senador ou deputado.

Parlamento, s. Nome sob o qual se designam as assembléias legislativas.

Pavilhão, s. Tenda redonda ou quadrada. Pequena casa, pequena edificação. Parte externa do ouvido. Bandeira, estandarte.

Pecuniário, adj. Relativo a dinheiro. Que consiste em dinheiro.

Pejado, adj. Cheio, carregado.

Pêjo, s. Pudor, vergonha, acanhamento.

Pendão, s. Bandeira, estandarte.

Penhora, s. Apreensão de bens de um devedor, para pagamento judicial.

Perene, adj. Perpétuo, eterno, sem fim. Incessante, contínuo.

Permanente, adj. Que dura sem intermitência nem mudança. Que é destinado a durar muito.

Pero Vaz de Caminha. Escrivão da armada de Pedro A'lvares Cabral na viagem em que foi descoberto o Brasil. Escreveu a D. Manoel I, rei de Portugal, uma extensa carta com a narrativa do descobrimento. *Pero* é forma antiga do nome *Pedro.*

Perspetiva, s. Arte de representar os objetos com as modificações aparentes neles produzidas pela distância e pela posição. Aspeto com que se apresentam os objetos, vistos de longe; panorama. Esperança ou receio de uma coisa provavel: *ter a perspetiva de uma herança, de um revés. Em perspetiva*, loc. adv. Num futuro mais ou menos próximo: *ter um bom negócio em perspetiva.*

Pertinácia, s. Obstinação, teima, tenacidade.

Pertinaz, adj. Obstinado, teimoso, tenaz.

Pessimismo, s. Opinião ou sistema dos que pensam que tudo é mau e vai mal.

Píncaro, s. A parte mais elevada de qualquer coisa, o cume.

Plaino, s. Planície, chapada, terreno plano.

Porfia, s. Discussão, con-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

tenda de palavras. Insistência, pertinácia, constância.

Porfioso, adj. Insistente, teimoso. Aturado, contínuo.

Porte, s. Preço pago pela condução de alguma coisa: *pagar o porte de uma carta.* Aspeto físico de uma pessoa: *porte altivo.*

Pórtico, s. Portal de edifício nobre.

Possante, adj. Que tem fôrça; vigoroso, poderoso.

Posteridade, s. As gerações futuras.

Postiço, adj. Acrescentado a uma obra, que já estava concluída. Falso, artificial: *cabelo postiço.*

Preconceito, s. Idéia, conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério. Superstição: *o receio do número 13 é um preconceito.*

Prerrogativa, s. Previlégio, regalia, direito.

Presa, s. Aquilo de que o animal carniceiro se apodera para comer. Aquilo de que o homem se apodera com violência. Os objetos tomados ao inimigo.

Prescrição, s. Ordem formal e explícita.

Prestígio, s. Influência, fascinação, encanto.

Primazia, s. Superioridade de categoria, prioridade. Primor, excelência.

Primitivo, adj. Relativo ao primeiro estado das coisas.

Próceres, s. Os homens mais importantes de uma classe ou de uma nação.

Proeminência, s. Estado do que é mais elevado do que aquilo que o rodeia. Parte proeminente, saliência, relêvo.

Proficiente, adj. Que executa as coisas com perfeição. Habil, destro. Vantajoso, profícuo.

Projetil, adj. Que pode ser arremessado. S. Qualquer corpo lançado com fôrça pela polvora, por meio de molas ou pela mão — Em Portugal a pronúncia desta palavra é *projétil*, pronúncia que está de acôrdo com a etimologia. No Brasil, entretanto, é corrente a pronúncia *projetíl.*

Prol, s. Vantagem, proveito. *Em prol de*, loc. prep. Em favor de.

Propagandista, s. Pessoa que faz propaganda.

Propalar, v. Espalhar, fazer publicar, divulgar.

Propugnador, s. Defensor.

Protocolar, adj. Relativo ao protocolo, isto é, ao cerimonial, às formalidades adotadas nas relações internacionais, nas recepções e festas das autoridades.

Provação, s. Situação aflitiva, transe, infortúnio, que põe à prova a coragem.

Provento, s. Proveito, rendimento, lucro.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Pugilo, s. Punhado, porção que se pode conter na mão fechada; mão cheia. Pequeno número: *um pugilo de soldados.*

Pungente, adj. Doloroso, lancinante, aflitivo.

Q

Quilate, s. A maior pureza ou perfeição do ouro e das pedras preciosas. *Fig.* Excelência, superioridade, perfeição.

Quimera, s. Monstro fabuloso. Fantasia, produto da imaginação, coisa imaginária.

R

Rebôjo, s. Desvio, ou redemoinho de vento, formado por obstáculo que lhe muda a direção primitiva.

Rechaçar, v. Repelir. Fazer retroceder, opondo resistência Desbaratar.

Recíproco, adj. Que se realiza entre duas pessoas ou objetos que atuam um no outro: *amizade recíproca, ódio recíproco.* Alternativo, mútuo.

Redenção, s. Resgate. Salvação.

Redivivo, adj. Que voltou à vida; ressuscitado, renovado.

Regaço, s. A superfície ou concavidade formada pela roupa, entre os joelhos e a cintura de uma mulher sentada. *Fig.* Espaço médio, interior. Lugar onde se descansa: *no regaço da amizade.*

Relance, s. Vista de olhos. Movimento rápido.

Relíquia, s. Parte do corpo de um santo. Qualquer objeto que pertencia a um santo ou servia em algum ato que lhe dizia respeito. *Fig.* Restos respeitaveis, ruínas históricas.

Reminiscência, s. Faculdade de reter e reproduzir conhecimentos adquiridos; memória. Lembrança vaga e quasi apagada.

Renhido, adj. Disputado com ardor, encarniçado.

Réprobo, s. Malvado.

Requesta, s. Contenda, briga.

Rês, s. Qualquer quadrúpede, que serve para alimento do homem.

Resfolegar, v. Tomar fôlego. Expelir, golfar. *Fig.* Ter descanso, repousar. Tambem se usa a fórma *resfolgar.*

Resíduo, s. Aquilo que resta. Restos.

Responsabilidade, s. Obrigação de responder ou dar contas pelos próprios atos, pelos de outrem ou por uma coisa confiada.

Retaguarda, s. Parte de um corpo de tropas, que ocupa o último lugar. A parte posterior.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Retrogradação. s. Recuo, atraso.

Retrógrado, adj. Que recua, que se realiza para trás: *marcha retrógrada*. *Fig*. Que é contrário ao progresso: *espírito retrógrado*.

Riçado, adj. Encrespado, encarapinhado, encaracolado.

Ridente, adj. Que ri; satisfeito, alegre.

Rodízio, s. Peça do moínho de água, que faz andar a mó. Rodinha metálica que se adapta aos pés dos móveis, para serem movidos com facilidade. Peça girante com que se dá às peças de artilharia a direção conveniente.

Rol, s. Relação, lista.

Roteiro, s. Descrição escrita dos pontos que é necessário conhecer, para fazer uma viagem. Descrição de uma grande viagem marítima ou terrestre. Indicação metódica da situação e direção das estradas, ruas, praças, etc. de uma povoação. Itinerário. *Fig*. Regulamento. Programa de vida.

Rural, adj. Relativo ao campo, que está no campo, que é próprio do campo; rústico.

Rústico, adj. Relativo ao campo ou próprio dêle, rural. Grosseiro, rude.

Rutilante, adj. De um vermelho resplandecente, que brilha com vivo fulgor; resplandecente.

S

Sadío, adj. Que é bom ou próprio para a saúde. Higiênico. Que tem boa saúde, saudavel.

Saltério, s. Antigo instrumento musical de cordas metálicas.

Sanhudo, adj. Cheio de sanha; irado, furioso.

Sedento, adj. Que tem sêde; sequioso.

Selar, v. Pôr a sela ou o selim ao cavalo, burro, etc. Aplicar um sinete em. Pôr sêlo em. Cerrar, fechar.

Senda, s. Caminho estreito, atalho, vereda.

Sequestrar, v. Por uma coisa em sequestro. Encerrar ilegalmente uma pessoa. Apoderar-se ilegalmente. Isolar.

Sequestro, s. Depósito de uma coisa litigiosa, por ordem judicial ou por convenção das partes, entre as mãos de terceiro, que a deve conservar até a decisão definitiva.

Sião, ou *Sion*, s. Uma das colinas de Jerusalem, muitas vezes tomada como sinônimo de Jerusalem.

Sinuoso, adj. Que descreve curvas, cheio de voltas; tortuoso.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Soalheira, s. Grande ardor do sol, calor.

Soberania, s. Autoridade suprema, poder supremo.

Sóbrio, adj. Moderado no comer e no beber. Moderado, parco.

Sofisma, s. Argumento ou raciocínio falso, formulado com o fim de induzir em êrro. Engano, lôgro.

Solidário, adj. Que faz que, dentre várias pessoas, cada uma seja obrigada diretamente pelas dívidas ou pelos atos dos outros. Responsavel.

Solitária, s. Nome de um verme intestinal. Prisão isolada, onde o prisioneiro fica sujeito a severo regimen.

Sopetão (de), loc. adv. De modo imprevisto, rápido. Arrebatadamente.

Sorrateiro, adj. Que faz as coisas à calada; matreiro.

Sparta ou *Esparta*, e tambem *Lacedemônia*. Famosa cidade da antiga Grécia.

Súbdito, s. O que está sujeito à vontade de outrem. O que está sujeito à autoridade de um monarca.

Submergir, v. Cobrir de água, inundar. Afundar, fazer desaparecer completamente n'água.

Subserviência, s. Servilissimo. Condescendência em excesso.

Sufrágio, s. Voto numa eleição. *Sufrágio universal*, regimen, eleitoral, em que todos os cidadãos, de maioridade e não incapazes por lei, teem direito de voto.

Sugestivo, adj. Que sugere, que inspira; inspirador.

Sulco, s. Rêgo que o arado abre na terra. Esteira, rastro que o navio deixa atrás de si, cortando as águas. *Fig.* Vestígio, rastro. traços.

Sumidade, s. A parte mais elevada. *Fig.* Personagem distinta pelo seu talento, virtude, fortuna, etc.; notabilidade.

Suntuoso, adj. Magnífico, esplêndido.

Supersticioso adj. Que tem superstição, isto é, desvio do sentimento religioso, que induz a crear falsas obrigações, a temer coisas que nenhum temor devem inspirar, ou a depositar confiança em coisas vãs.

Supremo, adj. Que está acima de tudo.

Susceptibilidade s. Capacidade de receber impressões. Disposição a melindrar-se ou ofender-se facilmente. Melindre.

T

Taba, s. Pequena povoação de indígenas do Brasil.

Tacape, s. Arma contundente de madeira, usada pelos indígenas do Brasil.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Taprobana, s. Nome hoje desusado da ilha de Ceilão, na A'sia.

Té, adv. O mesmo que *até*, forma usada na poesia.

Tenacidade, s. Apêgo obstinado a uma idéia, persistência.

Tenaz, adj. Persistente, obstinado. *S.* Instrumento de ferro, que serve para segurar ou arrancar alguma coisa.

Tenda, s. Loja em que se vendem gêneros alimentícios. Pavilhão ou barraca de lona, empregada especialmente nas campanhas, para abrigar das intempéries.

Tenebroso, adj. Sombrio, escuro, medonho.

Tepidez, s. Estado daquilo que é tépido. Mornidão.

Tépido, adj. Morno, que está entre frio e quente.

Terceiro ou *terceira pessoa*, s. Medianeiro, mediador, intermediário; aquele que intervem para estabelecer um acôrdo, uma reconciliação entre duas pessoas.

Tisnar, v. Ennegrecer (com fumo ou carvão). Requeimar, queimar. *Fig.* Manchar, macular.

Tolerância, s. Indulgência por aquilo que não se pode ou não se quer impedir; condescendência.

Tonel, s. Vasilha de madeira para líquidos, cuja capacidade é igual a duas pipas ou 840 litros. *O tonel do grego* a que se refere a poesia *O homem forte* é o tonel de Diógenes, filósofo grego que andava descalço, dormia debaixo dos pórticos, embrulhado na sua única e pobríssima capa, e tinha por habitual morada um tonel.

Torrão, s. Pedaço de terra, terreno, solo. *O torrão natal*, a pátria.

Torvelim, s. Movimento rápido de rotação ou em espiral. Massa de ar ou de água, que gira rapidamente. Torvelinho, turbilhão, sorvedouro, redemoínho, remoínho.

Tragédia, s. Poema dramático que representa uma ação importante em que figuram personagens ilustres. *Fig.* Acontecimento funesto.

Trágico, adj. Relativo a tragédia. *Fig.* Terrivel, sangrento.

Transe, s. Momento crítico, lance, perigo.

Transmutação, s. Mudança de uma coisa em outra, metamorfose, transformação.

Travessia, s. Ato ou efeito de atravessar uma região, um mar. Passagem.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Trêfego, adj. Austuto, manhoso. Inquieto, turbulento, buliçoso.

Tríbu, s. Aglomeração de famílias ou de povos, sob a autoridade de um chefe, que vivem na mesma região e que provem de um tronco comum.

Tripulante, s. O que faz parte da tripulação de um navio. Marinheiro.

Trolha, s. Espécie de pá, em que o pedreiro tem a cal de que se vai servindo.

Tronco, s. Parte da árvore compreendida entre a raiz e os primeiros ramos ou pernadas, O corpo do homem, considerado sem a cabeça e sem os braços e as pernas. Prisão, cárcere. Origem de uma família.

Tropical, adj. Relativo aos trópicos. Que se acha entre os trópicos. As regiões tropicais ou inter-tropicais são as mais quentes do globo e formam a zona tórrida.

Trucidar, v. Matar barbaramente, com crueldade. Degolar.

Tuba, s. E' termo poético. O mesmo que trombeta.

Túrbido. adj. Que perturba. Escuro, turvo.

Turiferário, s. O que leva o turíbulo nas cerimônias religiosas. *Fig.* Adulador.

U

Ulular, v. Soltar voz triste e lamentosa. Uivar.

Unilateral, adj. Situado de um só lado. *Irmão unilateral*, irmão só por parte de pai ou só por parte de mãe, V. *Germano*.

Urbanidade, s. Civilidade, cortesia, afabilidade.

Urbano, adj. Relativo à cidade. Afavel, cortês, civilizado.

Urgir, v. Ser necessário sem demora: *urge partir*. Fazer exigência, instar: *as circunstâncias urgem energia*.

Usufruír, v. Ter a posse e o gôzo de (alguma coisa, que não se póde alienar ou destruir). Gozar.

V

Vacilar, v. Não estar firme, cambalear, oscilar, tremer.

Válido, adj. São, vigoroso. Que tem valor legal: *contrato válido*. — Não confundir com *valido*, querido, estimado, protegido.

Vassalo, s. Pessoa ligada a um senhor por certas obrigações.

Veador, s. Caçador.

Vernaculidade, s. Pureza, correção, propriedade dos termos, das palavras ou da construção gramatical.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Veste, s. Vestuário, roupa, vestidura, vestimenta.

Viela, s. Rua estreita, beco.

Vitupério, s. Insulto, injúria, ação vergonhosa, infâmia.

Vivenda, s. Habitação, morada, casa.

Vivandeira, s. Mulher que acompanha o exército e vende aos soldados comestíveis, bebidas, etc.

Voluntariado, s. Qualidade de voluntário no exército. Serviço dos voluntários. Classe dos voluntários.

Voluntário, adj. Que se faz por um ato de vontade. — S. Soldado que serve no exército, sem a isso ser obrigado.

Voragem, s. Sorvedouro, abismo.

Votário, s. Venerador, sequaz.

W

Washington (Jorge). Um dos fundadores da República dos Estados Unidos da América do Norte, da qual foi o primeiro presidente.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

ÍNDICE

Nos.		Pag.
1.	Hino ao Creador (*Domingos G. de Magalhães*)	7
2.	A família (*Henrique Coelho*)	8
3.	A avòzinha (*Carlos Porto Carreiro*)	10
4.	O poder da família (*Samuel Smiles*)	11
5.	O avô (*Olavo Bilac*)	12
6.	Amor de mãe (*Edmundo d'Amicis*)	13
7.	Ser mãe (*Coelho Neto*)	16
8.	Meu pai (*Júlia Lopes ce Almeida*)	17
9.	Em família (*Afonso Celso*)	18
10.	Solidariedade familiar	19
11.	A leoa (*Raimundo Corrêa*)	21
12.	Parentesco	22
13.	A casa (*Olavo Bilac*)	25
14.	Higiene da habitação (*José Rangel*)	26
15.	Ubi natus sum (*Luiz Delfino*)	27
16.	Inviolabilidade de domicílio (*Araujo Castro*)	28
17.	Domus aurea (*Cruz e Souza*)	30
18.	O torrão natal (*Joaquim Manoel de Macedo*)	31
19.	Visita à casa paterna (*Luiz Guimarães Júnior*)	32
20.	A pequena pátria (*Marcos Konder*)	33
21.	De volta à terra (*Paulo Setúbal*)	34

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Nos.		Pgs.
22.	A Pátria (*Rui Barbosa*)	38
23.	A Pátria (*Aquino Corrêa*)	38
24.	Pindorama (*Eurico Góis*)	40
25.	Terra do Brasil (*D. Pedro II*)	41
26.	Língua portuguesa (*Afrânio Peixoto*)	42
27.	Terra de Santa Cruz (*Rosalina Coelho Lisboa*)	43
28.	Direitos e deveres (*Graco Cardoso*)	44
29.	O semeador (*Amélia Rodrigues*)	46
30.	Ensinemos o Brasil aos brasileiros (*Lauro Müller*)	48
31.	O trabalho (*Rui Barbosa*)	51
32.	Trabalhar (*Rui Barbosa*)	51
33.	O trabalho, lei universal (*Marco Aurélio*)	52
34.	Comportamento escolar (*João de Deus*)	53
35.	A cidade da luz (*Luiz Delfino*)	54
36.	Os livros (*Vieira*)	56
37.	Ler e refletir (*Rui Barbosa*)	56
38.	A guerra (*Vieira e Rui Barbosa*)	57
39.	A paz e a guerra (*A. Mário Caldeira Brant*)	58
40.	A paz (*Belmiro Braga*)	61
41.	Apêlo à mocidade (*Pedro Lessa*)	62
42.	Na defesa do solo (*Álvaro Borges dos Reis*)	64
43.	Oração à bandeira (*Olavo Bilac*)	65
44.	À bandeira (*Aquino Corrêa*)	68
45.	Os portugueses (*Afonso Celso*)	70
46.	Cantando, espalharei (*Camões*)	71

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Nos.		Pgs.
47.	Língua portuguesa (*Olavo Bilac*)	72
48.	Os grandes índios (*Viriato Corrêa*)	73
49.	José de Anchieta (*Machado de Assis*)	78
50.	Os negros (*Afonso Celso*)	80
51.	O homem forte (*Gonçalves Dias*)	81
52.	Virtude e ciência (*A. F. de Castilho*	83
53.	O homem magnânimo (*Aristóteles*)	84
54.	Sete de setembro (*Casimiro de Abreu*)	85
55.	Inteireza dos Andradas (*Vasconcelos de Drummond*)	86
56.	Para a paz e para a liberdade (*Lauro Müller*)	88
57.	Ao Brasil (*Fagundes Varela*)	89
58.	Deixem isto para as mulheres (*B. de Sousa*)	90
59.	Heroínas brasileiras (*O. Duque Estrada*)	94
60.	Liberdade (*Antônio Carlos*)	97
61.	José da Silva Mafra (*Joaquim Manoel de Macedo*)	98
62.	Rosa Maria Paulina da Fonseca (*Sílvio Romero*)	100
63.	Simplicidade, felicidade (*Guilherme de Almeida*)	101
64.	Uma heroína (*Lemos Brito*)	102
65.	O pessimismo nas escolas (*Araripe Junior*)	105
66.	Amor à profissão (*Emílio Faguet*)	107
67.	Hino do trabalho (*A. F. de Castilho*)	109
68.	A campanha de trigo (*Adolfo Konder*)	110
69.	Dever de solidariedade (*Carlos Góis*)	111
70.	A paixão da verdade (*Rui Barbosa*)	115
71.	A Pátria (*Antônio Sales*)	117

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Nos.		Pgs.
72.	Impostos (*Jônatas Serrano*)	117
73.	Joaquim Nabuco (*Henrique Coelho*) . . .	119
74.	Cons. Jerônimo Coelho (*José Boiteux*) . .	122
75.	Marechal Deodoro (*Luiz Murat*)	124
76.	O velho guia (*Alfredo d'Escragnolle Taunay*) .	126
77.	Mauá (*Alberto de Faria*)	130
78.	Lavra sempre (*Amadeu Amaral*)	133
79.	Os criminosos do machado (*Adolfo Konder*) .	134
80.	Felipe Schmidt (*Edmundo da Luz Pinto*) . .	135
81.	As boas ações (*Rui Barbosa*)	136
82.	Trajano de Carvalho (*Henrique Boiteux*) . .	137
83.	Caxias (*Gustavo Capanema*)	140
84.	A águia e o Sol (*Joaquim Serra*)	143
85.	O ideal (*Rui Barbosa*)	144

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

MAPA DO ESTADO

de

Santa Catarina

adotado nas escolas públicas do Estado

Escala: 1.800.000

com indicações minuciosas dos limites, das divisas municipais, das cidades, vilas e freguesias, das estradas de ferro e de rodagem, dos rios, serras, pontes e balsas

PREÇO:

Em papel	5$000
Dobrado e forrado, para viajante . . .	10$000
Forrado e aparelhado	12$000

Pedidos à **LIVRARIA CENTRAL**

FLORIANÓPOLIS

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

LIVRARIA CENTRAL

— DE —

ALBERTO ENTRES

FLORIANOPOLIS

CAIXA POSTAL, 131 — TELEFONE 1.[illegible]0

Endereço telegráfico: "Entres,,

OFICINAS GRÁFICAS

de impressão, pautação e encadernação.

FABRICA DE LIVROS EM BRANCO E COMERCIAIS

Premiada com medalha de prata na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922

Papelaria e Livraria

Completo sortimento de Artigos Escolares

Cadernos - Taboadas - Borrachas - Compassos

Penais - Lapis - Pennas - Pastas - Colegiais -

- - - Regoas - Tintas - Louzas - - -

Stock permanente de todos os livros adotados nas Escolas Públicas do Estado e Estabelecimentos de Instrução Primaria, Secundaria e Superior.

ARTIGOS DE PINTURA E DESENHO

Preços especiais por atacado.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina